

77211110

4-C-55

23

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

Curso C-PEM

Partido

Solução do P-III-4 (Mo) MONOGRAFIA

Apresentada por

.....
RICARDO ANTONIO DA VEIGA CABRAL

.....
CAPITÃO-DE-MAR-E-GUERRA

.....
NOME E POSTO



RIO DE JANEIRO

1988

El Brasil y El Oeste africano

- Las afinidades;
- Histórico de las relaciones;
- Relación actual; énfasis para los países de lengua portuguesa;
- La Zona de Paz e ^{Cooperación} ~~Cooperación~~ de Atlántico Sur;
- Posibles consecuencias para el Occidente de un relación más intensa entre el Brasil y los nuevos países del oeste africano.

- O BRASIL E OS NOVOS PAÍSES DO OESTE AFRICANO -

RICARDO ANTONIO DA VEIGA CABRAL
Capitão-de-Mar-e-Guerra



MINISTÉRIO DA MARINHA
ESCOLA DE GUERRA NAVAL

1988

MM - EGN
BIBLIOTECA
15/02/1989
N: 1.658

GN-00003724-4

EAD ACERVO

79588

EXEMPLAR

103129



MINISTERIO DA MARINHA
ESCOLA DE GUERRA NAVAL
1988

Cabral, Ricardo Antonio da Veiga
 O Brasil e os novos países do Oeste africano - Rio de Janeiro: EGN, 1988
 50 p.
 Bibliografia
 Monografia: C-PEM, 1988
 1. Brasil - Relações exteriores - África, Oeste. 2. África, Oeste - Relações exteriores - Brasil. 3. Atlântico Sul. I. Brasil. Escola de Guerra Naval. II. Título

EXTRATO

O relacionamento entre o Brasil e os novos países do Oeste africano é analisado desde a época colonial em seus diversos aspectos históricos, geográficos, étnicos e culturais. São abordados os temas mais relevantes nos campos político, econômico e militar, procurando enfatizar as ligações com os países de maior identidade cultural, os lusófonos. A partir daí, procura identificar os setores onde o intercâmbio seria mais facilmente implementado com os reflexos da cooperação militar e da contribuição do Poder Marítimo em sua maior abrangência no Atlântico Sul, em especial com a criação da Zona de Paz e Cooperação.

O trabalho aborda também as repercussões na Marinha do Brasil e no Ocidente em geral, caso se estreitem os laços entre o Brasil e a África Atlântica Subsaariana.

2

TEMA: O BRASIL E OS NOVOS PAÍSES DO OESTE AFRICANO

Tópicos a abordar: - Afinidades étnicas, históricas, culturais e geográficas entre o Brasil e os países da África Ocidental.

- Histórico das relações do Brasil com o Oeste africano.

- Relacionamento atual nos campos político, econômico e militar; ênfase para os países africanos de língua portuguesa.

- Perspectivas de fortalecimento das relações Brasil-África Ocidental.

- Identificação dos campos de intercâmbio mais favoráveis.

* - A importância da Cooperação Militar com os países da África Ocidental.

* - Contribuições do Poder Marítimo brasileiro para o desenvolvimento das relações.

- A Zona de Paz e Cooperação do Atlântico Sul e suas conseqüências.

- Repercussões das relações Brasil-África Ocidental para a MB, sob os aspectos estratégicos, operativos e logísticos.

- Possíveis conseqüências para o Ocidente de um relacionamento intenso entre o Brasil e os novos países do Oeste africano.

PROPOSIÇÃO: Analisar as relações entre o Brasil e os novos países do Oeste africano, considerando as afinidades étnicas, históricas, culturais e geográficas, o relacionamento atual com ênfase para os países de língua portuguesa, identificando os campos de intercâmbio mais favoráveis, a importância da Cooperação

Militar e as contribuições do Poder Marítimo brasileiro para o desenvolvimento daquele relacionamento, a criação da Zona de Paz e Cooperação do Atlântico Sul e as repercussões que as relações possam ter no contexto naval brasileiro, em particular, e no Ocidente em geral.

Í N D I C E

	FOLHA
Lista de Figuras	V
Introdução	VI
CAPÍTULO 1 - OS ANTECEDENTES E O RELACIONAMENTO ATUAL	1
- SEÇÃO I - AFINIDADES ÉTNICAS, HISTÓRICAS, CULTURAI S E GEOGRÁFICAS ENTRE O BRASIL E OS PAÍSES DA ÁFRICA OCIDENTAL	1
- SEÇÃO II - HISTÓRICO DAS RELAÇÕES COM O OESTE AFRICANO	5
- SEÇÃO III - RELACIONAMENTO ATUAL E PERSPECTIVAS DE FORTALECIMENTO NOS CAMPOS POLÍTICO, ECONÔMICO E MILITAR; ÊNFASE PARA OS PAÍSES LUSÓFONOS AFRICANOS; IDENTIFICAÇÃO DOS SETORES DE INTERCÂMBIO MAIS FAVORÁVEIS.....	11
Mauritânia, Gâmbia, Serra Leoa, Libéria, Benin e Guiné Equatorial.....	13
Senegal	16
Guiné	17
Costa do Marfim	18
Gana	19
Togo	20
Nigéria	21
Camarões	23
Gabão	23
Congo	25
Zaire	26
Angola	27
Guiné-Bissau e Cabo Verde	31
São Tomé e Príncipe	33
CAPÍTULO 2 - A INFLUÊNCIA BRASILEIRA NA ÁFRICA OCIDENTAL	35
A importância da Cooperação Militar com os países da África Ocidental	35
Contribuição do Poder Marítimo brasileiro para o desenvolvimento das relações	37
CAPÍTULO 3 - PERSPECTIVAS	40
A Zona de Paz e Cooperação do Atlântico Sul e suas conseqüências	40
Repercussões das relações Brasil-África Ocidental para a MB, sob os aspectos estratégicos, operativos e logísticos	43
Possíveis conseqüências para o Ocidente de um relacionamento intenso entre o Brasil e os novos países do Oeste africano.	45
CAPÍTULO 4 - CONCLUSÃO	47
ANEXO A - AS PRINCIPAIS ZONAS FRANCAS NA ÁFRICA	A-1
ANEXO B - BALANÇA COMERCIAL BRASIL x ÁFRICA	A-2
ANEXO C - COMÉRCIO EXTERIOR COM A ÁFRICA DE 1983 a 1987	A-3
ANEXO D - INTERCÂMBIO COMERCIAL: PRINCIPAIS FIRMAS E PAÍSES	A-5

ANEXO E - PETRÓLEO AFRICANO: RESERVAS, PRODUÇÃO E CAPACIDADE DE REFINO	A-9
ANEXO F - BRASIL x ÁFRICA OCIDENTAL: IMPORTAÇÃO/EXPORTAÇÃO DE PETRÓLEO E DERIVADOS	A-10
ANEXO G - ATLÂNTICO SUL - INFORMAÇÕES CONSOLIDADAS .	A-11
ANEXO H - COMÉRCIO EXTERIOR PAÍSES SELECIONADOS	A-13
BIBLIOGRAFIA	A-25

LISTA DE FIGURAS

FIGURA Nº	TÍTULO	FOLHA
1	LÍNGUAS MAIS FALADAS NA ÁFRICA	5-A
2	O TRÁFICO NEGREIRO	6-A
3	O COLONIALISMO EUROPEU NA ÁFRICA (1914) .	9-A
4	OS PAÍSES DA ACP (ACORDO DE LOMÉ III)..	20-A
5	AS ÁREAS CONTROLADAS PELA SWAPO E UNITA EM ANGOLA	28-A
6	A BRASPETRO E A EXPLORAÇÃO NA PLATAFOR MA CONTINENTAL ANGOLANA	39-A
7	O TRÁFEGO MARÍTIMO DE INTERESSE BRASI LEIRO	43-A

INTRODUÇÃO

O Brasil sempre teve reservado para a África um lugar especial em sua história. Afinal, foi de lá que surgiu, bem ou mal, a alavancagem de sua economia tanto agrícola quanto ^xestrativa. Esse passado comum, essa fonte de miscigenação de seu povo, trouxe conseqüências que alcançam os dias atuais e que, indubitavelmente, marcaram a nacionalidade brasileira.

O continente negro sofreu êxodos contínuos durante nosso período colonial até quase a República, não exclusivamente com destino brasileiro, mas muito especialmente para ele. Se os laços comuns se afrouxaram depois por cerca de um século, eles tendem agora a se estreitarem. O Brasil procura a África e a África procura o Brasil. Objetivos bem distintos dos daquela época. Interessa alternativas para expansão econômica, bem como suas repercussões na política internacional. Interessa, do lado africano, o desenvolvimento básico de infra-estrutura e o apoio de uma das lideranças do Terceiro Mundo. Ambos possuidores de passado comum, o colonialismo, ambos buscando no diálogo Sul-Sul a solução para seus problemas, no universo cada vez mais competitivo e exclusivista dos desenvolvidos. Ambos, enfim, procurando viabilizar a complementaridade tanto econômica quanto política.

O presente trabalho procura, assim, tratar do relacionamento Brasil-Oeste africano partindo de bases comuns, históricas e geográficas bem como étnicas e culturais. São enfocados os principais aspectos políticos e econômicos de cada um dos vinte países que compõem a África Ocidental, destacando-se aqueles possuidores de relevância para o Brasil. O campo militar é focado especialmente quanto à possibilidade de maior cooperação brasileira e de contribuição do Poder Marítimo na atual conjuntura africana.

Finalmente, antes da conclusão, é procedido um esforço de

previsão para a Marinha, tanto sob o ponto de vista estratégico e operativo, quanto logístico dessa tentativa brasileira de reaproximação com a África. Como corolário, é estendida a previsão ao Ocidente em geral, face aos inexoráveis reflexos que adviriam para as Relações Internacionais de uma mais solidária, ativa e participante comunidade sul-atlântica com o advento da Zona de Paz e Cooperação.

Necessário se faz uma observação quanto à abordagem do tema. A fim de delimitar o assunto, foi considerado Oeste africano o conjunto de países da África Subsaariana banhados pelo Oceano Atlântico até o limite setentrional da África Austral. Angola, geralmente admitida, inclusive pelo Ministério das Relações Exteriores, como integrante desta última região, é incluída no presente estudo, em razão de seu relevante papel, como o mais significativo país lusófono do continente negro para o Brasil.

Errado!
África
Austral
inclui
Angola.

CAPÍTULO 1

OS ANTECEDENTES E O RELACIONAMENTO ATUAL

SEÇÃO I - AFINIDADES ÉTNICAS, HISTÓRICAS, CULTURAIS E GEOGRÁFICAS ENTRE O BRASIL E OS PAÍSES DA ÁFRICA OCIDENTAL

A semelhança das formações geológicas das terras do hemisfério sul levou Eduard Suess, geólogo austríaco, a formular, quase ao final do século XIX, a teoria geralmente aceita "GONDWANA", o continente único ligando América do Sul, África, Índia, Austrália e Antártida, que se teria rompido em diferentes direções em consequência de fortes pressões tectônicas.

De fato, a costa atlântica da América do Sul tem um recorte que se encaixa perfeitamente na costa ocidental da África. A teoria se confirma através das estruturas idênticas do nosso planalto central com o platô africano e nos vales de grandes rios como o Amazonas e o Congo.

Contudo, a fisiografia do continente negro dificultou a penetração para o interior, ao contrário do ocorrido no Brasil, onde os rios desempenharam, via de regra, papel histórico de acesso ao continente. Como assinala Therezinha de Castro, quando um curso d'água, na África Atlântica, oferece rota fácil de penetração para o interior vai atingir uma região semi-árida ou arenosa como é o caso do rio Gâmbia. Outros, como o Congo e Niger, são encachoeirados face à proximidade da costa ao planalto, restando entre esse e o litoral uma estreita faixa de terra. Resulta, assim, um perfil geográfico semelhante a um prato emborcado.

Essa característica fisiográfica, aliada às correntes contrárias à navegação vinda do Norte, parece ter contribuído para levar os europeus a colonizar primeiramente a América, fazendo da África ponto de exploração de ouro, marfim e, em especial, de negros escravos até o século XIX. Não se organizaram naquele continente os agrupamentos geopolíticos verificados no Brasil e sim

apenas estabelecimentos costeiros que, à semelhança dos castelos medievais, abrigavam, em vez de prisioneiros em seus calabouços, os negros escravos.

Em compensação, as ilhas litorâneas africanas vieram desempenhar papel pioneiro no estabelecimento posterior na zona costeira em virtude da maior facilidade de ocupação e defesa. Tal fato vai se verificar no arquipélago de Cabo Verde, núcleo onde nasceu a Guiné e posteriormente ponte para os franceses controlarem o Senegal. Bolama, ponto histórico de colonização de Guiné-Bissau; São Tomé, núcleo irradiador das feitorias do golfo da Guiné, origem dos atuais territórios da Nigéria, Camarões e Gabão; Príncipe, Fernando Pó, Annobón e as Canárias são outros exemplos geohistóricos importantes, como foi Zanzibar do lado do Índico.

Face às ameaças e as incertezas das sucessivas colonizações européias na costa atlântica africana - primeiro os portugueses e espanhóis, depois os holandeses e, já no século XIX, os ingleses e franceses a que se vieram juntar os alemães, os italianos e os belgas, consequência da política das nacionalidades na Europa, o mar, as coisas do mar e seus homens vão representar, para a maioria dos africanos, forças hostis à sua sobrevivência.

De qualquer modo, a África Ocidental representou um papel muito importante e mais próximo do Brasil que o Estado do Grão-Pará e Maranhão que, apesar de contíguo, estava mais ligado à Europa, particularmente Portugal.

Admite-se hoje tenha sido a África o berço da raça humana. Poderiam ser aqui alinhados inúmeros dados que corroborariam com tal assertiva, porém os seguintes achados são significativos: o "Kenyanthropus Wickery", que Louis Leakey, em 1961, estimou em quatorze milhões de anos, o "Australopithecus de Leatelli", encontrado por Mary Leakey, em 1974, na Tanzânia,

estimado entre dois e cinco milhões de anos e os restos cranianas descobertos por Howell e Goppens, em 1969, no rio Omo, fronteira entre a Etiópia e o Quênia com idade entre um e quatro milhões de anos.

Não existem achados arqueológicos que comprovem a presença da raça humana na África Ocidental, datando da mesma época. Porém, desta distante linha ancestral por certo descende um dos grupos étnicos dos três (branco, negro e índio) que, de continentes diversos, moldaram durante três séculos a expressão coletiva de nossa nacionalidade quando, só então, imigrantes de outras etnias vieram emprestar sua mão-de-obra no episódio da construção da civilização brasileira.

Realmente, ainda não decorrera meio século da presença portuguesa no Brasil e já se iniciava a vinda de contingentes africanos, através do tráfico de escravos, fazendo com que, no alvorecer do século XIX, a composição demográfica de nosso País fosse mais negra do que branca.

No dizer de Silvio Romero, nessa época, tínhamos "a África em nossas cozinhas, a América em nossas selvas e a Europa em nossos salões", ao verificar que a argamassa de nossa sociedade era mais branco-negra que branco-indígena ou amarela.

Mas, de onde partiam aqueles contingentes africanos?

Os estudiosos do assunto afirmam ser difícil precisar exatamente, porém conquanto a maior parcela procedesse da África Ocidental, de Cabo Verde para o sul, devem ser considerados também aqueles oriundos das costas de Moçambique e do interior do continente, particularmente das tribos em guerra que, caindo prisioneiras, eram oferecidas ao tráfico.

Por outro lado, desempenhamos ativa influência na vida das comunidades africanas da margem atlântica. E, interessante notar, essa influência se faz presente sem a característica de intervenção de um estado colonizador (como Portugal), mas ao

contrário, foi preponderantemente voluntária, bem mais natural até que a colonização negro-estadunidense na Libéria, como as sinala Réclus, geógrafo francês.

Nigéria, Benin, Togo e Gana possuem famílias ostentando nomes bem luso-brasileiros como Vera-Cruz, Santos Martins, Borges da Silva, esta última construtora da catedral de Lagos, onde, por ocasião do Natal, há comemorações muito semelhantes ao nosso carnaval.

Togo deve sua independência a Silvanus Olympio que não escondia sua ascendência brasileira. A capital de Benin, Porto Novo, tem nome português, embora a língua oficial do país seja o francês, tal como em Togo. Festejos folclóricos como o bumba-meu-boi lembram as origens luso-brasileiras, assim como o culto ao Senhor do Bonfim celebrado anualmente em Porto Novo como o é em Salvador, *Bahia*.

No Brasil, as concepções religiosas africanas se nacionalizaram, porquanto a fé trazida pelos negros não possuía doutrina escrita e sim a prática. Tal aconteceu com a religião dos nagôs, através do conhecido candomblé, cuja aproximação com o catolicismo representou, segundo os sociólogos, a busca da sobrevivência e proteção no novo ambiente. Os trajes típicos, como das baianas, a cozinha regional, a capoeira e o batuque tiveram no negro suas referências e até no modo suave de pronunciar o português no Brasil, herdado das mães pretas aos filhos brancos.

Na Nigéria, país de expressão inglesa e religião influenciada tanto pelo protestantismo quanto pelo islamismo, não raro o brasileiro ^{nesta vista} é tido como católico, o que contribuiu para sua despersonalização, por temerem ser considerados herejes. Como curioso exemplo, temos uma mesquita brasileira construída em Lagos pela família Olaiya Salvador, de origem baiana e convertida ao islamismo. Os brasileiros que para lá emigraram levaram a

experiência de suas profissões e, por possuírem cultura superior à das tribos locais, acabaram se transformando em intermediários entre os colonizadores ingleses e os nativos.

Por outro lado, não ficaram entre nós as rivalidades tribais. Mesmo porque não encontramos na África unidade étnica ou cultural. Tampouco a língua constitui elemento de integração. Existem mais de oitocentos dialetos praticados, sendo o "swahili" o mais difundido. Três principais línguas são faladas no Oeste africano: o "haussa" (Norte da Nigéria até o Sul de Camarões), o "manding" (no Senegal e na Costa do Marfim) e o "lingala" (no Zaire) (Figura 1).

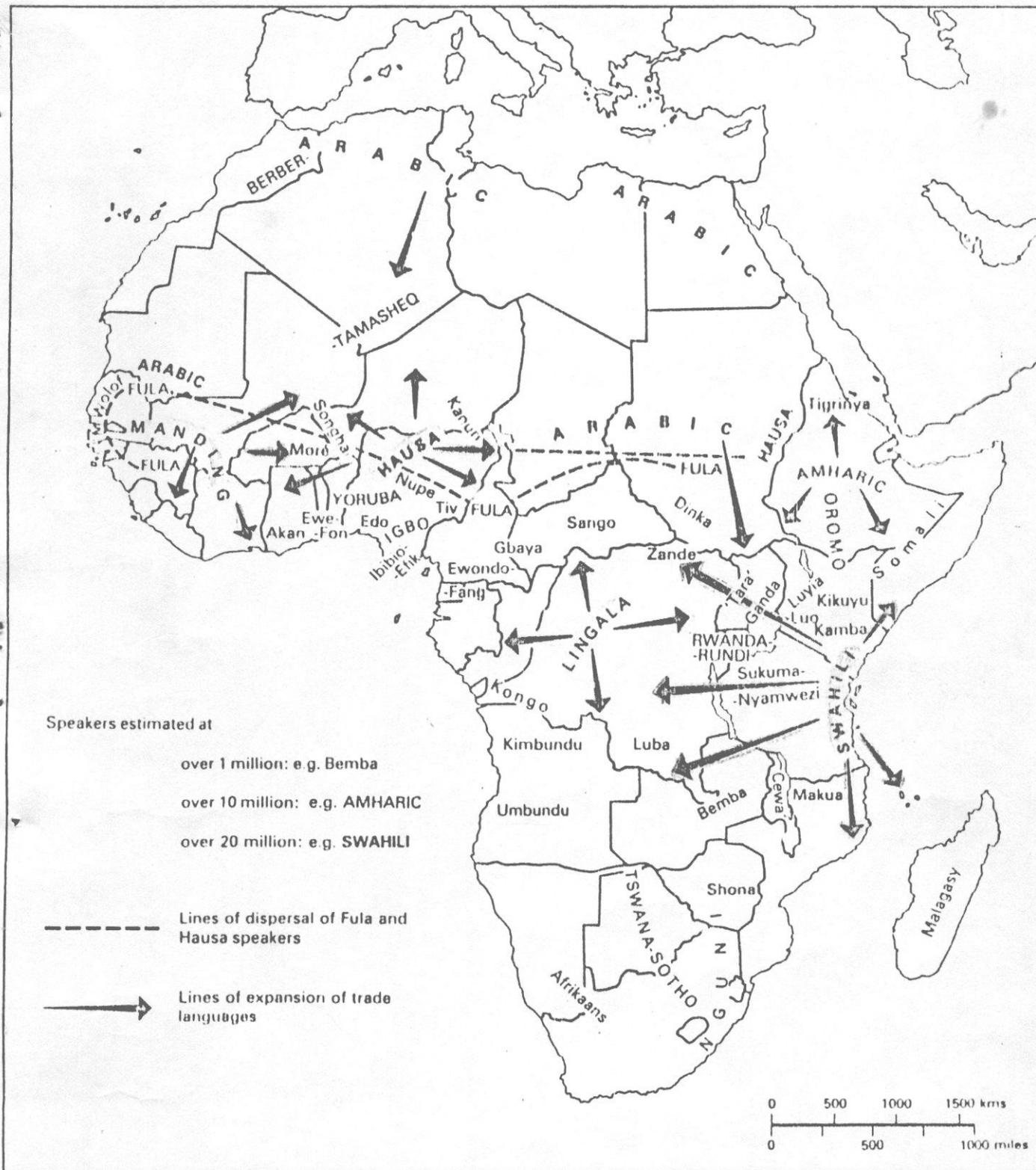
O fator fundamental que uniu os africanos foi a experiência comum, a odisséia do colonialismo europeu. Sua unidade, mormente naqueles países em que a descolonização se processou com luta, foi forjada em consequência do domínio europeu e do esforço para afastar aquele domínio (17:16).

Segundo assinala Chaves de Melo, embora menos extensa que a influência ^{indígena} tupi, a experiência africana atuou mais profundamente na língua portuguesa, ~~resultando num processo mais vertical, em contraste com o tupi, mais horizontal~~. Veja-se os inúmeros vocábulos como caçula, cachimbo, mulambo e quiabo todos africanos e abasileirados.

SEÇÃO II - HISTÓRICO DAS RELAÇÕES COM O OESTE AFRICANO

A história do relacionamento Brasil-África começa necessariamente pela via do tráfico negreiro.

Os primeiros negros vieram da costa ocidental da África, da chamada Guiné, expressão vaga na época e que, segundo Luiz Viana Filho, iria hoje do Senegal ao Orange. Esses negros descendiam de dois grupos importantes: os bantos e os sudaneses e que desde os séculos XVI e XVII foram trazidos para o Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco.



Map 1: Major Languages in Africa

Major languages within the Northern Area of Wider Affinity ("Hamito-Semitic"): ARABIC, AMHARIC, BERBER-TAMASHEQ, HAUSA, OROMO (=GALLA), Somali, Tigrinya.

Major languages within the Southern Area of Wider Affinity ("Niger-Congo"): Akan (=Twi-Fante), Edo, Ewe-Fon, FULA (=FULANI), Gbaya, Ibibio-Efik, IGBO, Moré (=Mossi), Nupe, Sango, Tiv, Wolof, YORUBA, Zande and the following Bantu languages: Bemba, Cewa (=Nyanja), Fwondo-Fang, Ganda, Kamba, Kimbundu, Kongo, LINGALA, Luba, Luyia, Makua, NGUNI (incl. Zulu-Xhosa-Swati-Ndebele), RWANDA RUNDI, Shona, SWAHILI, Sukuma-Nyamwezi, "Tara" (=Kiga-Nkore-Tooro-Nyoro), TSWANA-SOTHO, Umbundu.

Other languages: Afrikaans, Dinka, Kuru, Luo, Malagasy, MANDING (=Malinké-Bambara-Dyula), Songhai and the following European languages, not shown on map: ENGLISH, FRENCH, Portuguese.

Os bantos, provenientes da região do Congo e Angola atuais, eram mais atrasados e pacíficos. Eram obtidos em troca de açúcar, aguardente, algodão, pólvora e até armas pelos chamados "pombeiros" (agentes da escravidão) em missões no interior do continente. Os outros (sudaneses) eram presas de guerra, sendo os portugueses, neste caso, auxiliados por tribos canibais jagas, segundo Antonio Cadorneca. Lagos foi o porto exportador africano mais significativo de negros iorubas, ramo da cultura sudanesa (Figura 2).

A fim de evitar contingentes excessivos de uma mesma tribo, os negros ao chegarem ao Brasil eram dispersados, inclusive porque pertenciam a variadas classes sociais de origem, algumas até das mais altas.

A população escrava chegou a atingir três e meio milhões de pessoas contra a existência de cerca de um milhão e meio de indígenas à época seguinte da descoberta (38:40).

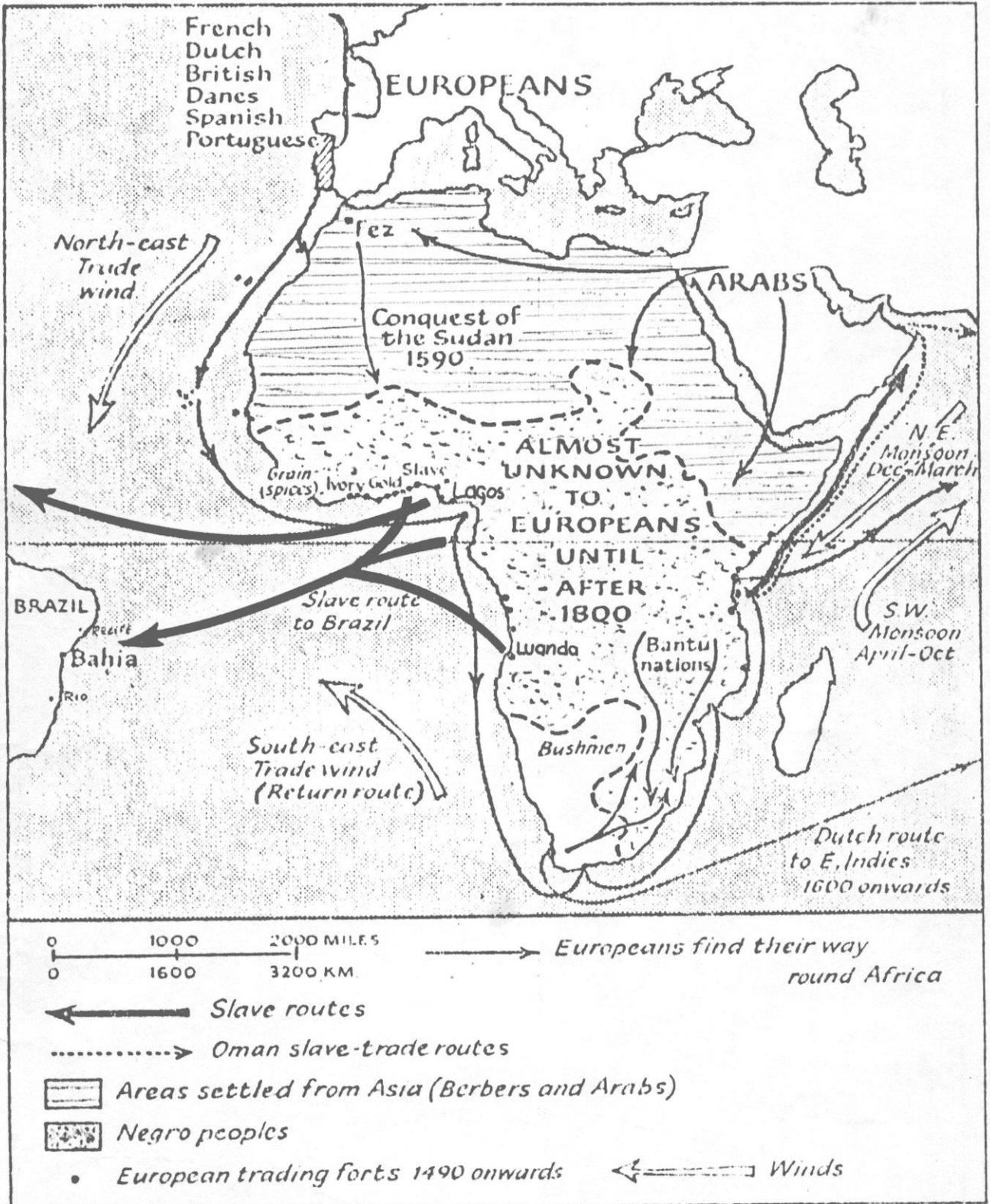
Por volta de 1600, face ao declínio do Congo, Angola, com a fundação de São Paulo de Luanda, era eleita a mais importante zona de influência portuguesa no ocidente africano. Sua finalidade era servir escravos ao Brasil em número cada vez maior.

O império português na África era então dividido entre duas sedes: a de São Jorge da Mina (atual Gana) e a de São Paulo de Luanda (hoje Angola), abrangendo a ilha de São Tomé e todo o trecho da costa até o cabo da Boa Esperança.

Com o surgimento dos holandeses no cenário marítimo do século XVII, acontece o reajustamento de posições na África. Necessitando de mão-de-obra escrava em Pernambuco, organiza o conde Maurício de Nassau ^(invasor holandês) expedição a Mina partindo do Recife. Mais de um milhão e meio de negros são trazidos e, aproveitando-se da fraqueza de Portugal, por volta de 1640, investem os holandeses também contra Luanda. Seguem-se as tomadas de Benguela e das ilhas de São Tomé e Annobón.

FIGURA Nº2
TRÁFICO NEGREIRO

FONTE: AFRICA PROJECTED.



Angola é recuperada por Salvador Correia de Sá e Benevides em 1648. Os governadores e os funcionários mais graduados passam a ser enviados do Brasil, considerado por Portugal como colônia dominante. Por isso, como afirma Jaime Cortesão, Angola passa a ser, durante os séculos XVII e XVIII uma "província portuguesa" do Brasil.

No século XVIII, já não eram mais a lavoura do açúcar e a cultura do fumo que dominavam a economia brasileira. Eram os trabalhos nas minas. Para a região onde hoje está Gana é reorientado o tráfico. Produtos como o fumo em rolo, a aguardente e o açúcar são os preferidos para a troca. Porém, os negros da região não são tão apreciados quanto os de Angola, considerados mais submissos e de melhor preço, conquanto menos robustos.

No final do século XVIII, o comércio e a navegação com a África chega a ser quase totalmente feito através do Brasil, marginalizando Porto e Lisboa. Nas naus provenientes da Índia chegavam tecidos, sedas, tapetes e as "fazendas de negro" que daqui seguiam para Angola nos barcos de retorno da escravatura.¹ Só da Bahia partiam anualmente mais de cinquenta embarcações entre corvetas e sumacas, cerca de uma dezena delas seguiam depois de Angola para a Europa, as restantes corriam a costa da Guiné à compra de escravos, cera e ouro adquiridos aos negros (38:28).

O Brasil torna-se o centro de um comércio triangular, incluindo a África e a Ásia sem a participação de Portugal que, em vão, procurava coibir, por danoso ao seu fisco, o comércio asiático de tecidos via portos brasileiros.

No limiar do século XIX, surge a lavoura cafeeira no Brasil e com ela a necessidade de maior contribuição da mão-de-obra africana, resultando num aumento de nosso comércio com o

¹Cf. DIAS, G. Souza. Os portugueses em Angola. Lisboa, Agência-Geral das Colônias, 1959, p. 235.

continente negro, ao tempo em que decrescia aquele com Portugal e o Oriente.

Com a chegada ao Brasil da família imperial e a abertura dos portos em 1808, a situação se acentua, agora, porém, sob uma maior repressão ao tráfico. O choque entre as necessidades nacionais e as exigências britânicas constitui a tônica dos cinquenta primeiros anos do século XIX em nossa história.

Porém, o tráfico não diminui, apesar das disposições do Tratado de 1810 e da Convenção de 1826. Surgem estratagemas para burlar a fiscalização, inclusive o uso de bandeira americana em navios com carga de escravos (38:182).

Após nossa independência, condicionada por Portugal a que as possessões na África e ilhas adjacentes continuassem como dependências da coroa lusa, Angola chega a manifestar opção por se unir ao novo estado americano.² O receio português não encontra, porém, guarda em D. Pedro I, nascendo o Império livre de ambições colonialistas.

Oportuno assinalar, que a costa africana ocupava espaço tão claro em nossos interesses externos que, em 1828, o Secretário de Estado dos Negócios da Marinha, Diogo Jorge de Brito, declarava em relatório à Assembléia Geral do Império haver "necessidade absoluta de conservar uma Divisão Naval na costa da África, rendendo-a de seis em seis meses" (38:161).

Em 1845, a Grã-Bretanha edita unilateralmente o "bill" Aberdeen, conferindo aos seus cidadãos o direito de captura dos navios brasileiros pilhados no tráfico. De nossa parte, a lei Eusébio de Queiroz, um angolano de nascimento, abolia o mesmo tráfico. //

Marcava-se, assim, por volta de 1850, o declínio das atividades comerciais entre o Brasil e a África e rompia-se o con

² Cf. BRANCO, Francisco Castelo, História de Angola, Luan da, 1932.

tato étnico-cultural que já durava três séculos.

Em 1885, acontece a partilha política da África como resultado da Conferência de Berlim. Em virtude dos direitos de soberania implicarem na efetiva ocupação do território, Bélgica, Alemanha e Itália passam a dividir espaço com os ingleses e franceses, além dos portugueses e espanhóis já estabelecidos (Figura 3).

Somente em 1925 faríamos um acordo com país africano, a Libéria, estado independente desde 1847 e habitado por negros provenientes dos Estados Unidos da América (EUA).

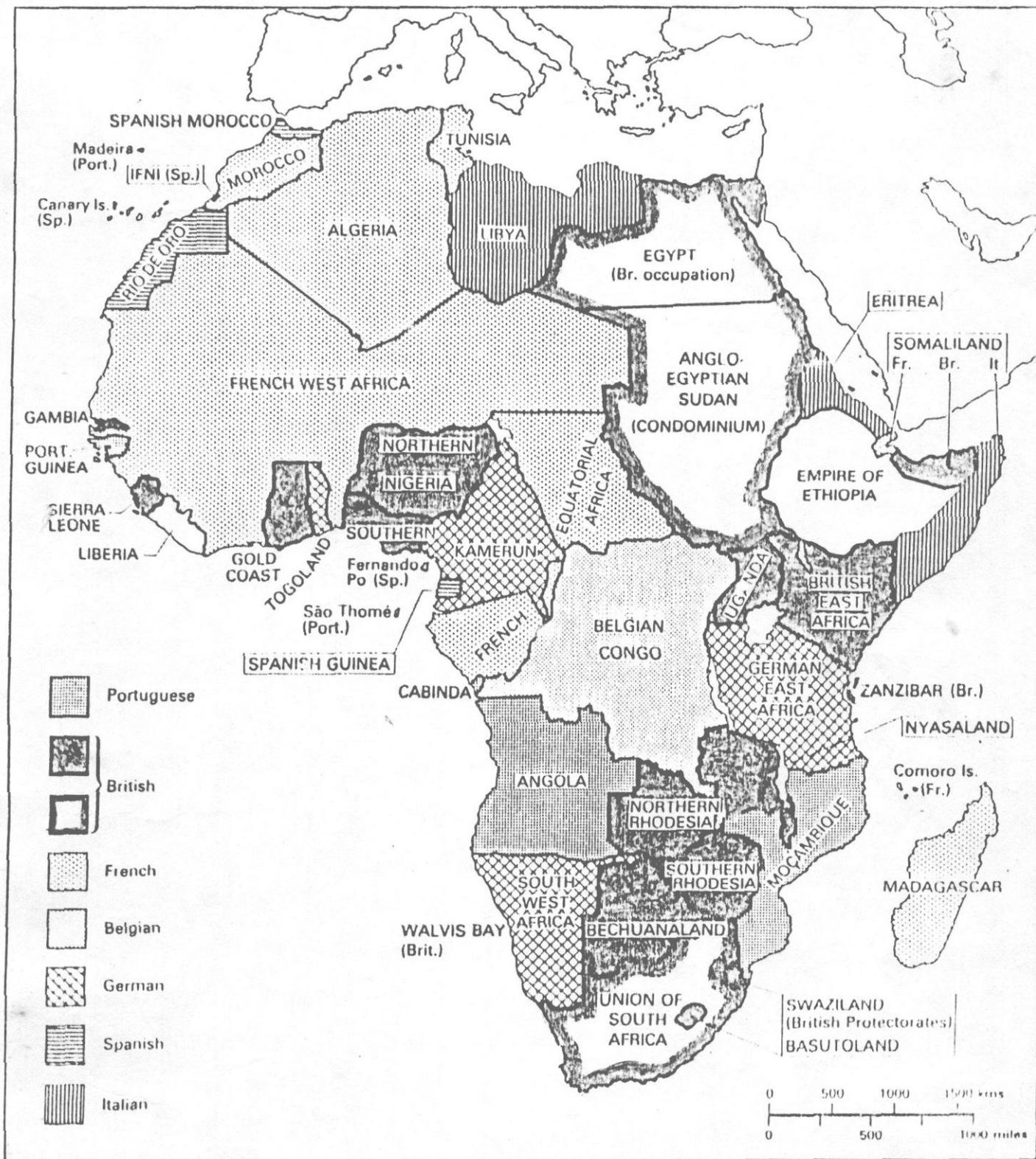
Por volta de 1930, começa-se a observar concorrência africana aos produtos brasileiros: Gana torna-se o maior produtor de cacau do mundo - em 1927 representava metade da produção mundial - a Nigéria eleva-se a primeiro produtor mundial de óleo de ^{de onde} palmeira e o terceiro de amendoim, a Guiné produzia mais arroz que o Brasil, embora com superfície aproximada do nosso Piauí.³

Tudo isso, graças aos esforços da Grã-Bretanha e da França que tentavam transformar suas colônias em grandes fornecedoras de matérias-primas para seus mercados e em consumidoras de suas manufaturas. Resulta, então, em 1931, o acordo comercial entre o Brasil e a Grã-Bretanha, concedendo reciprocidade de tratamento aos produtos naturais ou manufaturados dos dois países, estendido no ano seguinte a Costa do Ouro (atual Gana), Togo, Nigéria e Serra Leoa.⁴

Em 1942, a África representava em nosso comércio exterior apenas três por cento do total, enquanto as Américas ficavam com setenta por cento, dos quais cerca da metade com os Estados

³Cf. Nossos Concorrentes. O Brasil, sua produção agrícola e os concorrentes da Ásia e da África, Rio de Janeiro, 1929.

⁴Cf. Relatório do Ministério das Relações Exteriores - 1932, Rio de Janeiro, 1935, pág. 39.



The pattern of alien rule in Africa, 1914.

FORTE: AFRICA SOUTH OF THE SAHARA, 1988.

Unidos, e o restante com a Europa, mais especialmente com a Grã-Bretanha.

Com a Segunda Guerra Mundial, a importância estratégica do saliente africano e o valor de certas matérias-primas essenciais (como minério de ferro e a borracha) ficaram evidentes para o Brasil.

Em 1959, o então presidente Juscelino Kubitschek, em mensagem ao Congresso Nacional, reconhecia a importância do processo de independência das colônias africanas. Contudo, na Organização das Nações Unidas (ONU), face aos nossos laços com Portugal, votávamos com os países colonialistas ou, no máximo, nos abstínhamos.

Finalmente, em 1961, com a eclosão da independência da grande maioria dos estados africanos, o então presidente Jânio Quadros mandava iniciar estudos visando à abertura de oito representações diplomáticas brasileiras nos novos países, ao tempo em que determinava nova estratégia governamental para a região.

No período 1964-1972, reflexo do crescimento econômico do País, houve substancial crescimento nas relações comerciais com os EUA e a Europa, não acompanhado, no entanto, no que diz respeito à África. Digna de nota, no período, a abertura pelo Lloyd Brasileiro de linha comercial para diversos portos africanos (em caráter experimental), a criação da Câmara de Comércio Afro-Brasileira em 1968 e o início das negociações com os exportadores africanos na Organização Internacional do Café e na Aliança Produtora do Cacau.

Após 1972, inicia-se a atual fase do relacionamento. No governo Médici, Costa do Marfim, Senegal, Togo, Benin, Zaire, Gabão, Camarões e Nigéria são visitados pelo chanceler Gibson Barbosa. Missões comerciais complementam a visita, com a assinatura de vários acordos comerciais e de cooperação técnica. Em 1973, treze empresas brasileiras participam da Feira de Lagos,

No comércio com a África, entre 1970 e 1985, o volume do intercâmbio comercial havia passado de US\$ 130 milhões para mais de US\$ 3,4 bilhões, superando o comércio com a América do Sul que, em 1985, alcançou US\$ 3,27 bilhões. Diversas empresas instalaram-se na África e foram criadas linhas aéreas e de navegação regulares para o Continente vizinho.

Hoje essa realidade comercial não atinge tais proporções. A crise econômica financeira iniciada nos primeiros anos da década de 80 produziu efeitos devastadores interna e externamente. Os números do comércio desabaram radicalmente (exportações, em 1990, no valor de US\$ 613 milhões e importações de US\$ 403 milhões), o que não impediu, contudo, que o relacionamento Brasil-África ganhasse novas dimensões.

na Nigéria. Volta-se a atenção para o petróleo africano, no sentido de diversificar nossas fontes de abastecimento concentradas no Oriente e abrir à Petrobrás novas perspectivas de exploração.

Em 1974, o Brasil adota oficialmente a posição de condenação ao "apartheid" e ao colonialismo, em comunicado conjunto quando da visita do ministro dos Negócios Estrangeiros da Nigéria. No governo Geisel, a política do "pragmatismo responsável", iria liberar nossa política externa de dogmas ideológicos. Abrimos novos mercados e reconhecemos a independência da Guiné-Bissau e Angola, além de Moçambique. Em 1980, é a vez da visita do então chanceler Saraiva Guerreiro aos países da chamada "área socialista" africana, aí incluída Angola.

△ A partir de então, nosso comércio com a África cresce de 150 milhões de dólares em 1972 para dez vezes mais em 1987.

No governo Figueiredo, é realizada a primeira visita de um Chefe de Estado brasileiro à África (Nigéria, Senegal, Guiné-Bissau, Cabo Verde e Argélia).

Em 1986, Cabo Verde é visitada pelo presidente José Sarney, seguindo-se o périplo do chanceler Abreu Sodré a Angola, Nigéria e Camarões, além de Zâmbia e Zimbábue. Nesse mesmo ano, o Brasil propõe na ONU a criação da Zona de Paz e Cooperação no Atlântico Sul.

SEÇÃO III - RELACIONAMENTO ATUAL E PERSPECTIVAS DE FORTALECIMENTO NOS CAMPOS POLÍTICO, ECONÔMICO E MILITAR; ÊNFASE PARA OS PAÍSES LUSÓFONOS AFRICANOS; IDENTIFICAÇÃO DOS SETORES DE INTERCÂMBIO MAIS FAVORÁVEIS.

Ao chegar ao fim o processo de descolonização dos anos sessenta e setenta, o continente africano viu-se mergulhado numa grave e intensa dificuldade, de um lado a influência contínua das antigas metrópoles (neo-colonialismo) e, de outro, os reflexos do conflito Leste-Oeste.

Talvez em nenhuma outra região do mundo a queda do imperialismo ocidental tenha sido tão brusca e dramática quanto o foi na África (17:10).

Em muitas colônias, como Benin, Congo e notadamente nas portuguesas, o movimento anti-colonialista adotou uma dialética revolucionária, de cunho marxista-leninista, o que veio difícultar o processo de independência, tornando-o mais longo e sangrento. Outras, como a Guiné, evoluíram para ideologias socialistas ou pseudo-socialistas mais moderadas e não alinhadas. As restantes, como Costa do Marfim, Nigéria, Zaire, Gabão, Camarões e, mais recentemente, Gana optaram pela inclinação ao bloco ocidental.

Na verdade, o processo de descolonização - retrato da partilha da Conferência de Berlim em 1885 - deixou a África dividida numa multiplicidade de unidades políticas arbitrárias, com ^Sexcassa relação entre a geografia e os grupos étnicos nelas situados.

Em consequência, existem diversas etnias (tribos), como na Nigéria e no Zaire, situadas num mesmo estado, muitas vezes hostis umas às outras ou compartilhadas com países vizinhos.

A precariedade dos meios de comunicações e de transporte, aliada ao analfabetismo prevalente, arremata o quadro político de dificuldade na transferência da lealdade das tribos primitivas para o estado constituído.

As formas de governo legadas pelas antigas metrópoles estabeleciam, geralmente, democracias baseadas no multipartidarismo, nas eleições livres e periódicas e na independência entre os poderes. Contudo, tais regimes não permaneceram na prática. O poder absoluto, concentrado nas mãos de um único líder, que busca assumir certa aura mística, tradicional dos grandes chefes tribais, acumulando os cargos de presidente, chefe de partido único e comandante supremo das Forças Armadas, tem sido

o modelo adotado pela maioria, visando manter a unidade nacional.

As substituições de lideranças são procedidas, via de regra, por golpes de estado com a participação direta do poder militar. Nessas ocasiões, afloram as velhas rivalidades tribais que, não raro, degeneram em sangrentos conflitos.

Não obstante, o "partido único" acaba por favorecer a permanência dos mesmos problemas políticos básicos cuja eliminação havia sido o objetivo das trocas de mandatários.

A Organização da Unidade Africana (OUA), criada em Adis Abeba em 1963, com a finalidade de servir de foro para o debate e o encaminhamento de soluções dos problemas regionais, tem se mostrado ineficaz. A saída do Marrocos do seio da OUA e a suspensão das relações pelo Zaire face à admissão da República Árabe Saarauí Democrática (ex-Saara Espanhol), a questão do Chade entre a Líbia e a França e a fragilidade econômica dos Estados-membros tem comprometido, entre outros fatores, a atuação da Organização.

Oportuno assinalar que, na XX Assembléia de Chefes de Estado, foi adotado como idioma oficial o português, ao lado dos já existentes inglês, francês, árabe e africanos.

A fim de facilitar a análise do relacionamento atual do Brasil com o Oeste africano, vamos apresentar os aspectos mais significativos nos campos político, econômico e, no que couber, militar.

Mauritânia, Gâmbia, Serra Leoa, Libéria, Benin e Guiné Equatorial - Esse conjunto de países possuem pouca densidade de relações com o Brasil. Não possuímos Embaixada em nenhum delas, sendo ^{IV} acumuladas com outras capitais africanas.

Nouakchot, capital da Mauritânia e Banjul, capital de Gâmbia são atendidas por nossa missão em Dakar, Senegal. Freetown, em Serra Leoa e Monróvia na Libéria cobertas pela Embaixada em

Acra, Gana. Porto Novo, em Benin por Lagos na Nigéria e, finalmente Malabo, capital da Guiné Equatorial, situada na ilha de Bioko (ex-Fernando Pó) por nossa Embaixada em Libreville, no Gabão.

Por outro lado, os países daquele conjunto incluem-se entre os de menor desenvolvimento na África.

A ~~República Islâmica da~~ Mauritânia alcançou sua independência da França em 25 de novembro de 1960. Os idiomas oficiais são o árabe e o francês.

Integra a região denominada Sahel, zona de progressiva desertificação imediatamente ao sul do Saara, juntamente com Mali, Niger, Chade e parte do Senegal. Esses países, exceto o Senegal, sobrevivem basicamente graças à ajuda humanitária internacional.

A empresa Mendes Junior, em 1984, executou obras de vulto no país, destacando-se o aeroporto de Nema com pista de dois mil e quinhentos metros e mais de mil quilômetros de rodovias, incluindo trechos em pleno deserto.

Em 1987, a balança comercial acusou um saldo de cerca de duzentos mil dólares favoráveis à Mauritânia.

Gâmbia, uma estreita faixa de terra margeando o rio de mesmo nome, encravada no Senegal; ~~adota o sistema democrático pluripartidarista nos moldes ocidentais~~. O idioma oficial é o inglês e a política externa pró-ocidental.

Em 1987, ~~Gana~~ ^{Gâmbia} importou mercadorias do Brasil num total de oitocentos e setenta mil dólares, nada tendo exportado. Principais produtos importados: petróleo e têxteis. Principais exportados: amendoim e dendê.

Em Serra Leoa ~~existe um sistema republicano e presidencialista~~ ^{cujos} ~~sua~~ capital Freetown, fundada por escravos libertos pelos britânicos de navios negreiros apreendidos no Atlântico, na área mais estreita desse oceano, está a mil e seiscentas milhas de

Natal, no Rio Grande do Norte. A língua oficial é a inglesa.

Em 1987, importou seiscentos e sessenta e três mil dólares do Brasil em mercadorias, nada tendo sido exportado. Principais produtos importados: petróleo, veículos, maquinárias e têxteis. Como exportados: minério de ferro e diamante.

A Libéria, ~~adota também o regime republicano presidencialista~~ ^{com} idioma inglês, se caracteriza ~~pelo pluripartidarismo~~, ^{por} além de nunca ter sido colônia européia. Surgiu como república independente em 1847, povoada por negros norte-americanos libertos. Após a independência, sofreu influência da Grã-Bretanha e da Alemanha até 1926, quando os norte-americanos incentivam a cultura dos seringais no país e praticamente ^{viam} assumem a gestão econômico-financeira. O registro de navios com bandeira liberiana constitui importante fonte de divisas. A cooperação militar americana é prevalescente.

Em 1979, o então presidente William Tolbert visitou o estado de Pernambuco. Principais produtos importados: veículos, alimentos e maquinária. Exportados: borracha, madeira, minério de ferro e diamantes.

Em 1986, importamos oito mil setecentas e cinquenta toneladas de madeira (mogno) da Libéria. Em 1987, exportamos produtos minerais, papel, aço, compensados, automóveis e caminhões. Saldo comercial, em 1987, setenta e cinco milhões de dólares a nosso favor.

Benin, antigo Daomé, ~~tem como sistema político o republi~~ ^{possui} ~~cano presidencialista, sendo o regime nacionalista de matiz marxista-leninista.~~ Idioma oficial francês. Principais produtos importados: petróleo, açúcar e arroz. Principais exportados: café, algodão e óleo vegetal.

Em 1987, Benin importou do Brasil óleo combustível, gasolina, produtos químicos e máquinas de perfuração de solo. Saldo comercial em 1987, dois e meio milhões de dólares a nosso favor.

Finalmente, a Guiné Equatorial possui sistema de governo republicano parlamentarista, não havendo partidos políticos. A apresenta duas características: foi a única colônia espanhola ao Sul do Saara e seu território é dividido em duas partes - u ma continental, denominada Rio Muni e outra insular, onde está a capital. O país sobrevive com a ajuda espanhola e francesa. O idioma oficial é o espanhol.

Em 1985, importou um total de trinta e cinco mil dólares do Brasil e nada exportou. Principais produtos importados: ma quinária, têxteis e alimentos. Exportados: cacau, madeira e ca fê. Não houve movimento na balança comercial em 1987.

Senegal - Como país de colonização francesa, ~~que~~ procurou imprimir a cultura da metrópole na elite local, educada em uni versidades da França - vide Léopold Senghor, - ~~o Senegal é um dos únicos países, com seus quinze partidos políticos, pluri partidários da África atual.~~

Nosso relacionamento com o Senegal data de 1911, quando foi criado o consulado em Dakar. Em 1961, instalou-se naquela cidade a nossa primeira Embaixada na África.

As relações bilaterais fortaleceram-se com a ascensão ao poder do presidente Léopold Senghor que, manifestando grande apreço por nosso País, visitou-^{nos} em três ocasiões. Em 1983, o então presidente João Figueiredo esteve oficialmente no Senegal.

O governo senegalês criou, em 1974, uma "zona franca" em Dakar, que além de conceder isenção fiscal, inclusive taxas de importação e ^Xexportação, garante liberdade de transferência de lucros e capitais. Existem "zonas francas" em outros Estados a fricanos. O desempenho destas "zonas francas" tem sido inferior às expectativas, face aos problemas de infra-estrutura e mão-de-obra (anexo "A").

Em vista dos acordos culturais e comerciais estabelecidos, bem como a relativamente boa estrutura básica do país, comparada

à região, poderemos desenvolver relações comerciais mais amplas, face à carência em derivados de petróleo. Porém, há necessidade de se estabelecer uma importação de produtos senegaleses, como o fosfato e derivados, a fim de se evitar os problemas verificados em 1981, quando foi estabelecido o embargo à importação de produtos brasileiros (exceto os derivados de petróleo) e só levantado em 1985. O Instituto de Pesquisas Tecnológicas de São Paulo desenvolve projeto na área energética para o país.

Exportamos para o Senegal, em 1987, máquinas elétricas, papel e artigos de papelaria. Não houve importação significativa. A Empresa Brasileira de Aeronáutica (EMBRAER) forneceu uma aeronave de reconhecimento marítimo EMB-111 à Força Aérea do Senegal. Saldo comercial, em 1987, quatro milhões de dólares a nosso favor.

A atual situação econômica do país é delicada, procurando o governo captar recursos em programas assistenciais internacionais para cobertura dos crônicos "deficits" verificados no orçamento público e no comércio exterior.

Guiné - A política exterior do país, após a independência da França, voltou-se para a ^{ex-} União Soviética. Contudo, como a assistência comunista não houvesse atingido o nível esperado, os EUA passaram a investir, primeiramente com ajuda alimentar, e depois no setor de mineração, principal recurso natural do país.

Nossas relações com a Guiné são tênues. Não existe Embaixada em Conacri sendo os interesses efetivados através da representação em Bissau.

Em 1980, o então presidente Sekou Touré, líder carismático, visitou o Brasil. Porém, a inadimplência do país nos setores econômico e comercial inviabilizou a manutenção de relações estáveis.

Em 1985, exportamos veículos blindados no valor total de

quase quatro milhões de dólares. Neste mesmo ano, organizou-se um curso compacto de aperfeiçoamento diplomático. Em 1986, exportamos noventa e nove mil toneladas de derivados de petróleo segundo dados da Superintendência Nacional de Marinha Mercante (SUNAMAN).

Em 1987, houve fraco intercâmbio comercial com o Brasil exportando caminhões, pneus, moto-bombas e aparelhos elétricos em pequena quantidade. Saldo comercial de três milhões de dólares a nosso favor. Registre-se que, fruto da mudança de orientação da política exterior guineense, em 1978, o acordo para a utilização do aeroporto de Conacri, como base para vôos de reconhecimento de aeronaves soviéticas sobre o Atlântico Sul, não foi renovado, após ter vigorado por cinco anos.

Costa do Marfim - Antiga colônia francesa até 1960. ~~Costa do Marfim vem, desde então, observando o regime de partido único.~~ A influência da França é marcante na assistência técnica e no apoio econômico.

O governo estimula o ingresso de outras etnias no país, como sirios-libaneses, gregos e portugueses. Existe, contudo, certa resistência aos naturais dos estados vizinhos (Mali, Burquina Faso e Gana) além de ser politicamente contrário ao regime da Líbia.

Nossa participação se faz na assistência técnica, através da implantação do "Projeto Soja" em cooperação com a Federação Meridional de Cooperativas Agropecuárias (FEMECAP), na criação de gado zebu pela firma Andrade Gutierrez e na defesa em foros internacionais de produtos comuns como café e cacau. Há interesse brasileiro na experiência marfiniana quanto à tecnologia industrial do côco e do dendê. Foi formada a BRASILVOIRE, "joint venture" (com 40% capital local) com os marfinianos para comercializar produtos e serviços brasileiros em outros países africanos interessados.

A VARIG mantém, como consequência da Terceira Reunião da Comissão Mista dos dois países (em 1983), uma linha regular Rio-Abidjan com frequência semanal. O porto é escala a cada bimestre da companhia brasileira Global Transporte Oceânico, tendo substituído o Lloyd Brasileiro há ^{este} ~~dois~~ anos.

Em 1986, exportamos para Costa do Marfim derivados de petróleo. Em 1987, exportamos pneumáticos, tratores, papel e artigos correlatos, com a balança comercial indicando um saldo de quatorze e meio milhões de dólares a nosso favor.

Gana - Atingiu a independência em 6 de março de 1957, fruto da fusão da colônia britânica da Costa do Ouro e do ^{território} ~~protetorado~~ ^{sub-tutela} das Nações Unidas da Togolândia. Idioma oficial inglês.

Mantém acordos com Togo, Benin e Nigéria sobre assuntos alfandegários, de comércio e de imigração, apesar dos problemas políticos com o primeiro por causa da tentativa de golpe em junho de 1983. A aproximação com Washington se deve à mediação americana junto ao Fundo Monetário Internacional e ao Banco Mundial para ajuda econômica ao país.

Nossas relações com Gana datam de 1960 quando foi criada a Legação em Acra, posteriormente elevada a Embaixada. No campo econômico, o setor mais promissor é o agrícola, face à deficiente produção de alimentos.

Nossa pauta de exportações compreende veículos blindados "Caseavel", auto-peças, pneumáticos, tratores, colhedei^{ras} agrícolas e carne bovina, além de derivados de petróleo. Há perspectivas de comercializar o petróleo de Gana através da Petrobrás.

O produto principal da economia ganense é o cacau, seguindo-se o manganês e o diamante.

Em 1987, as exportações brasileiras alcançaram oito milhões seiscentos e setenta e cinco mil dólares. Sem contrapartida.

O governo Rawlings, inicialmente de esquerda, tem-se revelado pragmático e, dessa forma, buscado novas alternativas de

comércio com o Ocidente, o que poderá beneficiar o Brasil.

Togo - País que compreende uma estreita faixa de terra, apresenta forte densidade populacional em sua capital, Lomé, distante apenas quinhentos metros da fronteira com Gana.

Antiga colônia francesa, continua sob forte dependência da ex-metrópole, com relações em alguns setores caracterizando um quase-monopólio. O sistema de governo é presidencialista, de partido único. Tem problemas fronteiriços com os vizinhos Gana, no interior e Benin, na região litorânea.

A reunificação do povo eve, separado desde a independência, parte vivendo em Gana, constitui um dos objetivos permanentes da política externa togolesa. Por possuir escassos recursos naturais - sua principal fonte de divisas é o fosfato - procura o governo, através da integração econômica, obter maior aporte de recursos. Assim, tenta revitalizar a Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental (CEDEAO) e privilegiar o acesso dos produtos africanos aos mercados da Comunidade Econômica Européia (CEE), no contexto dos acordos de Lomé (Togo faz parte da ACP - África, Caribe, Pacífico - comunidade de países subdesenvolvidos com acesso privilegiado à CEE) (Figura 4).

X Nossa prioridade comercial com Togo é baixa. Além do mais, França, Alemanha e Holanda dispõem de favorecimento no mercado togolês, graças aos acordos estabelecidos. ^{Togo} ~~Tem a seu favor a estabilidade de governo que já perdura há cerca de vinte anos com o General Eyadéma.~~

Em 1986, exportamos óleo combustível e gasolina. O Exército de Togo possui trinta e seis veículos blindados "Cassavel" brasileiros e a Força Aérea recebeu seis aeronaves EMB-326 "Xavante" fabricadas pela EMBRAER, ~~das quais duas já perdidas em acidente (27:140).~~

No campo econômico, há espaço para a venda de produtos alimentícios, máquinas, peças e acessórios bem como derivados

de petróleo. A deficiência de fontes energéticas próprias tem comprometido o desenvolvimento do setor industrial do país. Em 1987, exportamos um milhão e sessenta e dois mil dólares, sem importação ^{do} pelo Togo.

Nigéria - Trata-se de nosso primeiro parceiro comercial na África, sendo o mais populoso país do continente, com aproximadamente cem milhões de habitantes, a maioria concentrada no Sul. A Nigéria sofre o que Jacques Janvier chamou de "destribalização", ou seja, a vinda das populações do interior para ganhar a vida nas grandes cidades, em especial Lagos (41:43). Por outro lado, é substancial sua influência política na África negra.

Formado por etnias de culturas diversas - sendo as mais importantes a haussa (ao Norte), a ioruba (a Oeste) e a ibo (a Sudeste) - e passado histórico distinto. O país foi colonizado pelos ingleses que, através da administração chamada indireta, isto é, a burocracia da metrópole exercida através dos "chefes" das tribos locais, muito contribuiu para o retardamento da idéia da união nacional. A guerra civil de Biafra (1966-1970) constituiu um exemplo típico.

Após a independência do país em 1960, seguiu-se um período de influência britânica em que o sistema parlamentarista de governo foi adotado. A partir de 1976, o presidencialismo no modelo norte-americano passa a prevalecer. Lagos é sede da CEDEAO. (Comunidade Económica ^{dos Estados} da África Ocidental)

^{o Brasil} Temos muitos pontos comuns com a Nigéria: a adequabilidade de nossa tecnologia de nível médio, nossos laços culturais e étnicos e nossos interesses comerciais complementares (petróleo versus manufaturados). Contudo, desponta a percepção dos nigerianos que estaríamos ocupando o assento imperial (importadores de matérias-primas e exportadores de manufaturados) no comércio bilateral, tendo os contratos de refino com a Petrobrás sentido os efeitos desse sentimento de retração (34:103).

O governo Babangida procura dar ênfase ao setor industrial e ao desenvolvimento tecnológico nas relações de ^{"counter trade"} ~~contra-comer~~ cio, ^(comércio compensado) em que o petróleo bruto constitui a principal fonte de divisas do país. O Brasil, a França, a Itália e a Austria são os principais parceiros neste tipo de trocas (5:53).

Há necessidade, assim, de enfrentar a concorrência internacional, melhorando a qualidade de nossos produtos e oferecendo-os a preços competitivos.

Marchamos concretamente nessa direção: além da instalação, em 1976, de agência do Banco do Brasil e do Lloyd (agora ocupada pela Global), a VARIG mantém vôo semanal para Lagos. Numerosas firmas brasileiras como a Hidroservice, a Promon, a Irmãos Nogueira e a Paranapanema desenvolvem atividades em solo nigeriano. A EMBRAER vendeu cinquenta aeronaves "Tucano" recentemente.

A principal empresa a comercializar com a Nigéria, em 1987, foi a Petrobrás, com importação de duzentos e seis milhões de dólares. Destacam-se também a Rilisa, a Cotia - que inclusive formou uma "joint venture" na área da agropecuária, a Projex West África, que presta serviços com técnicos brasileiros e promove exportação de equipamentos para outros países africanos - o Instituto do Açúcar e do Alcool e a Volkswagen(anexo "D").

Há interesse nigeriano na compra de embarcações para patrulha marítima e no aparelhamento de diques. ^{Em 1988,} ~~Recentemente,~~ em abril deste ano, o Secretário-Geral da Marinha nigeriana esteve no Rio de Janeiro a convite da Empresa Gerencial de Projetos Navais (EMGEPRON).

Principais produtos da pauta de exportação do Brasil para a Nigéria: refinados de petróleo, veículos, papel, plásticos, pneus, açúcar refinado e alumínio. A importação se mantém no petróleo bruto. Há necessidade de se apurar a qualidade de nossos derivados de petróleo, principalmente a querosene de aviação, para que possamos retomar nossa posição anterior no mercado

nigeriano.⁵

Camarões - Inicialmente colonizada por alemães, a República dos Camarões, após a Primeira Guerra Mundial, foi dividida entre franceses e ingleses, resultando num país bilíngüe.

Camarões, tanto pela diversidade de paisagens, quantidade de grupos étnicos e dualidade religiosa - muçulmana e católica - caracteriza-se como verdadeira síntese da África Subsaariana. Possui muito bons recursos hídricos, sendo quase todo o consumo energético fornecido por hidrelétricas. Adota o sistema presidencialista forte de partido único, experimentando estabilidade desde o início da década dos anos setenta.

Não temos trocas comerciais significativas com esse país, embora seja ele possuidor de uma economia razoavelmente bem administrada, com um Produto Interno Bruto (PIB) de cerca de sete bilhões de dólares e renda per capita de oitocentos dólares. A produção é quase toda baseada no setor primário, destacando-se o petróleo.

Em 1987, exportamos chapas de ferro, perfis de aço e artigos de papelaria num total de quase treze milhões de dólares e importamos borracha, além de pequena quantidade de chumbo, num total de quatrocentos mil dólares, aproximadamente.

Camarões tem interesse em abrir sua economia e busca cooperação técnica alternativa ao modelo francês vigente. Sediamos a única Embaixada camaronesa na América Latina, o que nos propicia excelente posição nos contatos comerciais que já levaram empresas brasileiras, como a Mendes Junior e a Camargo Correa, a operarem no país.

O porto de Douala é escala de nossa linha mercante.

Gabão - Originário de colonização francesa, embora os por

⁵Entrevista concedida pelo Almirante Ramon G. L. Labarthe, Chefe da Divisão de Operações da Petrobrás, no Rio de Janeiro em 19 de julho de 1988.

tugueses já lá se houvessem estabelecido por volta de 1470 - instalando-se na ilha de São Tomé, como foi visto, para dali melhor explorarem a costa vizinha - o Gabão teve sua capital, Libreville, fundada por negros libertos em ação local da Marinha francesa em 1849. O Gabão conquistou a independência em 17 de agosto de 1960.

O sistema presidencialista é também de partido único, conquanto haja forte anseio popular pelo pluripartidarismo. Mantém o Gabão boas relações com Congo e Angola e identifica-se com o mundo ocidental via forte e complexa ligação com a antiga metrópole que se faz presente, inclusive, na composição de suas Forças Armadas.

Nosso relacionamento com o Gabão, normal em nível de Embaixada, tem-se revelado irregular na parte comercial. Numa série histórica da balança comercial a partir de 1979, houve um valor mais elevado em 1980 - trezentos e dez milhões de dólares -, decresceu para apenas duzentos e vinte mil dólares de exportações brasileiras em 1987, nada tendo sido importado por nós. Atribui-se ao fato à concentração do mercado gabonês na Comunidade Econômica Européia (CEE), em especial na França.

Importamos em 1986, duzentas e vinte mil toneladas de petróleo bruto. No período 1981/1986, exportamos veículos blindados fabricados pela ENGESA (dezesseis "Cascavel" e doze "Urutu"), tratores rodoviários, um avião EMB-111 "Bandeirante" para patrulha marítima, além de quatro aeronaves EMB-110. Consta também têxteis, munições, explosivos e peças de reposição.

Face à necessidade de dinamizar novamente tal intercâmbio, o assunto foi levado às reuniões das Comissões Mistas dos dois países, visando melhor colocação dos produtos brasileiros, em especial, armamentos e veículos pesados. No segundo semestre de 1987, compensando o decréscimo da importação de petróleo da Nigéria, aumentou-se com o Gabão, chegando a cerca de

dezessete e meio milhões de dólares até abril de 1988. As exportações atingiram, até maio do mesmo ano, quinhentos e trinta e quatro mil dólares. Oportuno assinalar que já existe algum relacionamento na área militar, uma vez que a Academia da Força Aérea Brasileira já formou oficiais aviadores para o Gabão.

Em 1985, o nosso Ministério das Relações Exteriores promoveu um curso compacto de aperfeiçoamento diplomático.

Congo - Alcançou a independência em 15 de agosto de 1960. Antiga região dominada pelos bantos, foi colonizado pela França, fazendo parte da África Equatorial Francesa, junto com o Gabão.

O sistema de governo é o presidencialista, de partido único, orientação comunista. Suas Forças Armadas adotaram o modelo chinês, tendo sido o Exército treinado por oficiais cubanos.

Desde 1979, quando assumiu o governo, o Coronel Sassou Nguesso procura conciliar as pressões dos socialistas pró-soviéticos com a elite pró-ocidental, em especial França e Estados Unidos. O prestígio internacional de Nguesso contribuiu para sua eleição, em 1986, como presidente da OUA.

O Congo é fiel aliado de Angola, país que auxiliou durante a guerra civil de 1975, e mantém boas relações com Zaire, Gabão e Camarões, todos de ideologia de direita.

A base econômica do país repousa no petróleo, sendo também importantes o café, o cacau e a madeira. Após um período de estagnação, a economia do Congo se recuperou, contando com o auxílio do Fundo Monetário Internacional (FMI).

Nossas relações com o Congo datam de 1980, quando os dois países estabeleceram Embaixadas cumulativas (a nossa em Kinshasa, no Zaire). Neste mesmo ano, o Embaixador do Congo na ONU realizou visita ao Brasil em busca de dados para cooperação na área de formação profissional, agroindústria, pecuária e saúde. Embora anunciada a decisão de abrir uma Embaixada em Brasília,

tal fato ainda não se concretizou. Em 1982, o presidente Nguesso esteve no Brasil.

Em 1987, o Brasil exportou para o Congo um total de um e meio milhão de dólares e importou cento e setenta mil dólares.

A empresa Andrade Gutierrez conclui obra rodoviária na região nordeste do país, envolvendo cerca de dois mil trabalhadores dos quais quinhentos brasileiros.

Zaire - Constitui outro exemplo, como a Nigéria, de um país cujas fronteiras geográficas não respeitam os limites a que estão circunscritos cerca de duzentos grupos étnicos habitantes da região.

Colonizado a partir de 1885 pela Bélgica, como resultado da Conferência de Berlim, com a denominação de Congo Belga, alcançou a independência em 1960. É o terceiro país em extensão territorial no continente e o segundo na África Subsaariana, após o Sudão. Distingue-se por sua posição central e pelo número de países com que faz fronteira. O idioma oficial é o francês.

Desde a independência, o Zaire debate-se com problemas internos graves como a guerra de secessão da província de Catanga (atual Shaba) entre 1960 e 1963. Oficiais da nossa Força Aérea integraram a força internacional de emergência da ONU que atuou na região, a pedido do governo central.

Na realidade, o modelo de governo imposto pelos belgas não se mostrou compatível com a realidade cultural e as tradições tribais.

País rico em recursos minerais, ainda não completamente avaliados, solo favorável à agricultura, além da existência de abundantes recursos hídricos, revelando apreciável potencial energético, o Zaire, contudo, dispõe de reduzido quadro técnico e administrativo. A mineração do cobre e do cobalto constituem sustentáculos da economia local.

O governo demonstra vontade de abrir sua economia, buscando

novas opções fora da ex-metrópole e dos países industrializados. Em 1985, o Brasil teve no Zaire seu segundo parceiro africano (após a Nigéria), lugar hoje ocupado por Angola.

As áreas mais favoráveis para o intercâmbio são a pesquisa agrícola, a conservação de solos e a formação de mão-de-obra técnica. Na área industrial, a implementação de projetos utilizando "joint ventures" e no setor de mineração, a cooperação na exploração de ouro - acordo já firmado com a empresa Andrade Gutierrez em Kilo-Moto - de ferro, de bauxita e de diamantes.

O presidente Mobuto realizou visita oficial ao Brasil, a no passado, ocasião em que foi acordado amplo programa de cooperação entre os dois países.

A balança comercial em 1987 indicou o valor de quase cinquenta e nove milhões de dólares em exportações do Brasil e apenas cinco milhões de dólares em importações. O saldo sempre foi favorável ao nosso país, tendo atingido o valor mais elevado em 1985 com cento e cinquenta e quatro milhões de dólares.

Atualmente exportamos derivados de petróleo, produtos químicos, maquinárias, equipamentos de transporte e alimentos. O cobre é o produto principal na pauta de importados.

Finalmente examinemos os países do Oeste africano de língua portuguesa: Angola, Guiné-Bissau, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe.

Angola - Indubitavelmente, o de maior peso político para o Brasil, não só pela extensão territorial, mas também, como já vimos, pelos laços históricos que nos unem. Constitui, atualmente, nosso segundo parceiro comercial na África.

Angola, depois de ter sua independência, conquistada às custas de longa luta em 11 de novembro de 1975, continua tendo guerrilhas em seu território.

As três facções em disputa tem o Movimento Popular de

NOVA

Libertação de Angola (MPLA) no poder; o presidente José Eduardo dos Santos assumiu o governo, após a morte do líder Agostinho Neto. É auxiliado por soviéticos e cubanos.

Na região sudeste do país encontra-se a União Nacional de Independência Total de Angola (UNITA) chefiada por Jonas Savimbi, recebendo apoio da África do Sul (Figura 5).

Ao Norte, próximo ao enclave de Cabinda, a Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA), contando com a simpatia do vizinho Zaire e sob a direção de Holden Roberto que, tendo se ausentado da região, praticamente esvaziou o movimento após 1976.

As duas facções fora do governo, de bases essencialmente tribais, os ovimbundus na UNITA e os bacongos na FNLA, são apoiadas pelos Estados Unidos, China e Zâmbia. Há ainda a Organização do Povo do Sudoeste da África (SWAPO) que ocupa a região sudoeste do país. A Organização é apoiada por Angola e faz repetidas incursões em território namibiano, sendo a região do rio Cunene (represa de Calueque) alvo de freqüentes combates. A SWAPO luta pela obtenção da independência da Namíbia, controlada pela África do Sul, que não reconhece a Organização como legítima representante do povo namibiano.

O Brasil mantém relações diplomáticas normais com o governo de Luanda, enquanto os EUA, adotam o chamado "engajamento construtivo" imaginado pelo governo Reagan, isto é, a pressão amigável atrás dos bastidores, não tendo representação em Luanda, tal como a China.

Nosso país certamente tardou em se definir pelos movimentos em prol da independência das antigas colônias lusas. Permaneceu alinhado a Portugal quando já era praticamente irreversível a situação nas províncias ultramarinas. Isso nos custou certa desconfiança e desgaste internacional, perceptíveis por ocasião da questão de Itaipú, quando a maior parte dos estados

AS ÁREAS CONTROLADAS PELA SWAPO E UNITA
EM ANGOLA



Mapa: Alejandro Malofiej

© ARMAS Y GEOESTRATEGIA

FONTE:

ARMAS Y GEOESTRATEGIA - Buenos Aires, vol. 1, nº 4, verano 1982

Figura nº 5

nova

africanos, já independente, apoiou o lado argentino.

Contudo, já por ocasião da guerra civil angolana, chamada também Segunda Guerra de Independência (1974-1975), o Brasil já mantinha missão especial junto ao governo quadripartite (Portugal, MPLA, UNITA e FNLA), surgido das resoluções do Acordo de Alvor.

Angola, como grande parte dos países da África Subsaárica, revela alta percentagem da população fora da economia de mercado, fruto do baixo nível de renda. Contudo, seria ilusôrio imaginar não se constituir interessante parceiro comercial para o Brasil.

É grande a deficiência no setor agropecuário, fortemente abalado após a independência, onde nosso esforço exportador, tanto técnico quanto material, tem espaço disponível. Como exemplo, a Companhia Brasileira de Alimentos (DISCO) recentemente assumiu o controle da rede de distribuição Francas em Luanda e pretende acrescentar sedes em Cabinda, Lubango e Lobito, além de outra em Luanda.

Angola já foi o segundo produtor de café na África. A produção de diamantes também caiu após a independência e a mineração de ferro, principalmente em Cassinga, encontra-se paralisada por se encontrar na área de conflito com a UNITA.

Por outro lado, a diferença ideológica com o mundo ocidental parece artificial. O programa marcadamente socialista de governo não é hostil à organização econômica e social das democracias ocidentais. Antes, parece um tipo de ideologia posta para fazer face ao divisionismo latente do meio tribal (o socialismo africano).

Veja-se, por exemplo, a situação da Cabinda Gulf Oil norte-americana, que explora petróleo no enclave de Cabinda ~~sob~~ proteção militar cubana, face ao retorno financeiro do investimento para Angola, onde a estatal SONANGOL detém cinquenta e um

por cento das ações.

A verdade é que a ajuda econômica soviética foi diminuta, tratando-se de uma superpotência, conquanto tenha havido assistência militar considerável. É perceptível que os soviéticos foram úteis para assegurar o movimento de independência do país (como de resto em outras regiões da África), porém não ~~conce~~^{possu}em recursos suficientes, nem "know how" adequado, não constituindo mercado fornecedor ou absorvedor satisfatório ao país.

Angola e os demais países de linha socialista na África não integram a Comunidade Econômica Socialista, o COMECON.

Em 1980, o então chanceler Saraiva Guerreiro esteve em Luanda, visita retribuída em 1982 pelo ministro das Relações Exteriores de Angola, Paulo Jorge.

Em 1981, é assinado um "Protocolo de Acordo no Domínio dos Hidrocarburetos" que permitiu a expansão das exportações do petróleo angolano para o Brasil. Atualmente, a Braspetro explora duas áreas na plataforma continental angolana ao norte de Luanda em associação com a SONANGOL. É inaugurada, no mesmo ano, a linha da VARIG Rio-Luanda de frequência semanal, em associação com a empresa aérea angolana TAAG. As importações brasileiras alcançam duzentos e cinco milhões de dólares.

Em 1983, novos esquemas de intercâmbio: Ministério das Comunicações do Brasil, Ericson e Enatel angolana na área de telecomunicações.

Em 1984, é celebrado o contrato para construção da barragem hidrelétrica de Capanda (capacidade de quinhentos e vinte megawatts) com a firma brasileira Norberto Odebrecht e uma sócia soviética, sendo a parcela brasileira de seiscentos milhões de dólares parcialmente paga em petróleo. As obras estão em andamento na província de Malanje, a cerca de quatrocentos quilômetros de Luanda.

Em 1985, o intercâmbio alcança duzentos e setenta e seis

milhões de dólares, cerca de duas vezes e meia as trocas com Portugal.

Em 1986, importamos cerca de setecentas e três mil toneladas de óleo bruto. Exportamos produtos químicos, veículos automotores e gasolina, com a balança comercial equilibrada.

Em 1987, as exportações brasileiras excederam as importações em cerca de cento e oito milhões de dólares.

A partir de janeiro ^{de 1988} deste ano, os novos programas angolanos forçaram o país a solicitar filiação ao FMI e o Banco Mundial. Para tal, Angola encontrou o apoio do Brasil e da Europa Ocidental e a objeção americana em virtude da permanência de tropas cubanas em seu território.

Há interesses na pesca, praticada principalmente na região de Benguela, Porto Alexandre e Namibe e explorada pelos soviéticos, após a retirada da frota pesqueira européia. O Brasil está em negociações para a venda de navio-patrolha de duzentas toneladas, a ser construído em estaleiro nacional.

A Força Aérea possui duas aeronaves EMB-111 "Bandeirante" para reconhecimento marítimo.

A ENGESA atualmente ^{estava} está envolvida na repotencialização de caminhões, de origem soviética, das Forças Armadas angolanas.

Guiné-Bissau e Cabo Verde - Nestes países surgiu, em 1956, o primeiro partido nacionalista das colônias portuguesas na África: o Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde (PAICG), fundado por Amílcar Cabral. A luta armada inicia-se em 1963 e a independência é conseguida em 10 de setembro de 1973, na Guiné e em 5 de julho de 1975 em Cabo Verde.

A Guiné-Bissau, a mais atrasada das colônias portuguesas, foi, entretanto, a primeira a emancipar-se. Como na maioria dos outros países, existia uma sociedade tribal que a colonização portuguesa não conseguiu absorver.

Em Cabo Verde não ocorreu guerra, o território exíguo não permitia. O processo era, porém, inevitável já que a classe mé dia habitante na Guiné era caboverdeana e o partido político comum.

Na Guiné, após a independência, a rivalidade entre o segmento caboverdeano da sociedade e a população essencialmente africana acabou levando a um golpe de estado em 1980 que pôs fim à liderança daquele segmento.

Cabo Verde, sob o governo de Aristides Pereira, ^{elegeu} ~~elege~~ uma política pragmática. Tal fato se explica pela ~~escassez~~ ^S de recursos naturais do arquipélago que exigia a busca da cooperação e do intercâmbio. A maior parte da receita do país provém de residentes no exterior. Além disso, o não alinhamento era recomendável face à sua posição estratégica no Atlântico Sul, motivo de pressão das superpotências com o intuito de franquear os portos ou instalar bases aéreas.

O fato é que Cabo Verde, na atual década, constitui o país da comunidade luso-africana a apresentar maiores sinais de estabilidade até porque, não havendo luta, a independência não implicou na saída da comunidade portuguesa.

Na Guiné-Bissau, ao contrário, o período pós-independência foi marcado por projetos superdimensionados em desacordo com a pequena economia local. Vê-se, aqui também, aplicada a retórica socializante que não se traduzia em medidas práticas, uma vez que a política exterior se manteve centrista. Estabeleceram-se relações com o mundo socialista, que prestou assistência durante a luta pela independência, com fornecimento de equipamento militar.

Com o tempo, os Estados Unidos passaram a exercer influência crescente graças à assistência fornecida. Existe também a investida francesa com o propósito de atrair Bissau, no contexto da política neo-imperialista, facilitada pela vizinhança

da ex-colônia, o Senegal.

O Brasil estabeleceu relações diplomáticas inicialmente com Guiné-Bissau, em 1974, antes mesmo do reconhecimento por Portugal. A representação a nível de Embaixada, era cumulativa com Cabo Verde. Em junho de 1980, o então presidente de Bissau, Luis Cabral, visit^{ou} o Brasil. Em 1983, era instalada nos sa missão diplomática em Cabo Verde, desvinculada de Bissau.

O então presidente João Figueiredo visitou Guiné-Bissau em 1983 e o presidente João Bernardo Vieira retribuiu a visita no ano seguinte.

O nosso intercâmbio com os dois países é de proporções modestas, dadas às dimensões de suas economias. Em Bissau, a firma brasileira Hidroservice concluiu um projeto de eletrificação rural e outro de formação de pessoal e gestão de serviços de saúde. O principal recurso natural do país é a bauxita. Com Cabo Verde, a partir de 1982, houve incremento: a Siemens requi^{pu} o sistema de telecomunicações do país, com financiamento da Carteira de Comércio Exterior (CACEX) e de entidades estrangeiras e a Petrobrás refina no Brasil o petróleo para Cabo Verde, fornecido por Angola.

Em 1986, o presidente José Sarney visitou Cabo Verde. Posteriormente, houve interesse em adquirir embarcações de patrulha marítima, estando no financiamento da operação o principal entrave para as negociações.

A balança comercial em 1987 revela saldo de trezentos e quarenta e oito mil dólares favoráveis ao Brasil com Guiné-Bissau e cerca de dois e meio milhões de dólares com Cabo Verde.

O Instituto Rio Branco tem auxiliado os dois países na formação de funcionários para o serviço exterior e a VARIG recentemente iniciou vôos diretos para Cabo Verde.

São Tomé e Príncipe - O país alcançou a independência de Portugal em 12 de julho de 1975 e no mesmo ano o Brasil estabe

lecia relações diplomáticas.

O passado de São Tomé e Príncipe é muito semelhante ao de Cabo Verde. Tratava-se de entreposto de escravos procedentes do continente. A população nativa não possuía antecedentes tribais e a comunidade mestiça resultante provém do relacionamento dessa população com os escravos.

Ao final do regime colonial, o Movimento de Libertação de São Tomé e Príncipe (MLSTP) tentou adotar uma economia estatizante, de molde socialista, mais acentuado que o do PAICG.

A experiência não logrou êxito. As "roças" (fazendas) de cacau, principal suporte econômico do país, começaram a decair, face à precariedade da mão-de-obra e à falta de insumos apropriados. Os resultados só não foram piores graças à fertilidade natural dos solos das ilhas, permitindo uma lavoura de subsistência, aliada à ausência de rivalidades tribais e à reduzida população.

São Tomé, na década dos anos setenta e início dos anos oitenta, seguiu uma política externa semelhante a que era praticada em Angola.

Porém, em 1985, o líder Manuel Silvino da Luz deu início a uma linha mais pragmática de governo perseverando, contudo, na política do não-alinhamento.

A firma Hidroservice, atualmente, ^{desenvolve} encontra-se desenvolvendo o projeto e a fiscalização da ampliação do aeroporto da ilha de São Tomé.

A INFLUÊNCIA BRASILEIRA NA ÁFRICA OCIDENTAL

A importância da Cooperação Militar com os países da África Ocidental - A marcante deficiência econômica, educacional, sanitária, tecnológica e de segurança dos países do Oeste africano, como de resto de quase todo o continente, aponta para a criação de instrumentos positivos de intercâmbio como meio eficaz para enfrentar o quadro desfavorável.

Contudo, a implementação de tal intercâmbio, embora tecnicamente acertada, não é medida fácil de ser posta em prática. Avultam dificuldades básicas quais sejam: a fraca capacidade da economia local, o desnível econômico em relação ao Brasil e a opção preferencial pelas antigas metrópoles.

Há que ser usada a imaginação criativa e utilizados financiamentos externos, quando exequíveis, como meios auxiliares de fixação de nossos interesses no continente africano. Evidentemente, há países em que o intercâmbio e a cooperação se fazem de maneira mais imediata como a Nigéria, Costa do Marfim e, em menor grau, Angola. Como exemplo, temos Babangida, da Nigéria, pretendendo instalar no país um complexo industrial-militar do tipo brasileiro. O início do programa se daria com a operação da siderúrgica de Ajaokuta (vide nossa Volta Redonda).

Nalguns países, aí destacados os demais antigos domínios lusos, pela identidade natural, o esforço brasileiro se faria em atendimento às suas modestas demandas econômicas e sociais. O apoio militar, evidentemente, só poderia ser prestado ocorrendo o caso de solicitação específica e muito clara. Tal é o caso de Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e Guiné-Bissau (19:467). Noutros, a influência do neo-colonialismo é predominante e a possibilidade de uma cooperação militar efetiva seria bem mais difícil de ser implementada. Seria o caso do Senegal e do Gabão. Contudo,

com relação a este último, a quantidade de material militar de procedência brasileira já vendida nos proporciona referência e alguma tradição no meio militar gabonês.

A implementação da cooperação militar brasileira poderia ter êxito, tendo em vista utilizarmos tecnologia de nível médio, mais sintonizada com a realidade africana. Interessaria ao nosso País manter laços estreitos de cooperação que poderiam ser traduzidos em assistência técnica-militar, inicialmente, mas não de maneira excludente, com os lusófonos como "ponte" no continente africano. Para tal, valeriam as visitas técnicas e administrativas de alto nível que poderiam ser patrocinadas por órgãos militares nacionais, além de cursos (para-quadismo, aviação, etc) realizados aqui ou no país interessado.

Serve como exemplo a visita feita em maio de 1988 pelo Estado-Maior das Forças Armadas (EMFA) ao Senegal enfocando o setor de mobilização e logística.⁶

Poder-se-ia pensar em ativar adidâncias militares nos países mais significativos como Nigéria, Angola, Zaire e Costa do Marfim. A esse respeito, a Adidância Naval na Nigéria já tem cogitada sua implementação há algum tempo.

Assim, não pode ser desprezada a importância para o Brasil em ter na costa atlântica africana países que lhe sejam politicamente favoráveis. Pela via da cooperação militar poder-se-ia assistir um gradual decréscimo da influência soviética em nações-chave como Angola.

Não resta dúvida que seria um envolvimento complexo e diplomaticamente trabalhoso. Há o problema namibiano à espera de solução da pendência com a África do Sul, refletindo-se na presença da SWAPO em território angolano. Há, ainda, a facção UNITA adversária do governo em Luanda, uma das condicionantes da per

⁶Cf. CAMARINHA, Paulo R. C. Palestra sobre o EMFA proferida na EGN em 10 de junho de 1988.

manência de tropas cubanas no país.

Enfim, seria, sem dúvida, significativo o respaldo político que o Brasil poderia obter em foros internacionais, fruto de uma hábil participação, sem intromissão, no desenvolvimento militar dos novos países do Oeste africano - utilizando, inclusive, nossos fabricantes tradicionais no setor (como ENGESA, BERNARDINI, EMBRAER, AVIBRÁS, etc) - além de representar retorno econômico evidente para nosso País.

Contribuições do Poder Marítimo brasileiro para o desenvolvimento das relações - Pode-se afirmar, sem exagero, constituir o Poder Marítimo fator essencial ao desenvolvimento das relações entre o Brasil e a África Atlântica.

Com efeito, as trocas comerciais entre nosso País e aquele continente são viabilizadas preponderantemente por mar e essa situação não se modificou ao longo de quatro séculos de relacionamento. É evidente que a intensidade do intercâmbio pode e deve ser aumentada.

No contexto dos interesses em jogo no Atlântico Sul, inferem-se dois grandes objetivos estratégicos que exigem contribuição do Poder Naval: a manutenção das linhas de comunicações marítimas e a preservação da paz e da estabilidade regionais (47:9).

Decorrente de tais objetivos, parece ter importância relevante o estreitamento das relações com os países africanos, visando a consolidação dos laços histórico-culturais como comunidade do mesmo hemisfério.

Com esse enfoque, vem a Marinha do Brasil, desde há algum tempo, realizando visitas regulares a portos da África Ocidental, Dakar, Monróvia, Abidjan, Lagos, Douala, Libreville, Point Noire, São Tomé e Príncipe são portos visitados por nossas Fragatas (escoteiras ou em Grupo-Tarefa), Corvetas e

Navio-Escola.

As operações "ÁFRICA" na Esquadra e as viagens de adestramento dos navios dos 2º e 3º Distritos Navais são aproveitadas, algumas vezes, para a realização de exercícios conjuntos com os africanos. Essas movimentações são realizadas no primeiro e no segundo semestre de cada ano, respectivamente.⁷

A Marinha Mercante opera duas linhas regulares para a costa ocidental da África; uma diretamente a Lagos, de freqüência mensal e outra, a cada bimestre, escalando em Dakar, Conacri, Abidjan, Tema, Douala, Libreville, Matadi e Luanda. Essas lilinhas são operadas por quatro companhias de navegação: Global Transporte Oceânico (brasileira), Nigeria America Line, Nigerlbrás Shipping Line (a maior delas, no momento) e Nigerian South America Line.⁸

Segundo informações colhidas na Global, que substitui o Lloyd Brasileiro desde 1986, o principal problema tem sido a falta de carga a transportar nas viagens de retorno.

Nossa indústria militar-naval tem potencial e perspectivas para exportar navios de guerra de médio porte, conquanto não possua, ainda, tradição no mercado externo. Como exemplo, a Empresa Gerencial de Projetos Navais (EMGEPRON) espera conlcluir as negociações para venda de navios e lanchas patrulha para Nigéria, Angola e Cabo Verde (9:19).

O aparelhamento de diques secos na Base Naval de Wilmot Point, em Lagos e o sistema de vigilância costeira, em Angola utilizando equipamento nacional, experiência técnica do nosso Arsenal de Marinha e firmas do setor, como a ENGEXCO, a ESCA e

⁷Entrevista concedida pelo Capitão-de-Mar-e-Guerra José R. Paulon Silva do Comando de Operações Navais, no Rio de Janeiro em 16 de junho de 1988.

⁸Entrevista concedida pelo Dr. Ivan Faria do Departamento de Linhas da África do Lloyd Brasileiro, no Rio de Janeiro em 20 de junho de 1988.

a Norberto Odebrecht, representarão, por certo, vínculo técnico-industrial duradouro com os países contratantes, como se espera sejam Nigéria e Angola.

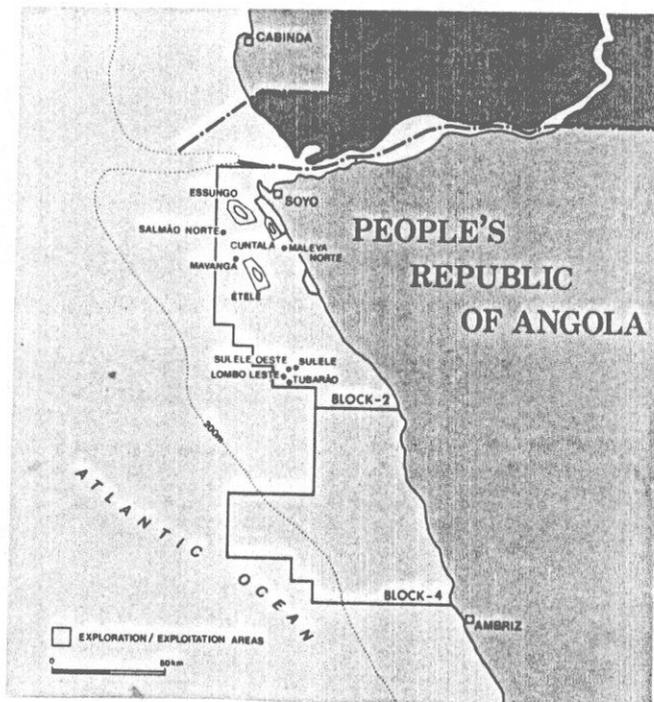
Por outro lado, a possibilidade de reparo de unidades navais e mercantes africanas em nossos centros no Rio de Janeiro, Aratu, Natal e até Belém, abrem novas perspectivas.

Nossa tecnologia, tida como das mais avançadas do mundo, na prospecção, exploração e exploração de petróleo em terra ou no mar, já se faz presente em duas áreas do litoral Norte de Angola (Figura 6).

Por fim, a experiência do nosso serviço hidrográfico poderá ser útil na delimitação das áreas definidas na III Conferência das Nações Unidas sobre Direito do Mar, no levantamento hidrográfico, na confecção de cartas e na sinalização náutica. O setor de socorro e salvamento marítimos, dragagem e mergulho têm, também, potencial de aplicação nas costas africanas.

Na Bacia do Baixo Congo, offshore Angola, a BRASPETRO participa de atividades de exploração e produção do Bloco 2 desde 1979 e da campanha exploratória do Bloco 4 desde 1983.

O Bloco 2 cobre 4.100 km² e de seus interesses a BRASPETRO detém 17,5%. As operações são conduzidas pela TEXACO, participando dos investimentos também a TOTAL e a SONANGOL. Desde o início das operações sob controle deste grupo, em 1979, encontram-se em produção os Campos de Essungo e Cuntala.



A exploração no Bloco 4, com 5.200 km², está contratada com o consórcio BRASPETRO (35%), PETROFINA (35%), SONANGOL (20%) e British Petroleum (10%).

FONTE: BRASPETRO - Relatório de Atividades / 1986

A BRASPETRO E A PLATAFORMA CONTINENTAL ANGOLANA

Plataforma Central de Produção para o Campo de Palanca, Angola, construída no Brasil para a Elf

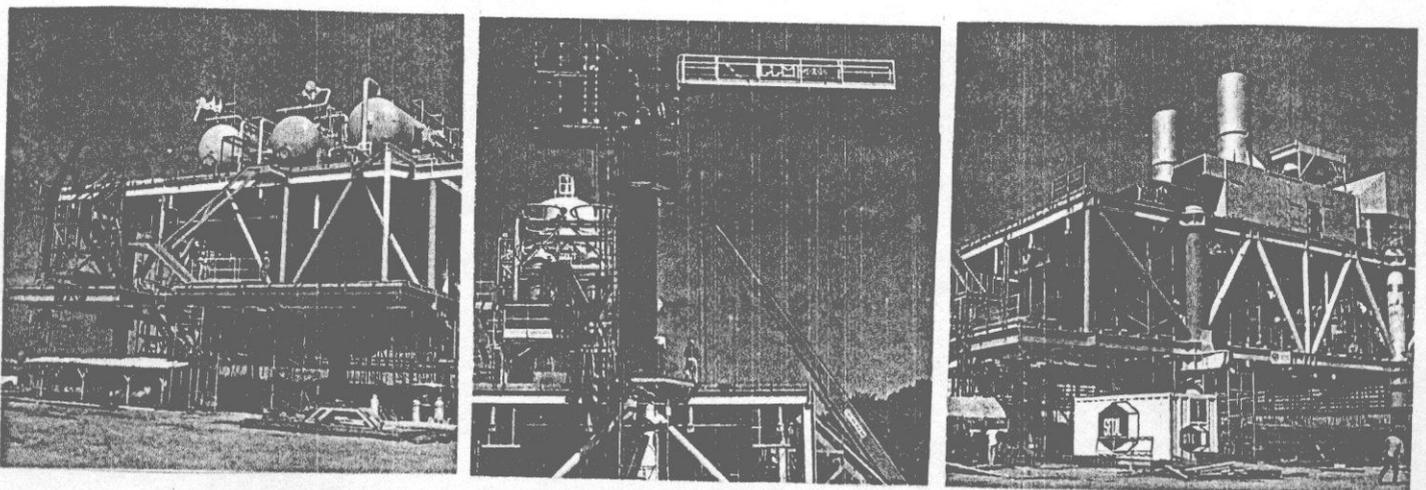


Figura nº 6

CAPÍTULO 3

PERSPECTIVAS

A Zona de Paz e Cooperação do Atlântico Sul e suas consequências - O Atlântico Sul, via natural das linhas de comunicações marítimas de interesse do mundo ocidental, abarca em suas margens oriental e ocidental civilizações integrantes do Terceiro Mundo (anexo "G").

Sob o ponto de vista geopolítico e econômico, verifica-se a distribuição em seu litoral de povos que, cada vez mais intensamente, efetuam trocas comerciais de interesse de suas economias, em alguns aspectos complementares. O aquecimento desse intercâmbio é fruto de gestões políticas no sentido de aprimorar o diálogo Sul-Sul entre os países do hemisfério. Tal diálogo resulta, em parte, de certa frustração advinda dos resultados pouco expressivos dos entendimentos com os desenvolvidos.

Por outro lado, os países industrializados do mundo ocidental têm interesse na manutenção do tráfego marítimo que, ligando o Índico ao Atlântico Norte, desempenha importante papel em suas economias.

No cenário acima exposto ^{surgiu,} há cerca de uma década e meia, um novo ator: o mundo comunista - especialmente a URSS. Com propósitos basicamente negativos, por antes de procurar implementar interesses comerciais próprios, objetiva^{va} embaraçar os dos ocidentais.

Constata^{va}-se, assim, na cena sul-atlântica a presença de três grandes centros de interesse em disputa econômica e ideológica.

Para os países em desenvolvimento, como o Brasil, importa a estabilidade da região - aí incluídos o caso da Namíbia ^{Angola} e o problema do "apartheid" sul-africano - para que se criem condições favoráveis ao crescimento econômico da comunidade. Para a

outra superpotência, os EUA, interessa ver a região livre de mecanismos que tolham seu livre trânsito.⁹

As propostas surgidas para a criação de um Pacto do Atlântico Sul - incluindo pelo menos África do Sul, Argentina, Brasil e Uruguai - à semelhança da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), não ^{eram} contavam com a concordância do Brasil. Em primeiro lugar, face ao reduzido poder dissuasório do grupo; em segundo lugar, pelos reflexos negativos que adviriam para nossa política com a África negra uma associação com o regime de Pretória.

No lado sul-africano, despontava o interesse em diminuir o isolamento causado pela política do "apartheid", ao tempo em que lhe conferiria a posição de guardião anti-comunista das rotas marítimas junto ao Cabo (19:466).

A atual concepção de uma Zona de Paz e Cooperação do Atlântico Sul surgiu, pela primeira vez, em 1977 quando da visita ao Brasil do Ministro da Educação de Cabo Verde. Foi reforçada em 1979, por um parceiro importante, quando aqui esteve o Chefe do Estado-Maior do Comando Militar Supremo da República da Nigéria.

A partir de então, passou a constar de diversos comunicados conjuntos com países africanos como Angola, Gabão, Guiné-Bissau, Senegal e Guiné. Após a guerra das Malvinas, a Argentina - que anteriormente era favorável ao Pacto mencionado - passa a apoiar a posição brasileira, o mesmo acontecendo com o Uruguai.

Finalmente, o Brasil teve seu projeto aprovado pela Resolução 41/11-1986 da Assembléia-Geral da ONU, novamente submetida em 13 de novembro de 1987, com 122 votos a favor, oito abs

⁹Cf. Palestra sobre Desarmamento proferida pelo Almirante-de-Esquadra (RRm) José Maria Amaral de Oliveira no C-PEM da EGN em 18 de julho de 1988.

tenções e um voto contra, o dos EUA.

A intenção da iniciativa é a de manter o Atlântico Sul "a salvo de tensões derivadas de interesses alheios às nações em desenvolvimento e a assegurar que sirva sempre à cooperação partícipe e à solidariedade crescente entre os povos da região".¹⁰

Por tal motivo, não interessaria ao Brasil ver o limite meridional da área de atuação da OTAN estendido a latitudes mais ao sul do trópico de Câncer, como alguns exercícios conjuntos da Organização parecem insinuar.

No intuito de implementar a cooperação sul-atlântica, de verá o Brasil acordar medidas bilaterais na área técnica, como o desenvolvimento de fontes alternativas de energia - preocupação da Nigéria -, assistência na exploração de petróleo, conforme acordos com Gana, Guiné e Angola, formação profissional e estímulo à agroindústria e à pesca. Neste último setor, a União Soviética vem ocupando o espaço deixado pelas antigas metrópoles, como ocorre em Angola.

Na área multilateral, prosseguir nos esforços conjuntos com os africanos nos foros internacionais buscando, entre outros, a defesa dos produtos primários comuns, como o café e o cacau.

Identificam-se como dificuldades para a implementação da Zona de Paz, no campo político, o choque de interesses entre as superpotências na região e, no campo econômico, a disputa com as ex-metrópoles pelo mercado africano. As abstenções francesa, belga, alemã, portuguesa e italiana, além de outras de países industrializados como o Japão, ao projeto brasileiro, são indicadoras daquelas dificuldades.

De qualquer forma, a iniciativa servirá como instrumento de pressão contra a nuclearização da região, complementando os

¹⁰Cf. Texto da carta enviada ao Secretário-Geral da ONU pelo chanceler Abreu Sodré, em 1986.

propósitos do Tratado de Tlatelolco e a Declaração da OUA sobre desnuclearização.

Como a Resolução foi recentemente aprovada por expressiva maioria, espera-se que as objeções aos seus propósitos sejam atenuadas no decorrer do tempo.

N (NSD)

Repercussões da relações Brasil-África Ocidental para a MB, sob os aspectos estratégicos, operativos e logísticos - A intensificação das relações Brasil-África Ocidental poderá representar para a Marinha a possibilidade, sob o aspecto estratégico, de envolvimento naval brasileiro em áreas marítimas muito além daquelas previstas em suas atribuições normais (vide Saliente Africano e Golfo da Guiné, além do Cabo da Boa Esperança). Tal envolvimento será influenciado, é claro, pela atitude das ex-metrópoles e, mais especialmente, pelos interesses em jogo por parte das superpotências. Precisaremos estar capacitados a acompanhar e interpretar o pensamento naval dominante nas novas nações africanas a fim de participarmos de sua evolução, quer em instrução teórica, quer em exercícios conjuntos.

O relacionamento com as autoridades navais dos países envolvidos, constituirá oportunidade de influir na mentalidade marítima regional. Aí valem, principalmente para as nações de língua portuguesa, os laços étnicos, históricos e culturais que nos unem, como verificamos no início deste trabalho.

A possibilidade do emprego de navios projetados e construídos no Brasil, bem como seu complexo de apoio em terra, representa um importante fator de presença brasileira na doutrina das incipientes Marinhas africanas. Face à provável intensificação do intercâmbio comercial, o tráfego marítimo Brasil-África deverá apresentar maior relevância (Figura 7).

Sob o aspecto operativo, deveremos estar preparados para a edição e disseminação de manuais e instruções técnicas de

resolvido - 43 -
 os probls economicos
 de parte a parte (ou como parte
 da solução em economias complementares)

TRAFEGO MARÍTIMO INTERNACIONAL DE INTERESSE BRASILEIRO

- 1987 -

ROTA	MÉDIA DIÁRIA NAVIOS	INTERCÂMBIO COMERCIAL ANUAL (IMPORTAÇÃO + EXPORTAÇÃO)	
A	36	12.408	E- 65% I- 35%
B	53	12.050	E- 75% I- 25%
C	6	1.483	E- 64% I- 36%
D	20	9.387	E- 51% I- 49%
E	27	4.889	E- 61% I- 39%

OBS. 1- SÃO CONSIDERADOS OS 2 SENTIDOS
 2- NAVIOS SUPERIORES A MIL TONELADAS
 3- US \$ MILHÕES F.O.B.

FONTE : CACEX
 COMCONTRAM/1987

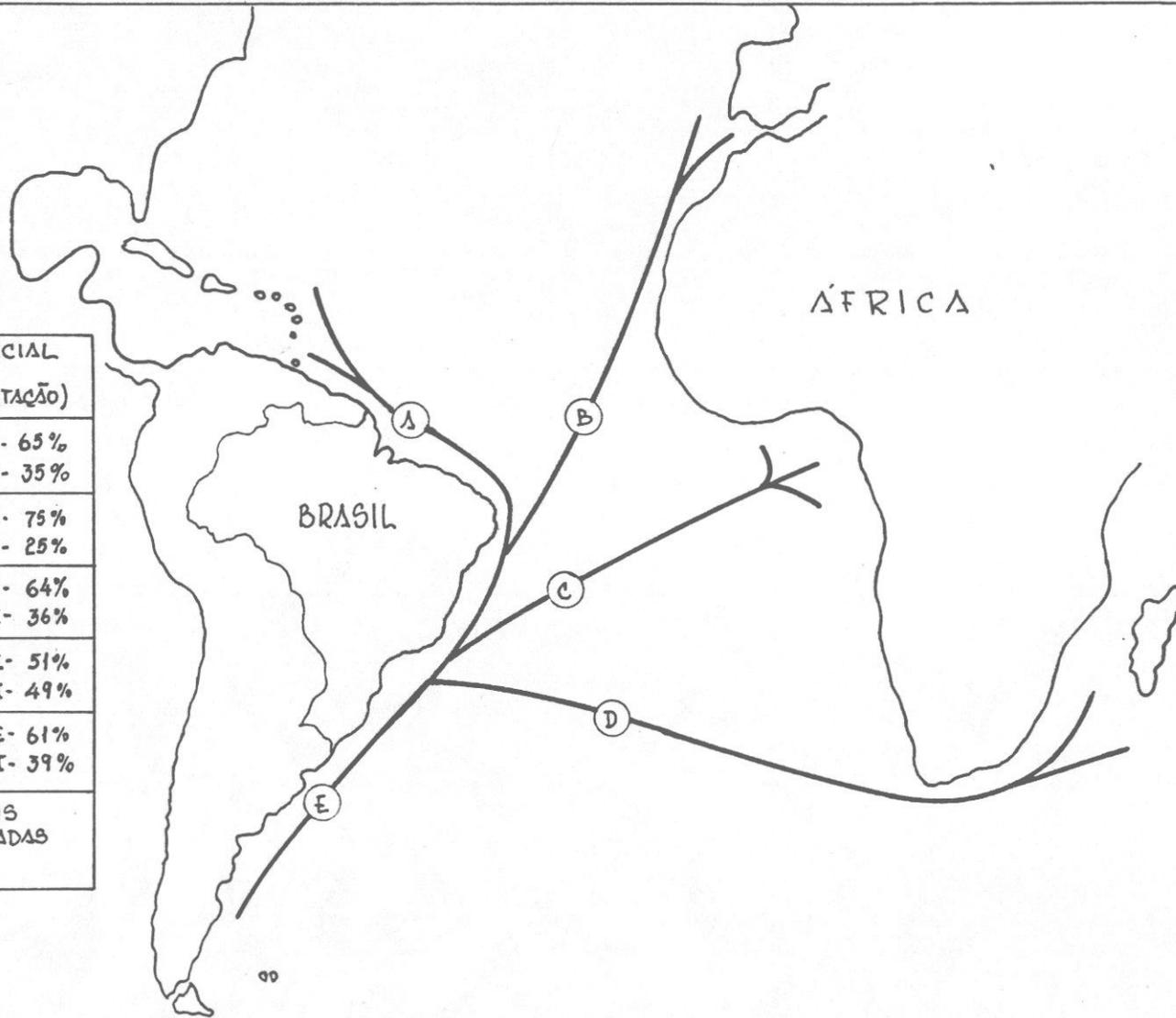


Figura nº 7

emprego dos equipamentos por nós fabricados e a serem operados pelos africanos. Daqueles países dotados de maior potencial para desenvolverem uma Marinha operativa estão a Nigéria - a melhor da região, excluída a África do Sul - e Angola.

Outro aspecto importante é o da familiarização com o litoral africano, suas ilhas e arquipélagos como Annobón, Macias Nguema (ex-Fernando Pó), São Tomé e Príncipe e Cabo Verde. Constituirá para nossos Oficiais relevante adiestramento, o reconhecimento "in loco" do acesso (e minagem) aos portos, suas facilidades e limitações.

O melhor conhecimento do Golfo da Guiné, importante por ser comum a oito países da África Atlântica, o levantamento, mesmo superficial, dos estuários dos rios mais notáveis como o delta do Niger, na Nigéria, o Congo, na fronteira entre Angola e Zaire (acesso ao porto de Matadi) e o Cuanza, ao sul de Luanda em Angola, a localização das plataformas de exploração de petróleo no mar, principalmente aquelas operadas pela Braspetro, têm relevância no processo de familiarização mencionado.

Faixas de frequência para comunicação em emergência, bem como para aproximação dos portos, locais favoráveis ao fundeio e ao recebimento de práticos deverão estar disponíveis para pronto emprego por nossas Forças-Tarefas ou navios escoteiros.

Sob o aspecto logístico, a Marinha deverá estar preparada para cumprir derrotas mais extensas, para isso necessitando de Apoio Logístico Móvel redimensionado, com navios-tanque mais modernos e de maior capacidade, bem como de manter atualizado o levantamento do apoio na costa africana (Dakar atualmente talvez seja o melhor). Vale lembrar que as ilhas oceânicas no Atlântico Sul estão sob soberania britânica (Ascensão, Santa Helena e Tristão da Cunha), sem falar nas Malvinas e Georgia do Sul.

O racional aproveitamento das correntes marinhas e dos

regimes de ventos predominantes nas diversas estações do ano são fatores importantes na seleção das derrotas mais econômicas, tanto transatlânticas quanto costeiras.

Possíveis conseqüências para o Ocidente de um relacionamento intenso entre o Brasil e os novos países do Oeste africano - A atual estratégia de desenvolvimento do Terceiro Mundo tem como um dos objetivos o reforço dos laços econômicos entre os países que o integram.

Reflexo das relações de força existentes entre o Norte e o Sul, o centro de gravidade do poder mundial decididamente pende para o hemisfério Norte.

O novo relacionamento político e econômico Brasil-África é consequência do quadro exposto. Tal entendimento, contudo, não significa uma nova partilha de mercado capaz de provocar uma ruptura no modelo atual.¹¹

A questão da deterioração contínua dos termos de troca que tradicionalmente reserva aos países em desenvolvimento o papel de fornecedores de matéria-prima a preços regulados pelos desenvolvidos e de consumidores de produtos industrializados a custos fora de seu controle, é um exemplo desse modelo.

Aquele relacionamento antes contribuirá para melhorar a situação econômica dos estados ditos periféricos e, com isso, ensejar-lhes novos argumentos de pressão nas negociações Norte-Sul.

Todavia, os países do Terceiro Mundo e aí, evidentemente, incluem-se o Brasil e os estados da África Atlântica, não dominam perfeitamente o modelo periférico do qual são atores. Suas economias lutam pela complementaridade, seus governos estão envolvidos em problemas sociais e políticos permanentes e graves e suas Forças Armadas, ainda mal estruturadas, filiam-se provavelmente na tecnologia alienígena.

¹¹Cf. VANHAEVERBEKE A. Problèmes économiques des pays en voie de developpement, Brussels, pg. 40-41.

Acresce ao fato, a constatação de que Brasil e África Ocidental dependem muito mais de seus respectivos relacionamentos com os EUA e a Europa do que entre si. Isso significa que uma ruptura no comércio com os mercados do Norte, provavelmente afetaria mais profundamente a economia brasileira e africana do que a daqueles países, detentores que são das rédeas do sistema financeiro internacional.

Além disso, aos países desenvolvidos não interessaria uma intensificação nas trocas periféricas, por favorecerem a emergência de novos concorrentes e por desviar para o Sul, parte do fluxo comercial que lhes era, até então, garantido.

As pressões já se fazem sentir contra uma presença mais atuante do Brasil no mundo africano e elas partem, principalmente, do esforço neo-colonialista das antigas metrópoles, em especial França e Inglaterra. Porém, como ocorre no resto do mundo, a disputa também se faz com outros países ricos, como EUA, Japão e Canadá.

Contudo, um relacionamento aquecido entre nosso País e o Oeste africano, principalmente com os de língua comum, superadas ou melhor, abrandadas, as dificuldades mencionadas, poderia contribuir para afastar da cena sul-atlântica interesses a ela estranhos, como os ^{2x-}da União Soviética e China, e levar a comunidade à uma participação mais ativa e mais solidária em foros internacionais, como instrumentos de uma ação política coordenada em prol da região, afinal de vocação inevitavelmente ocidental.

CAPÍTULO 4

CONCLUSÃO

País destituído de pretensões hegemônicas com fronteiras bem definidas e de povo de índole pacífica, ao Brasil interessa a manutenção de uma conjuntura internacional estável e desprovida de tensões, principalmente nas áreas de sua influência geopolítica. Tal situação lhe asseguraria condições necessárias ao desenvolvimento econômico e social e à segurança de seus interesses.

Neste contexto, os países do Oeste africano constituem a nossa fronteira leste com o Atlântico Sul representando o espaço econômico, prolongamento natural e complementar das atividades sócio-econômicas da comunidade brasileira.

Por outro lado, a reaproximação com a África não significa sacrifício do nosso relacionamento com o mundo ocidental e as demais regiões do globo; ao contrário, essa iniciativa visa a complementação da política de universalidade desejada. Até porque, como vimos, houve um retraimento nas nossas relações com os africanos desde a segunda metade do século XIX até meados ^{dos anos setenta.} ~~da década passada.~~

Assim, a identidade de interesses a defender em foros internacionais, o comércio, a prestação de serviços, o investimento econômico, os programas de assistência educacional, técnica, sanitária e, até mesmo militar, são temas frequentes no complexo de nossa participação africana.

O relacionamento atual no campo econômico tem revelado duas características principais: a alta taxa de crescimento no início dos anos setenta e, devido à descontinuidade, assiste-se hoje a uma mais baixa representatividade.

Quanto à baixa representatividade, bastaria citar que o nosso maior parceiro, a Nigéria, situa-se apenas no décimo-sé

timo lugar entre os países de destino de nossas exportações, contribuindo com cerca de um por cento do total relativo a 1986. Quanto às importações o quadro é semelhante. O bloco a fricano, em conjunto, ocupou o sétimo lugar em nossa balança comercial de 1987 (anexo "B").

Quanto à descontinuidade de comércio, pode-se afirmar e xistir uma parceragem não consolidada. Os países africanos so bem e descem de colocação a cada ano nas relações comparati vas, tanto positiva quanto negativamente, revelando instabili dade comercial cuja principal justificativa parece ser a escas sa liquidez.

Enquanto os africanos necessitam de bens de consumo, capi tal e tecnologia, sua oferta disponível, fora o petróleo, é co mumente a mesma do Brasil: cacau, café e outros produtos tropi cais. Abrem-se, assim, perspectivas para a articulação do comér cio triangular com terceiros países, complementando os fluxos com a ajuda brasileira na comercialização de produtos primá rios tradicionais, nos quais a presença e a experiência na co mmercialização podem contribuir para o acesso dos exportadores africanos ao mercado mundial, fora das antigas metrôpoles.

Nigéria, Angola, Gabão e Congo se enquadram na situação mencionada por serem os principais produtores de petróleo do Oeste africano (anexo "E"). O Gabão, mercado bastante impermeá vel, com características de quase monopólio com a França é um caso típico: nossas importações que se mantinham em torno dos vinte milhões de dólares desde 1984 (em 1983 foi de quase qua renta milhões), caiu para zero em 1987, face ao saldo cronic amente negativo para o Brasil na balança comercial. Há perspec tivas de melhorarem as relações em 1988.

Dentre os setores que desempenham papel dinâmico nas ope rações de intercâmbio, pode-se citar o da agroindústria, da en genharia de serviços e o da engenharia civil. Seis nações afri

canas foram ou estão sendo hóspedes de grandes empresas brasileiras: Maurítãnia, Costa do Marfim, Nigéria, Congo, Zaire e Angola.

No campo da cooperação, assume importância o número de estudantes africanos que recebe bolsas para frequentar universidades brasileiras necessitando, no entanto, maior apoio na área de pesquisa, na de treinamento de mão-de-obra e na preparação dos quadros de funcionários administrativos, inclusive no serviço exterior.

Na área cultural, os países africanos continuam sendo pouco procurados em nosso meio, seja no que eles têm de tradicional ou de moderno. Os dutos de acesso à inteligência africana tem-se restringido apenas às operações pontuais, mercê do interesse surgido por algum país.

No campo militar, através da ação básica de nossa indústria bélica, empregando transações tipo "countertrade" (como petróleo x manufaturados), há possibilidade de ser exercida influência na formação de pessoal técnico e na prestação de assistência logística. Especificamente, a nossa indústria de construção e reparo naval seria a ferramenta apropriada para o estabelecimento e a manutenção de laços duradouros com as iniciantes Marinhas africanas pela adequabilidade de nossa tecnologia de nível médio.

Finalmente, a intensificação das relações com o Oeste africano deve ser administrada com discernimento e cautela, selecionando-se o essencial na área bilateral para evitar aquela incômoda sensação africana de dependência e sujeição que lembram os penosos tempos do colonialismo européu.

Para tal, vale por certo, o nosso passado colonial comum, mormente em relação aos de expressão portuguesa. Como defende experiente diplomata brasileiro, as relações com a África, antes mesmo das latino-americanas, poderão alçar o Brasil a

um patamar mais elevado no cenário internacional, fruto de uma participação construtiva no continente negro, isto é, na África o Brasil pode fazer da sua atuação um "aprendizado-alavanca".

LES PRINCIPALES ZONES FRANCHES EN AFRIQUE

	Nombre de zones	Date de création	Type (s) de zones	Activité principale	Emplois	Nbre de sociétés en activité
Angola	1	1961	ZFT	NP	NP	NP
Côte d'Ivoire	1		ZFE	Industries textiles et du vêtement	2 000	24
Égypte	4	1974	ZFE	Vêtements Instruments médicaux	10 000	361
Liberia	1	1975	ZFE	ND	ND	ND
Ile Maurice		1973	ZFE	Industries textiles et du vêtement	46 000 (juin 1985)	194
Maroc	1		ZFE	Industries textiles et du vêtement	ND	ND
Mozambique	2	1980	ZFT	NP	NP	NP
Sénégal	1	1974	ZFE	Construction	600 (1982)	5
Tanzanie	4	1967	ZFT	NP	NP	NP
Togo	1	1977	ZFE	ND	ND	ND
Tunisie		1972	ZFE/ Port franc	Industries textiles et du vêtement construction	20 000 (estimation 1984)	115

SOURCE : Sabre Foundation — Washington
Frizones Consultants — Paris

ZFT - Zone franche de transit ZFE - Zone franche d'exportation
ND - Non disponible NP - Non pertinent

* Les sites sont nombreux. Une société s'implantant dans ce pays peut obtenir un statut de zone franche.

COMERCIO EXTERIOR BRASILEIRO
 BLOCOS ECONOMICOS E PAISES
 US\$ 1.000 F.O.B.

SISTEMA: APL

DISCRIMINACAO	1 9 8 7		1 9 8 6		1 9 8 5		1 9 8 4		1 9 8 3	
	EXPORTACAO	IMPORTACAO								
AFRICA (EXCLUSIVE ORIENTE MEDIO)	955221	528421	788098	687894	1778657	1732253	1718497	1294452	1081726	637876
AFRICA DO SUL	89590	60597	48352	51820	52933	18545	130504	43252	138073	21715
ALBORAN-PEREJIL, ILHAS	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
ANGOLA	206385	98876	92547	113109	128885	147743	89991	126991	46450	214904
ARGELIA	118413	100489	130948	93496	135517	194139	238523	122060	149560	153038
BEKIN	2436	0	15191	0	21988	0	25386	0	12634	0
BOTSWANA	506	0	409	0	383	0	1187	0	2367	0
BURKINA FASO	58	0	4922	0	1153	0	68	0	363	0
BURUNDI	31	0	38	0	41	0	16	0	0	0
CABO VERDE, REP. DE	2659	0	2105	0	7341	0	3277	0	3316	0
CABARDES	12793	379	8577	130	5895	119	6282	49	3907	0
CENTRO AFRICANA, REP.	292	378	274	0	421	0	191	0	103	0
COMORAS, ILHAS	547	0	0	0	0	0	0	0	0	0
CONGO	1448	171	3064	514	8540	0	8309	0	9761	211
COSTA DO MARFIA	14870	109	16359	2691	13360	1429	13140	244	6036	608
DJIBUTI	27	0	18	1	1	0	21	0	95	0
ETIOPIA	1795	0	1190	0	858	0	1186	0	7107	0
FEZZAN	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
GABAO	220	0	1003	20577	1143	19862	8239	19598	1658	39516

FONTE: EXPORTACAO - CACEX/DEPEC
 IMPORTACAO - CIEF/INIFAZ

DISCRIMINACAO	1 9 8 7		1 9 8 6		1 9 8 5		1 9 8 4		1 9 8 3	
	EXPORTACAO	IMPORTACAO								
GABIA	870	0	246	0	173	0	24	0	57	0
GAMBIA	8675	0	1954	0	6225	0	11111	1	19354	0
GUINEA	3103	0	11826	0	35583	29	34192	0	19624	0
GUINE-BISSAU	348	0	50	0	151	0	29	0	294	0
GUINE EQUATORIAL	0	0	0	0	35	0	0	0	0	0
LESOTHO	39	0	1	0	2802	0	2336	0	632	0
LIBERIA	75125	0	41560	771	124287	77	37351	0	79782	0
LIBIA	24067	0	15794	1303	12709	0	9214	0	19141	78104
MADAGASCAR	861	24	701	19	1619	0	1659	24	1782	0
MALAWI	251	0	310	0	336	0	187	0	57	0
MALI	431	0	195	0	114	0	172	0	98	0
MARROCOS	62256	51368	26085	22496	30646	589	53094	10163	52064	2690
MAURICIO	3329	0	332	0	267	0	1406	0	2527	0
MAURITANIA	2867	3060	2369	1210	207	0	837	0	2370	0
EGIPTO	3033	0	6337	0	4259	0	19988	0	85902	10377
NIGER	30	0	949	0	2012	0	468	0	202	0
NIGERIA	216672	206036	247106	366429	914782	1347592	653708	967296	195434	82822
QUENIA	12807	809	9517	10	5198	0	6317	0	4442	0
REUNIAO, ILHA	2578	0	665	0	122	0	29	0	10	0
RUANDA	810	0	0	0	246	0	159	0	197	0
SAARA OCCIDENTAL	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
SANTA HELENA	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
SAO TOME E PRINCIPE, ILHAS	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
SENEGAL	4142	0	1499	13	44307	0	85104	81	1830	7
SERRA LEOA	663	0	474	0	823	0	520	0	608	0
SEYCHELES, ILHAS	41	53	55	45	50	38	2	91	20	39
SOMALIA	1525	0	3796	0	1119	0	2621	0	840	0
SUDAO	2520	3	2654	0	7647	5	3810	0	3309	0
TANZANIA	2349	0	1161	0	2229	0	3542	0	8300	0
TCHAD	233	0	49	0	104	0	0	0	0	0
TOGO	1062	0	2381	0	1014	0	3387	0	5079	0
TUNISIA	10147	927	13080	1591	21031	279	28131	0	30320	28622
USANDA	1344	17	157	0	386	66	527	0	910	0
ZAIRE	58731	5125	70983	10585	154172	45	126310	2582	147932	2493
ZAMBIA	470	0	1791	1084	1636	1705	531	2019	15150	2730
ZIMBAWE	1782	0	442	0	23996	0	105618	1	2029	0

- A-4 -

FONTE: EXPORTACAO - CAEX/DEPEC
 IMPORTACAO - CIEF/ANIFAZ

Anexo "C"
 (continuação)

INTERCÂMBIO COMERCIAL BRASIL - OESTE AFRICANO
 INTERCÂMBIO COMERCIAL BRASIL - OESTE AFRICANO
 PRINCIPAIS EMPRESAS Y PAISES
 PRINCIPAIS FIRMAS E PAISES

US\$ 1.000 F.O.B.

<u>ANGOLA</u>	<i>EXPORTACION</i> <u>EXPORTAÇÃO</u>	<i>hasta</i> (até maio) <u>1988</u>	<u>1987</u>	<u>1986</u>
1.	ENGEXCO EXPORTADORA S.A.	14.727.815	73.702.109	6.182.196
2.	SAAB SCANIA DO BRASIL S.A.	9.202.842	199.618	2.358.609
3.	MULTITRADE S.A.	7.694.868	36.279.510	17.370.988
4.	MESBLA COMÉRCIO INT'NL S.A.	6.440.503	12.077.943	8.368.181
5.	CARGIL AGRÍCOLA S.A.	3.854.557	-	-
6.	DISTRIBUIDORA DE COMEST. DISCO S.A.	3.655.477	21.355.352	6.678.617
7.	GENERAL ELETRIC TRADING DO BRASIL S.A.	3.411.360	-	-
8.	ERICSSON DO BRASIL COM. IND. S.A.	3.268.770	675.956	2.458.506
9.	REFINADORA DE ÓLEOS BRASIL S.A.	3.159.631	8.662.509	6.970.438
10.	INSTITUTO DO AÇÚCAR E DO ALCOOL	1.850.949	1.901.626	-
11.	GESSY LEVER ALIMENTOS S.A.	1.065.454	-	-
12.	RANDONSA VEÍCULOS E IMPLEMENTOS	759.844	-	-
13.	PETROBRÁS COM. INT'NL S.A.	750.036	8.792.107	7.698.282
14.	MERCADOR COMÉRCIO E REPRESENTAÇÕES LTDA	661.206	629.493	1.423.049
15.	BRITANITE IND. QUIMICAS LTDA	630.418	95.412	-
	<i>importación</i> <u>IMPORTAÇÃO</u>			
	<i>hasta</i> (ATE ABR/88)			
	PETROBRÁS	61.800.239	98.876.133	113.108.514
	<i>NIGERIA</i> <u>NIGÉRIA</u>			
	<i>EXPORTACION</i> <u>EXPORTAÇÃO</u>			
1.	MERCEDES BENZ DO BRASIL S.A.	9.949.681	1.430.192	607.101
2.	INSTITUTO DO AÇÚCAR E DO ALCOOL	7.908.809	27.548.081	22.752.927
3.	RILISA TRADING S.A.	3.075.853	6.310.316	3.971.794
4.	COTIA EXPORTAÇÃO E IMPORTAÇÃO S.A.	2.485.180	3.730.848	7.448.573
5.	POLITENO IND. E COM. S.A.	1.870.775	-	-
6.	VOLKSWAGEN CAMINHÕES LTDA	1.861.395	8.241.962	11.198.680
7.	CIA. BRASILEIRA DE ALUMÍNIO	1.726.041	998.067	-
8.	GOODYEAR COM E EXPORTADORA LTDA	1.300.747	1.938.594	-
9.	PLANIBANC COM. EXTERIOR LTDA	1.138.406	156.060	-
10.	GOTHIA DO BRASIL COM. E REP. LTDA	1.085.459	626.632	605.750
11.	GLASURIT DO BRASIL LTDA	940.013	1.206.143	523.120
12.	CIA BRASILEIRA DE PNEUMATICOS MICHELIN IND. E COMÉRCIO	918.992	3.447.739	-
13.	KSR COM. E IND. DE PAPEL S.A.	716.672	2.443.961	586.890
14.	XEROX DO BRASIL S.A.	672.350	179.410	-
15.	PLÁSTICOS BRANCO IND. E COM. LTDA	624.000	-	-

~~NIGÉRIA~~
NIGÉRIA

~~IMPORTACION~~

IMPORTAÇÃO (ATÉ ABR/88)

~~hasta~~
(até maio)
1988

Anexo "D"
(continuação)
~~CONTINUACION~~

1987

1986

PETROBRÁS

29.053.255 206.036.371 366.428.773

~~COSTA DE MARFIL~~
COSTA DO MARFIM
~~EXPORTACION~~
EXPORTAÇÃO

1. PETROBRÁS COM. INT'NL S.A.	3.602.445	-	1.488.211
2. CATERPILLAR DO BRASIL S.A.	1.644.116	295.740	607.058
3. CIA BRASILEIRA DE DISTRIBUIÇÃO	404.071	1.119.165	1.042.215
4. KSR COM. E IND. DE PAPEL S.A.	271.552	408.221	327.678
5. KUBOTA TEKKO DO BRASIL IND. E COM. LTDA.	263.153	25.909	20.155
6. REFINADORA DE ÓLEOS BRASIL S.A.	223.000	610.800	688.130
7. MERCEDES BENZ DO BRASIL S.A.	192.783	304.378	-
8. FIAT AUTOMÓVEIS S.A.	174.986	375.083	24.640
9. GLASURIT DO BRASIL LTDA.	171.371	11.192	-
10. RILISA TRADING S.A.	160.997	1.012.716	762.452
11. CIA BRASILEIRA DE PNEUMÁTICOS MICHELIN IND. E COMÉRCIO	129.664	2.214.015	-
12. FIRESTONE PROD. IND. LTDA.	128.419	-	-
13. SIDERÚRGICA MENDES JUNIOR	127.642	-	141.977
14. OMI ZILLO LORENZETTI S.A. IND. TÊXTIL	123.434	420.828	-
15. CHAMPION PAPEL E CELULOSE	109.927	672.963	518.270
<u>OBS.: A FEMECAP OCUPA O 20º LUGAR</u>	83.259	1.454.786	2.667.351

~~IMPORTACION~~ ~~hasta~~
IMPORTAÇÃO (ATÉ ABR/88)

1. SOCOCO S.A. AGRO-INDUSTRIAS DA AMAZÔNIA	-	8.999	17.300
2. FRUTOP PRODUTORA DE ALIMENTOS S.A.	-	96.330	275.586
3. PETROBRÁS	-	-	2.046.817
4. AGROPECUÁRIA JEREISSATI	-	-	201.165
5. MAGUARI AGRÍCOLA S.A.	-	-	150.123
6. FLORESTAL IGUAÇU SEMENTES	-	3.800	-

~~GABÓN~~
GABÃO

~~EXPORTACION~~
EXPORTAÇÃO

1. CATERPILLAR DO BRASIL S.A.	307.767	-	412.262
2. ENGEXCO EXPORTADORA S.A.	92.068	65.050	143.472
3. CASTELANO REP. IMP. E EXP. LTDA.	46.621	-	-
4. TRAMONTINA S.A. CUTEIARIA	46.434	5.442	5.458
5. FADEMAC S.A.	23.585	-	-

GABÓN
GABÃO

EXPORTACION
EXPORTAÇÃO

hasta
(até maio)
1988

1987

1986

6. DISTRIBUIDORA DE COMESTÍVEIS DISCO S.A.	11.094	-	-
7. KLABIN CERÂMICA S.A.	6.787	-	-
8. BRAZEX COM. EXP. E REP. LTDA.	-	-	35.108
9. ARMCO EQUIPETROL S.A.	-	33.366	-
10. EFFEM PRODUTOS ALIMENTÍCIOS INC. & CIA	-	-	8.748
11. HUGHES TOOL DO BRASIL EQ. IND. LTDA.	-	6.550	-
12. LAY REPRESENTAÇÕES LTDA	-	5.022	-
13. SANTISTA TRADING S.A.	-	-	175.594
14. TATUAPE S.A. INDL. E COML. EXPORTADORA	-	-	123.147
15. TRANSWAY TRANSPORTES INT'L S.A.	-	-	10.530
<u>IMPORTACION</u> <u>IMPORTAÇÃO</u> (ATÉ ABR/88)			

PETROBRÁS

17.357.407

-

20.577.275

LIBERIA
LIBÉRIA

EXPORTACION
EXPORTAÇÃO

1. SIDERÚRGICA DELTA LTDA	551.452	153.430	222.593
2. SIDERÚRGICA PIRATININGA	447.852	-	-
3. CATERPILLAR DO BRASIL S.A.	409.601	-	624.327
4. VOLKSWAGEN CAMINHÕES LTDA.	142.818	248.345	45.241
5. BRAZAUTO EXPORT. COM'L EXPORT S.A.	137.700	199.055	275.454
6. MERCEDES BENZ DO BRASIL S.A.	102.079	7.328	1.562
7. CASA DA BANHA COM. E IND. S.A.	100.800	-	-
8. TRAMONTINA S.A. CUTELARIA	92.397	106.298	60.393
9. GLASORIT DO BRASIL LTDA	90.191	407.379	146.411
10. SPASA TRADING S.A.	75.214	216.798	79.100
11. EUCATEX TRADING S.A. EXP. E IMP.	74.606	64.445	60.409
12. GETHAL S.A. IND. MADEIRA COMPENSADA	56.309	-	-
13. GOODYEAR COM'L E EXPORTADORA LTDA.	47.269	-	-
14. CIA MELHORAMENTOS SÃO PAULO IND. PAPEL	46.996	421.725	180.362
15. FADEMAC	38.141	103.167	49.040
<u>IMPORTACION</u> <u>IMPORTAÇÃO</u> (ATÉ ABR/88)			

ATLANTIC VENEER DO BRASIL S.A. IND MADEIRAS

-

-

770.720

ZAIRE

EXPORTACION
EXPORTAÇÃO

1. PETROBRÁS	20.731.061	56.231.655	68.169.865
--------------	------------	------------	------------

<u>ZAIRE</u>	<i>EXPORTACION</i> <u>EXPORTAÇÃO</u>	<i>hasta</i> (até maio) <u>1988</u>	<u>1987</u>	<u>1986</u>
2.	CARBOCLORO S.A. IND. QUÍMICAS	415.969	-	-
3.	VALMET DO BRASIL S.A. IND. COM. TRATORES	256.007	126.425	93.058
4.	FORD DO BRASIL S.A.	227.650	51.012	86.951
5.	BRAMACO COM. EXPORTAÇÕES LTDA.	113.806	125.065	25.867
6.	CONSUL S.A.	106.039	66.771	100.578
7.	GLASURIT DO BRASIL	99.006	-	-
8.	CATERPILLAR DO BRASIL S.A.	96.601	589.540	163.387
9.	TECNOSTRAL S.A. IND. E TECNOLOGIA	82.960	-	-
10.	ALCAN ALUMÍNIO DO BRASIL S.A.	72.860	239.846	253.862
11.	FORD TRATORES LTDA.	71.190	-	-
12.	SOC. INT'L COMPRESSORES HERM SICOM LTDA.	66.322	-	-
13.	EMPRESA BRASILEIRA COMPRESSORES S.A. EMBRACO	52.364	-	153.664
14.	DEDINI S.A. SIDERÚRGICA	49.200	-	-
15.	MERCEDES BENZ DO BRASIL S.A.	39.496	116.649	583
	<i>IMPORTACION hasta</i> <u>IMPORTAÇÃO (ATÉ ABR/88)</u>			
1.	FIOS E CABOS PLASTICOS DO BRASIL S.A.	1.655.270	496.357	-
2.	A GAZETA DE IMP. E EXP. S.A.	1.534.609	1.511.048	2.279.413
3.	ELUMA S.A. IND. E COM.	1.253.724	-	146.909
4.	COOPERSANTO IMP. E EXP. LTDA.	-	57.198	-
5.	S.A. DE MATERIAIS ELÉTRICOS SAME	-	919.247	546.574
6.	PIRELLI S.A. COMP. IND'L BRASILEIRA	-	1.691.782	6.708.653
7.	LAMINAÇÃO NACIONAL DE METAIS S.A.	-	445.784	872.220
8.	LEMONDE IND. COM. LTDA.	-	-	14.220

OBS.: 1 - AS 8 FIRMAS ACIMA IMPORTARAM BARRAS P/ FIOS DE COBRE NO VALOR TOTAL DE US\$ 4.443.603 EM 1988 (ATÉ ABR).

2 - O MESMO OCORREU EM 1987 E 1986.

FUENTE

DEL

FONTE: CACEX - BANCO DO BRASIL - ~~19/07/88~~.

DATOS DISPONIBLES HASTA MAIO/88

PETRÓLEO AFRICANO	ESTIMATED PROVED RESERVES 1-1-1988		OIL PRODUCTION			REFINING Capacity (b/cd) January 1, 1988					
	COUNTRY	Oil (1,000 bbl)	Gas (10 ⁹ cu ft)	Producing wells* Dec 31, 86	Estimated 1987 (1,000 b/d)	% change from 1986	No. of ref.	Crude	Thermal operations	Catalytic cracking	Catalytic reforming
AFRICA											
Algeria.....	8,500,000	105,900	840	647.9	+ 4.0	4	464,700	55,600	
Angola-Cabinda	1,149,000	1,760	381	341.3	+21.0	1	32,100	1,900	
Benin	100,000	...	6	12.0	+55.8	
Cameroon.....	520,000	3,880	176	170.0	- 5.6	1	43,000	6,500	
Congo	720,000	2,470	286	118.0	+ 2.6	1	21,000	2,000	
Cote d'Ivoire	2	60,000	16,600	
Egypt	4,300,000	10,240	724	899.3	+10.6	7	452,110	16,470	...	30,940	
Ethiopia	1	18,000	2,200	
Gabon	645,000	600	295	155.8	- 3.2	1	23,000	7,200	...	1,500	
Ghana	1,000	1	28,000	5,550	
Ivory Coast.....	120,000	3,530	14	16.0	- 7.9	
Kenya.....	1	90,000	9,000	
Liberia.....	1	15,000	2,000	
Libya	21,000,000	25,700	661	1,019.7	- 1.1	2	329,400	14,582	
Madagascar	1	16,350	2,600	
Morocco	2,700	70	4	0.3	- 5.0	2	154,600	...	5,600	26,800	
Mozambique.....	...	2,200	
Nigeria	15,980,000	84,000	1,253	1,238.6	-15.5	3	270,000	...	47,000	39,700	
Senegal	1	29,800	2,870	
Sierra Leone	1	10,000	
Somalia	210	1	10,000	
South Africa.....	...	980	4	433,500	63,500	84,400	62,800	
Sudan	300,000	1	21,440	1,700	
Tanzania	4,100	1	13,500	3,000	
Togo.....	1	20,000	4,400	
Tunisia	1,800,000	2,960	150	104.3	- 2.9	1	34,000	3,300	
Zaire	112,000	30	104	31.8	- 2.0	1	17,000	3,000	
Zambia	1	23,750	...	5,040	5,040	
Total Africa	55,249,700	248,630	4,894	4,755.0	- 1.7	42	2,630,250	87,170	142,040	303,582	

FONTE: Oil & Gas Journal - v. 85 n. 52 - Dec. 28, 1987.

BRASIL-ÁFRICA OCIDENTAL

IMPORTAÇÃO/EXPORTAÇÃO DE PETRÓLEO E DERIVADOS

IMPORTAÇÃO PETRÓLEO BRUTO

GABÃO 42,7%
 NIGÉRIA 28,7%
 ANGOLA 28,6%

TOTAL: 2.886.139 toneladas/ano

LINHAS:GABÃO

PORT GENTIL - RIO/
 SP.

NIGÉRIA

ESCRAVOS/FORCADOS
 - RIO/SP

ANGOLA

TACULA - RIO/SP.

TERMINAIS:

RIO < ANGRA DOS REIS
 GUANABARA
 (EVENTUAL)

SÃO PAULO - S. SEBASTIÃO

IMPORTAÇÃO GLPANGOLA

CABINDA - SALVADOR
 SANTOS

TOTAL: 2.000 m³/ano

CERCA DE 12 VIAGENS AO
 ANO EM NAVIOS DE 17.000
 ton (normalmente afre-
 tados)

EXPORTAÇÃO DERIVADOS CLAROS

E LUBRIFICANTES (GASOLINA/
 DIESEL/QUEROSENE DE AVIAÇÃO)

ZAIRE 70%

NIGÉRIA }
 GABÃO, etc } 30%

TOTAL: 1.666.000 toneladas/ano

LINHAS:

BRASIL - ZAIRE

SANTOS - BANANA

RIO - ANGO ANGO

BRASIL - NIGÉRIA

SANTOS >
 RIO > APAPA

BRASIL - GABÃO

PARANAGUÁ >
 S. SEBASTIÃO > PORT GENTIL

FONTE: PETROBRÁS
 DETRAM - DIVISÃO DE OPERAÇÕES - JUL/88

~~ATLANTICO SUR~~
~~ATLANTICO SUL~~

- INFORMAÇÕES CONSOLIDADAS -
- PAÍSES DEL TERCER MUNDO -

Total de países: 24

(inclusive África do Sul e Namíbia)
(incluso África del Sur y NAMIBIA)

Total da área coberta pelos países: 20.539.225 km²

Destacam-se:	BRASIL	2.511.965 km ²
	ARGENTINA	2.766.889 km ²
	ZAIRE	2.344.885 km ²
	ANGOLA	1.246.700 km ²
ÁFRICA DEL SUR -	ÁFRICA DO SUL	1.222.161 km ²
NIGERIA -	NIGÉRIA	923.768 km ²

Total de população: 400.773.861 (1987)

Destacam-se:	BRASIL	142.830.000	(1987)
	NIGERIA - NIGÉRIA	100.615.000	(1987)
	ZAIRE	34.635.000	(1987)
ÁFRICA DEL SUR -	ÁFRICA DO SUL	33.642.000	(1987)
	ARGENTINA	38.650.000	(1987)

Línguas faladas:

francês	- 10 países
inglês	- 7 países
português	- 5 países
español - espanhola	- 3 países
afrikaans	- 1 país

Total de gastos com a defesa: US\$ 9,3 bilhões (1985)

Maiores gastos percentuais em relação ao PIB:

ÁFRICA DO SUL	3,6% (1985)	URUGUAY	2,5% (1985)
LIBÉRIA	3,2% (1983)	EL BRASIL OCUPA EL 14º LUGAR CON	
ARGENTINA	3,1% (1985)	EN	
SENEGAL	2,7% (1984)	0,8% EN 1985 (0,5% EM 1987).	
CONGO	2,5% (1985)		

Total de PNBs: US\$ 471,8 bilhões (1986)

Maiores PNBs:	BRASIL	US\$ 241,69 bilhões	(1986)
ÁFRICA DEL SUR	ÁFRICA DO SUL	US\$ 62,48 bilhões	(1986)
	ARGENTINA	US\$ 67,87 bilhões	(1986)
	NIGÉRIA	US\$ 68,1 bilhões	(1985)

Total de comércio con el Brasil
Total do comércio com o Brasil / 87:

exportación
Exportação: US\$ 1.802.211

importación
Importação: US\$ 1.201.892

EN
(EM US\$ 1.000 F.O.B.)

Mayor intercambio comercial:
Maior intercâmbio comercial:

NIGÉRIA: 216.672 (exp)

NIGERIA 206.036 (imp)

(em 1985 os dados foram: 914.702 (exp)

1.347.592 (imp))

ANGOLA: 206.385 (exp)

98.876 (imp)

ARGENTINA: 831.782 (exp)

580.062 (imp)

URUGUA^Y: 267.770 (exp)

247.477 (imp)

FUENTES

~~FONTES:~~ 1 - CENTRO DE ESTUDOS AFRO-ASIÁTICOS - CEEA.

2 - The Military Balance 1987-1988

3 - CACEX - COMÉRCIO EXTERIOR - 1987

OBS: DATOS DISPONIBLES HASTA 1987.

External Trade

PRINCIPAL COMMODITIES

Imports (US \$'000)*	1982	1983	1984
Fresh, chilled or frozen meat	11,916	10,045	4,396
Milk and cream	26,065	24,501	23,312
Wheat and meslin (unmilled)	10,249	9,450	12,425
Wheat flour	11,946	15,690	13,587
Refined petroleum products	50,274	12,529	2,913
Soya bean oil	14,414	12,214	4,739
Medicinal and pharmaceutical products	12,057	19,035	13,336
Woven cotton fabrics	716	10,405	56
Iron and steel tubes and pipes	37,823	8,612	22,509
Metal structures and parts	19,168	10,227	5,179
Rotating electric plant	4,986	2,985	11,876
Civil engineering equipment	108,339	49,475	35,448
Telecommunications and sound equipment	14,900	5,024	14,207
Road motor vehicles for goods transport	33,846	17,045	14,632
Spare parts for road vehicles	15,267	10,315	16,961
Ships, boats and floating structures	26,837	25,450	2,907

* Source: Organisation for Economic Co-operation and Development, microfilms.

Exports (million kwanza)	1978	1979
Crude petroleum	16,507.1	26,746.0
Petroleum derivatives	1,102.7	2,497.1
Coffee	6,732.1	5,699.9
Diamonds	2,996.6	4,219.0
Cement	89.7	59.1
Sisal	82.4	164.6
Fish meal	59.6	39.7
Total (incl. others)	27,739.0	39,530.8

SELECTED TRADING PARTNERS (US \$ million)

Imports	1977	1978
Belgium and Luxembourg	23.4	38.7
Denmark	1.2	4.6
France	33.1	28.3
Germany, Federal Republic	4.4	80.0
Italy	19.6	28.7
Japan	37.9	36.0
Netherlands	20.3	11.7
Portugal	63.3	64.8
Sweden	42.1	26.3
United Kingdom	18.3	38.8
USA	38.4	92.4

Source: Ministério do Plan, Luanda, Angola 78.

Note: The total value of Angola's external trade (in US \$ million) was: Imports (c.i.f.) 733 in 1977, 604 in 1978, 680 in 1979, 636 in 1984; Exports (f.o.b.) 657 in 1977, 661 in 1978, 666 in 1979, 2,029 in 1984.

Exports	1977	1978
Belgium and Luxembourg	3.1	6.2
Denmark	0.1	0.0
France	9.8	4.9
Germany, Federal Republic	11.4	5.8
Italy	1.1	0.6
Japan	10.3	6.6
Netherlands	11.7	37.5
Portugal	24.2	6.6
Sweden	1.2	1.1
United Kingdom	9.6	10.9
USA	309.0	325.0

Transport

GOODS TRANSPORT ('000 metric tons)

	1981	1982	1983
Road	1,000.8	733.6	691.5
Railway	725.0	655.3	399.2
Shipping (inshore and offshore)	520.1	446.5	401.3
Air	27.1	20.3	21.5
Total	2,273.0	1,855.7	1,513.5

PASSENGER TRANSPORT ('000 journeys)

	1981	1982	1983
Road	100,335.5	119,767.1	75,956.5
Railway	7,622.3	8,398.7	8,007.6
Air	822.9	899.6	959.3
Shipping	77.1	—	—
Total	108,857.8	129,065.4	84,923.4

Sources: Instituto Nacional de Estatística, Angola; Ministry of Transport and Communications, Luanda.

INTERNATIONAL SEA-BORNE SHIPPING (estimated freight traffic, '000 metric tons)

	1981	1982	1983
Goods loaded	6,361	7,936	8,301
Goods unloaded	936	888	940

Source: UN, *Monthly Bulletin of Statistics*.

CIVIL AVIATION (traffic on scheduled services)

	1982	1983	1984
Kilometres flown (million)	11.4	15.7	15.1
Passengers carried ('000)	891	952	690
Passenger-km (million)	858	980	917
Freight ton-km (million)	20.8	46.2	25.1

Source: UN, *Statistical Yearbook*.

External Trade

PRINCIPAL COMMODITIES (million francs CFA)

Imports c.i.f.	1982	1983	1984
Tyres	4,450	4,558	6,373
Cotton fabrics	14,181	5,218	4,492
Malt	8,895	9,441	5,044
Cement	5,305	13,239	6,630
Alumina	5,414	13,649	15,373
Lubricants	4,042	4,588	3,614
Medicine	11,933	15,495	13,738
Books and newspapers	4,029	4,105	3,768
Iron and steel pipes	6,470	17,408	7,781
Paper and allied products	6,547	7,071	1,809
Drilling equipment	10,585	13,158	29,632
Footwear	3,294	2,610	3,547
Iron and steel	9,675	17,431	18,317
Cutting machinery	5,665	5,148	5,205
Generating machinery	5,004	5,469	5,282
Road transport equipment	31,888	33,512	42,342
Air transport equipment	1,089	79	810
Total (incl. others)	394,581	466,977	484,646

Exports f.o.b.	1982	1983	1984
Cocoa	37,760	50,102	100,397
Coffee (arabica)	16,506	24,781	32,706
Coffee (robusta)	34,905	49,646	61,049
Bananas	8,771	6,740	6,663
Rubber	2,420	3,740	6,843
Tobacco	3,295	3,032	3,702
Cotton fibre	11,874	13,985	10,275
Cotton fabrics	5,205	5,139	9,403
Palm nuts and kernels	128	469	1,184
Palm oil	1,804	561	591
Cocoa pulp	2,707	2,739	6,437
Cocoa butter	4,247	5,990	7,757
Logs	14,285	12,974	14,324
Sawnwood and sleepers	5,023	3,707	4,016
Aluminium	21,339	22,840	29,794
Aluminium products	5,188	5,824	5,491
Crude petroleum	154,766	163,537	95,279
Total (incl. others)	358,777	413,801	440,470

PRINCIPAL TRADING PARTNERS (million francs CFA)

Imports c.i.f.	1982	1983	1984
Belgium/Luxembourg	10,583	12,533	14,342
France	174,873	218,506	207,536
Germany, Federal Republic	27,544	30,386	32,245
Italy	16,253	17,124	22,086
Japan	24,274	30,658	34,449
Netherlands	9,807	9,057	8,470
UDEAC*	3,388	11,214	7,511
UMOA†	3,116	4,392	8,495
United Kingdom	14,121	14,164	16,828
USA	29,890	37,614	49,619
Total (incl. others)	394,581	466,977	484,646

* Union douanière et économique de l'Afrique centrale (Customs and Economic Union of Central Africa), comprising Cameroon, the Central African Republic, the Congo and Gabon.

Exports f.o.b.	1982	1983	1984
Belgium/Luxembourg	2,407	2,363	3,249
France	71,040	121,054	146,692
Germany, Federal Republic	16,522	22,742	26,996
Italy	14,022	17,259	27,670
Japan	11,193	9,850	3,882
Netherlands	64,281	75,971	109,581
UDEAC*	15,624	17,667	20,407
UMOA†	1,734	2,304	2,715
United Kingdom	2,065	2,577	3,498
USA	135,166	94,557	54,699
Total (incl. others)	358,777	405,961	440,470

† Union monétaire ouest-africaine (West African Monetary Union), comprising Benin, Burkina Faso, Côte d'Ivoire, Niger, Senegal and Togo.

Transport

RAILWAYS (traffic, year ending 30 June)

	1981/82	1982/83	1983/84
Passengers carried ('000)	1,578	1,867	2,218
Passenger-km (million)	324	389	444
Freight carried ('000 tons)	1,754	1,792	1,849
Freight ton-km (million)	782	327	838

1984/85 (estimate): Passengers carried: 2,480,000.

ROAD TRAFFIC (motor vehicles in use at 31 December)

	1982	1983	1984
Passenger cars	60,392	66,868	72,449
Commercial vehicles	37,068	40,094	41,301
Tractors and trailers	1,573	1,772	2,045
Motorcycles and scooters	32,027	38,931	41,579

INTERNATIONAL SEA-BORNE SHIPPING (Douala)

	1983	1984	1985
Vessels entered	1,176	1,176	1,242
Freight loaded ('000 metric tons)	887	999	1,005
Freight unloaded ('000 metric tons)	2,845	2,999	3,418

Source: Office National des Ports, Douala.

CIVIL AVIATION (traffic on scheduled services)

	1982	1983	1984
Kilometres flown (million)	6.2	6.1	6.0
Passengers carried ('000)	634	631	677
Passenger-km (million)	581	568	540
Freight ton-km (million)	45.7	43.5	55.5

Source: UN, *Statistical Yearbook*.

External Trade

Source: Banque Centrale des Etats de l'Afrique de l'Ouest.

PRINCIPAL COMMODITIES
(million francs CFA, excluding gold)

Imports c.i.f.	1982	1983	1984
Dairy products	19,341	19,823	20,691
Cereals	45,333	51,073	49,484
Beverages and tobacco	14,754	13,925	13,667
Fuels	154,412	130,769	116,410
Crude petroleum	125,733	93,517	100,283
Machinery and transport equipment	165,650	172,662	153,941
Electrical machinery	27,710	34,572	40,264
Non-electric machinery	55,377	55,367	50,032
Road vehicles	41,806	43,812	33,534
Sea and river transport equipment	22,245	11,869	27,852
Chemicals	72,804	76,164	82,789
Cotton yarn and fabrics	18,418	11,996	10,780
Total (incl. others)	718,593	704,249	658,569

1985 (million francs CFA): Crude petroleum 133,400; Total (incl. others) 772,990.

Source: IMF, *International Financial Statistics*.

Exports f.o.b.	1982	1983	1984
Bananas	6,352	5,604	6,961
Pineapples	9,658	9,665	14,081
Green coffee	152,172	159,474	183,382
Cocoa beans	163,220	162,731	396,610
Cocoa paste and cocoa butter	35,972	39,094	70,715
Coffee extracts and essences	13,463	14,698	15,362
Canned fish	14,780	20,021	19,892
Canned fruit	5,827	3,525	5,782
Fuels	97,369	91,245	136,221
Latex	7,020	10,900	15,090
Wood	88,057	99,764	108,670
Cotton (ginned)	18,038	31,922	34,011
Fats and oils	14,837	19,278	35,447
Chemicals	10,253	17,376	17,456
Cotton yarn and fabrics	15,733	15,249	14,841
Total (incl. others)	747,452	796,774	1,184,341

1985 (million francs CFA): Coffee 277,660; Cocoa beans 398,410; Wood 58,030; Total (incl. others) 1,318,060.

Source: IMF, *International Financial Statistics*.

PRINCIPAL TRADING PARTNERS (million francs CFA)

Imports	1982	1983	1984
Belgium/Luxembourg	12,767	13,033	13,188
Brazil	14,940	3,164	6,124
France	227,100	248,154	216,540
Germany, Fed. Republic	28,077	37,783	33,239
Italy	22,480	24,136	21,148
Japan	48,500	31,606	25,273
Nigeria	29,583	37,039	58,882
Pakistan	2,259	26,263	9,521
Saudi Arabia	24,700	3,289	12,629
Senegal	13,247	12,512	12,697
Spain	14,781	26,368	23,901
Taiwan	16,344	7,205	4,978
United Kingdom	16,325	13,662	16,515
USA	36,861	28,026	43,314
Venezuela	21,633	8,702	10,882
Total (incl. others)	718,593	704,249	658,569

Exports	1982	1983	1984
Algeria	7,872	2,326	2,591
Belgium/Luxembourg	14,866	17,557	28,671
Burkina Faso	34,278	31,787	29,281
Canada	2,098	3,298	16,211
France	146,871	151,779	194,091
Germany, Fed. Republic	33,971	31,458	61,931
Italy	64,706	70,232	75,921
Japan	15,155	20,760	23,761
Mali	26,596	33,180	29,251
Netherlands	91,095	92,647	193,721
Niger	10,309	7,536	8,981
Nigeria	12,863	10,061	8,411
Portugal	10,334	10,410	14,481
Senegal	9,461	12,169	9,441
Spain	21,752	22,501	25,891
Togo	7,691	8,040	23,311
USSR	17,201	21,312	53,971
United Kingdom	26,524	35,531	40,181
USA	104,934	99,160	178,111
Total (incl. others)	747,452	796,774	1,184,341

Transport

RAILWAYS (including Burkina Faso traffic)

	1982	1983	1984
Passengers ('000)	3,171.8	2,941.0	2,574.9
Passenger-km (million)	892.6	971.8	857.8
Freight ('000 metric tons)	731	601	702
Freight (million net ton-km)	610.6	468.7	530.2

ROAD TRAFFIC (motor vehicles in use at 31 December)

	1981	1982	1984
Passenger cars	157,076	166,920	182,956
Buses and coaches	10,608	11,417	12,944
Goods vehicles*	66,795	69,467	30,057

* Including vans. † Figures for 1983 are not available.

Source: International Road Federation, *World Road Statistics*.

PRINCIPAL TRADING PARTNERS (million francs CFA)

Imports c.i.f.	1983	1984	1985
Belgium/Luxembourg	5,133	4,782	6,214
China, People's Republic	3,063	5,505	4,279
France	143,637	136,793	118,797
Germany, Fed. Republic	10,853	15,412	12,176
Italy	9,353	7,778	21,567
Japan	8,001	9,480	8,917
Netherlands	6,186	5,827	7,010
Spain	4,456	8,639	11,495
USA	19,106	14,819	17,267
Total (incl. others)	239,970	259,820	306,198

Exports f.o.b.	1983	1984	1985
Belgium/Luxembourg	12,195	12,265	5,140
France	2,808	5,919	53,262
Germany, Fed. Republic	1,659	2,523	1,322
Italy	31,197	8,409	8,955
Netherlands	2,848	11,011	29,562
Spain	8,084	9,526	67,762
USA	176,032	400,780	293,112
Total (incl. others)	243,720	516,700	488,366

Transport

RAILWAYS (traffic)

	1982	1983	1984
Passenger-km (million)	390	381	408
Freight ton-km (million)	815	437	480

Source: UN, *Statistical Yearbook*.

ROAD TRAFFIC ('000 motor vehicles in use)

	1980	1981	1982
Passenger cars	45.4	49.0	30.5
Commercial vehicles	38.6	60.0	78.6

Source: Régie Nationale des Transports et des Travaux Publics.

INLAND WATERWAYS (freight traffic in '000 metric tons)

Port of Brazzaville	1981	1982	1983
Goods loaded	76.0	88.5	86.6
Goods unloaded	485.9	432.4	457.2

INTERNATIONAL SEA-BORNE SHIPPING

Port of Pointe-Noire	1981	1982	1983
Vessels entered ('000 net registered tons)	5,936	6,671	6,686
Goods loaded ('000 metric tons)	6,205	6,364	7,656
Goods unloaded ('000 metric tons)	826	896	547

CIVIL AVIATION (traffic on scheduled services)*

	1982	1983	1984
Kilometres flown (million)	3.0	3.4	3.3
Passengers carried ('000)	161	217	228
Passenger-km (million)	247	268	274
Freight ton-km (million)	21.7	20.2	19.0

* Including an apportionment of the traffic of Air Afrique.

Source: UN, *Statistical Yearbook*.

Communications Media

	1981	1982	1983
Radio receivers ('000 in use)	98	102	100*
Television receivers ('000 in use)	3.7	4.0	4.5
Telephones ('000 in use)	17	n.a.	18
Daily newspapers	n.a.	1	n.a.
Non-daily newspapers	n.a.	2	n.a.

* Subsequently revised to 750,000.

1984: Daily newspapers 1 (average circulation 8,000 copies); Non-daily newspapers 2 (average circulation 15,000 copies).

Sources: UNESCO, *Statistical Yearbook*; UN, *Statistical Yearbook*.

Education

(1984)

	Institutions	Teachers	Pupils
Pre-primary	44	543	5,369
Primary	1,522	7,549	458,237
Secondary:			
General	n.a.	4,120	182,294
Teacher-training	n.a.	193	1,655
Vocational	n.a.	1,124	18,959
University	1*	565	9,385

Source: UNESCO, *Statistical Yearbook*.

Expenditure on the Gross Domestic Product*

	1978	1980	1981
Government final consumption expenditure	45,505	63,385	72,839
Private final consumption expenditure	117,888	147,924	220,622
Increase in stocks	7,934	10,157	21,057
Gross fixed capital formation	46,360	118,744	239,734
Total domestic expenditure	217,687	340,210	554,252
Exports of goods and services	78,562	203,029	314,318
Less Imports of goods and services	97,936	182,842	326,864
GDP in purchasers' values	198,313	360,397	541,706

* Data for 1979 are not available.

Gross Domestic Product by Economic Activity*

	1978	1980	1981
Agriculture and fishing	27,834	34,429	36,074
Forestry and logging	3,959	7,699	6,613
Mining and quarrying	31,937	120,980	212,807
Manufacturing	19,363	27,079	34,344
Electricity, gas and water	3,250	2,906	3,545
Construction	6,020	17,060	25,076
Trade, restaurants and hotels	28,700	35,053	60,087
Transport, storage and communications	17,699	32,781	43,865
Other marketable services	14,584	26,042	51,762
Government services	36,064	45,352	54,860
Private non-profit services to households	500	700	1,000
Sub-total	189,910	350,081	530,033
Import duties	10,427	17,494	21,959
Less Imputed bank service charge	2,024	7,178	10,286
GDP in purchasers' values	198,313	360,397	541,706

* Data for 1979 are not available.

BALANCE OF PAYMENTS (US \$ million)

	1982	1983	1984
Merchandise exports f.o.b.	1,108.5	1,066.2	1,268.4
Merchandise imports f.o.b.	-663.8	-649.5	-617.6
Trade balance	444.7	416.7	650.8
Exports of services	97.2	93.2	86.8
Imports of services	-855.4	-906.7	-524.8
Balance on goods and services	-313.5	-396.8	212.8
Private unrequited transfers (net)	-47.2	-41.1	-45.0
Government unrequited transfers (net)	29.9	37.7	44.9
Current balance	-330.8	-400.2	212.8
Direct capital investment (net)	35.3	56.1	34.9
Other long-term capital (net)	413.6	118.9	66.1
Short-term capital (net)	-246.6	121.7	-236.7
Net errors and omissions	43.4	71.2	-139.8
Total (net monetary movements)	-85.0	-32.3	-62.6
Valuation changes (net)	-4.1	2.8	4.6
Exceptional financing (net)	3.4	--	54.2
Official financing (net)	-0.6	-0.1	0.6
Changes in reserves	-86.4	-29.7	-3.2

Source: IMF, *International Financial Statistics*.

External Trade

Note: Figures exclude trade with other states of the Customs and Economic Union of Central Africa (UDEAC).

PRINCIPAL COMMODITIES (million francs CFA)

Imports c.i.f.	1983	1984	1985
Machinery	68,257.4	54,452.5	62,481.4
Transport equipment	29,783.5	32,598.5	28,225.9
Petroleum products	5,672.6	9,766.1	8,290.2
Chemicals and related products	14,501.5	21,084.2	20,545.5
Textile materials and manufactures	6,724.0	10,495.1	8,648.9
Iron and steel	29,884.5	29,911.0	36,053.3
Food, beverages and tobacco	38,005.1	49,370.0	47,318.9
Plastic and rubber goods	7,548.8	7,923.8	7,046.5
Precision instruments, watches, etc.	5,606.7	6,143.3	6,307.1
Total (incl. others)	239,969.9	259,820.0	306,198.4

Source: Direction Générale des Douanes et des Droits Indirects.

Exports f.o.b.	1983	1984	1985
Petroleum and petroleum products	213,682.9	474,146.3	455,554.0
Wood	8,888.8	19,919.5	12,363.0
Diamonds	13,697.8	6,090.8	5,010.2
Coffee	1,103.8	2,548.8	952.4
Iron and steel	1,750.6	5,221.4	6,054.6
Total (incl. others)	243,719.7	516,700.0	488,365.7

Statistical Survey

Source (unless otherwise stated): Statistical Service, Banco de Cabo Verde, Av. Amílcar Cabral, São Tiago; tel. 341; telex 99350.

AREA AND POPULATION

Area: 4,033 sq km (1,557 sq miles).

Population: 272,571 (census of 15 December 1970); 296,093 (census of 2 June 1980); 326,000 (UN estimate, mid-1985). By island: Boa Vista 3,397, Brava 6,984, Fogo 31,115, Maio 4,103, Sal 6,006, Santo Antão 43,198, São Nicolau 13,575, São Tiago 145,923, São Vicente 41,792 (census of 2 June 1980).

Births and Deaths (1981): Live births 9,992; deaths 2,244.

Economically Active Population (ILO estimates, '000 persons at mid-1980): Agriculture 53; Industry 23; Services 26; Total 102 (males 74, females 28). Source: ILO, *Economically Active Population Estimates and Projections, 1950-2025*.

AGRICULTURE, ETC.

Principal Crops (FAO estimates, '000 metric tons, 1985): Maize 1, Potatoes 3, Cassava 2, Sweet potatoes 2, Sugar cane 9, Bananas 3.

Livestock (FAO estimates, '000 head, year ending September 1985): Cattle 13, Pigs 24, Sheep 1, Goats 78, Asses 6.

Fishing ('000 metric tons, live weight): Total catch 10.4 in 1982; 13.2 in 1983; 9.1 in 1984.

MINING

Production (metric tons, 1981): Salt (unrefined) 6,445; Pozzolana 16,300 (estimate by US Bureau of Mines).

INDUSTRY

Production (metric tons, 1981): Biscuits 432, Flour 7,942, Bread 2,310, Canned tuna 315, Frozen fish 1,300, Cigars 13, Alcoholic beverages 208,000 litres, Soft drinks 79,700 litres. Source: Direcção Geral de Estatística, Praia.

FINANCE

Currency and Exchange Rates: 100 centavos = 1 Cape Verde escudo; 1,000 escudos are known as a conto. Coins: 20 and 50 centavos; 1, 2½, 10, 20 and 50 escudos. Notes: 100, 500 and 1,000 escudos. Sterling and Dollar Equivalents (31 January 1987): £1 sterling = 110.193 escudos; US \$1 = 72.045 escudos; 1,000 Cape Verde escudos = £9.075 = \$13.880. Average Exchange Rate (escudos per US dollar): 58.29 in 1982; 71.69 in 1983; 84.88 in 1984.

Budget (estimates, million escudos, 1984): Revenue 1,630; Expenditure 2,134.5.

Source: *Marchés Tropicaux et Méditerranéens*.

Currency in Circulation ('000 escudos, 1976): Notes 465,609, Coins 8,415.

Cost of Living (Consumer Price Index for Praia, excluding clothing and rent; 1974 = 100): 169.4 (1977), 192.0 (1978), 205.2 (1979). Source: US Agency for International Development.

Gross Domestic Product by Economic Activity (million escudos at current prices, 1980): Agriculture and forestry 570; Fishing 180; Industry, electricity and water 120; Construction and public works 590; Trade, transport and telecommunications 1,360;

Public administration 450; Other services 80; Total 3,350. Source: Centro de Estudos Economia e Sociedade, Lisbon.

Balance of Payments (million escudos, 1981): Merchandise trade (net) -3,880; Net services 15, Balance on Goods and Services -3,865; Private transfers 1,760; Other income 25; Current Balance -2,080; Public transfers 1,940; Net errors and omissions 170; Total (net monetary movements) 30. Source: Centro de Estudos Economia e Sociedade, Lisbon.

EXTERNAL TRADE

Principal Commodities ('000 escudos, 1981): Imports: Animals and animal products 120,498, Vegetable products 475,231, Fats and oils 141,136, Foodstuffs and beverages 475,369, Mineral products 635,240, Chemical products 201,475, Textiles and textile products 157,187, Base metals 199,678, Machinery and electrical equipment 365,056, Transport equipment 230,763; Total (incl. others) 3,451,649. Exports: Animals and animal products 16,728, Vegetable products 86,592, Foodstuffs and beverages 13,900, Mineral products 12,017, Skins and hides 1,135, Machinery and electrical equipment 628, Transport equipment 128, Total (incl. others) 146,996. Source: Direcção Geral de Estatística, Praia.

Principal Trading Partners ('000 escudos, 1981): Imports: Angola 19,971, Netherlands 342,588, Portugal 1,378,718, United Kingdom 169,878, USA 168,162; Total (incl. others) 3,451,649. Exports: Angola, 14,239, Central African Republic 6,502, Guinea-Bissau 1,217, Portugal 91,819, São Tomé and Príncipe 4, United Kingdom 599, Zaire 2,980; Total (incl. others) 146,996.

TRANSPORT

Road Traffic (motor vehicles in use, 1984): Passenger cars 3,000, Commercial vehicles 700.

Shipping (1983): Freight loaded 17,000 metric tons; freight unloaded 32,700 metric tons; (1981): Vessels entered 2,544; passengers embarked 97,746; passengers disembarked 97,746. Source: mainly Direcção Geral de Estatística, Praia, São Tiago.

Civil Aviation (Amílcar Cabral airport, 1982): Freight loaded 104.7 metric tons; freight unloaded 615.3 metric tons; passengers embarked 23,106; passengers disembarked 21,200. Source: Direcção Geral de Estatística, Praia, São Tiago.

COMMUNICATIONS MEDIA

Radio receivers (1983): 47,000 in use.

Television receivers (1985): 500 in use.

Telephones (1984): 2,000 in use.

EDUCATION

Primary (1982/83): 436 schools, 50,000 pupils, 1,459 teachers.

Preparatory (1982/83): 13 schools, 7,262 pupils, 500 teachers.

Secondary (1982/83): 3 schools, 3,192 pupils, 103 teachers.

Teacher training (1982/83): 3 units, 199 pupils, 32 teachers.

Industrial school: 1 school, 724 pupils, 40 teachers.

Source: Ministério da Educação e Cultura, CP 111, Praia, São Tiago.

GABON

External Trade

Note: Figures exclude trade in gold and trade with other countries in the Customs and Economic Union of Central Africa (UDEAC): Cameroon, the Central African Republic and the Congo.

PRINCIPAL COMMODITIES (million francs CFA)

Imports	1980	1981	1982
Food products	22,700	26,500	42,200
Mineral products	3,700	4,000	6,600
Manufactured products	20,600	23,700	41,000
Construction materials	5,200	6,200	3,400
Chemical products	14,000	16,500	19,000
Metal and metal products	21,200	28,100	42,200
Equipment and tools	49,600	64,600	70,900
Transport equipment	15,600	20,600	30,500
Total (incl. others)	152,600	226,800	253,000

1983: Total imports 261,000m. francs CFA.

1984 (estimates): Total imports 320,350m. francs CFA.

1985 (estimates): Total imports 362,000m. francs CFA.

PRINCIPAL TRADING PARTNERS (million francs CFA)

Imports	1982	1983
Belgium/Luxembourg	3,900	4,700
France	135,000	141,500
Germany, Fed. Republic	16,000	13,300
Italy	7,200	8,200
Japan	18,000	19,300
Netherlands	6,700	9,900
Spain	4,700	6,500
United Kingdom	7,400	9,400
USA	40,000	28,800
Total (incl. others)	253,000	261,200

Source: Centre Gabonais du Commerce Extérieur.

Exports	1980	1981	1982
Crude petroleum	413,300	485,200	544,300
Timber	49,900	47,000	52,000
Manganese ores and concentrates	32,200	27,600	33,000
Agricultural products	700	1,700	20,000
Total (incl. others)	511,000	578,400	669,300

Source: *Marchés Tropicaux et Méditerranéens*.

1983: Total exports 562,300m. francs CFA.

1984 (estimates): Total exports 881,500m. francs CFA.

1985 (estimates): Total exports 862,500m. francs CFA.

Exports	1983
Belgium	24,900
Canada	24,900
France	171,000
Italy	30,800
Netherlands	26,900
Spain	37,600
United Kingdom	22,900
USA	144,100
Total (incl. others)	562,300

Transport

RAILWAYS (traffic)

	1983	1984	1985
Passengers carried	102,283	135,913	137,111
Freight carried (metric tons)	620,203	664,605	723,034

Source: Ministry of Rail, Road and Inland Water Transport.

ROAD TRAFFIC (motor vehicles in use)

	1983	1984	1985
Passenger cars	15,150	15,650	16,093
Buses and coaches	479	508	546
Goods vehicles	9,240	9,590	9,960

Source: Ministry of Rail, Road and Inland Water Transport.

CIVIL AVIATION (traffic on scheduled services)

	1982	1983	1984
Kilometres flown ('000)	5,800	6,100	5,800
Passengers carried	421,000	428,000	436,000
Passenger kilometres ('000)	430,000	435,000	468,000
Freight ton-kilometres ('000)	27,300	30,900	31,800
Mail ton-kilometres ('000)	800	1,000	600

Source: UN, *Statistical Yearbook*.

INTERNATIONAL SEA-BORNE SHIPPING
Port of Libreville-Owendo

	1980	1981	1982*
Ships entered	986	n.a.	n.a.
Goods loaded ('000 metric tons)	476.8	324	243
Goods unloaded ('000 metric tons)	440.0	468	538

Port-Gentil

	1980	1981	1982
Goods loaded ('000 metric tons)	9,618.6	6,526	6,524
Goods unloaded ('000 metric tons)	176.8	174	195

* Estimates.

Source: *Annuaire National de la République Gabonaise 1983-8*.

Statistical Survey

AREA AND POPULATION

Area: 36,125 sq km (13,948 sq miles).

Population: 487,448 (census of 15 December 1970, which covered only those areas under Portuguese control); 767,739 (males 370,225; females 397,514) at census of 16-30 April 1979; 810,000 (official estimate for mid 1981). *By Region* (1979 census, provisional): Bafatá 116,032, Biombo 56,463, Bissau 109,214, Bolama/Bijagos 25,743, Cacheu 130,227, Gabú 104,315, Oio 135,114, Quinara 35,532, Tombali 55,099.

Density (mid-1981): 22.4 per sq. km.

Principal Towns: Bissau (capital) 109,214, Bafatá 13,429, Gabú 7,803, Mansão 5,390, Catió 5,170, Cantchungo 4,965, Farim 4,468 (census of April 1979).

Births and Deaths (UN estimates, 1975-80): Average annual birth rate 40.9 per 1,000; Death rate 21.9 per 1,000.

Economically Active Population (ILO estimates, '000 persons at mid 1980): Agriculture, etc. 332 (males 174, females 158); Industry 11 (males 12, females 3); Services 57 (males 46, females 11); Total 403 (males 231, females 172). Source: ILO, *Economically Active Population Estimates and Projections, 1950-2025*.

AGRICULTURE, ETC.

Principal Crops (FAO estimates, '000 metric tons, 1985): Rice (paddy) 110, Maize 15, Millet 25, Sorghum 15, Roots and tubers 40, Groundnuts (in shell) 30, Coconuts 25, Copra 5, Palm kernels 11, Palm oil 2.8, Vegetables and melons 20, Plantains 25, Other fruits 15, Sugar cane 5.

Livestock (FAO estimates, '000 head, year ending September 1985): Cattle 225, Pigs 133, Sheep 65, Goats 150.

Livestock Products (FAO estimates, '000 metric tons, 1985): Beef and veal 3; Pig meat 4; Cow's milk 7; Goat's milk 2.

Forestry (FAO estimates, '000 cubic metres, 1984): Roundwood removals 558 (sawlogs, etc. 40, other industrial wood 96, fuel wood 422); Sawwood production 16.

Fishing (metric tons, live weight, 1984): Fishes 2,466; Crustaceans and molluscs 230; Total catch 2,696.

INDUSTRY

Electric energy (1984): 14 million kWh.

FINANCE

Currency and Exchange Rates: 100 centavos = 1 Guinea peso. Coins: 5, 10, 20 and 50 centavos; 1, 2 1/2, 5, 10 and 20 pesos. Notes: 50, 100 and 500 pesos. *Sterling and Dollar Equivalents* (31 December 1986): £1 sterling = 354.29 pesos; US \$1 = 238.98 pesos; 1,000 Guinea pesos = £2,823 = \$4,184. *Average Exchange Rate* (Guinea pesos per US dollar): 39.87 in 1982; 42.10 in 1983; 105.29 in 1984.

Note: Between May 1978 and December 1983 the currency was tied to the IMF's special drawing right at a mid-point exchange rate of SDR1 = 44 Guinea pesos.

Budget (US \$ million, 1982): *Revenue:* Direct taxes 5.2, Indirect taxes 13.7, Other recurrent revenue 4.5, Capital receipts 0.1, Total 23.5; *Expenditure:* Total 59.9.

Gross Domestic Product (estimates, million Guinea pesos at current prices): 5,204 in 1980; 5,888 in 1981; 6,490 in 1982. Source: UN Economic Commission for Africa, *African Statistical Yearbook*.

EXTERNAL TRADE

Principal Commodities (US \$ million 1983): *Imports:* Food, beverages and tobacco 11.9, Fuels and lubricants 7.5, Machinery and equipment 2.6, Transport equipment 7.1, Total (incl. others) 54.9. *Exports:* Palm kernels 1.3, Groundnuts (shelled) 3.4, Cashew nuts 1.2, Fish 2.1, Timber 0.4, Total (incl. others) 8.6.

Principal Trading Partners (million pesos): *Imports* (1984): France 232.7, Germany, Fed. Repub. 243.7, Italy 110.4, Netherlands 215.6, Portugal 924.0, Senegal 362.0, Sweden 70.2, USSR 462.7, USA 192.4, Total (incl. others) 3,230.7. Source: Ministry of Planning, Bissau.

Exports (1980): Cape Verde 23.0, China, People's Repub. 14.6, Guinea 10.3, Netherlands 20.9, Portugal 101.3, Senegal 5.5, Spain 95.2, Switzerland 87.5, Total (incl. others) 382.3. Source: Direcção-Geral de Estatística, Bissau.

TRANSPORT

Road Traffic (vehicles in use, 1972): Cars 3,268, Lorries and buses 1,098, Motor cycles 758, Total 5,124.

International Sea-borne Shipping (estimated freight traffic, '000 metric tons, 1983): Goods loaded 35; Goods unloaded 100. Source: UN, *Monthly Bulletin of Statistics*.

Civil Aviation (1979): Passengers embarked 11,916, Passengers disembarked 9,879, Freight loaded 102,406 kg, Freight unloaded 364,276 kg.

EDUCATION

Pre-School (1984/85): 6 schools, 736 pupils, 38 teachers.

Basic 1st cycle (1984/85): 640 schools, 67,818 pupils, 2,435 teachers.

Basic 2nd cycle (1984/85): 28 schools, 13,626 pupils, 718 teachers.

Secondary (1984/85, liceus): 12 schools, 11,710 pupils, 650 teachers.

Teacher Training (1984/85): 2 schools, 594 pupils, 38 teachers.

Technical (1984/85): 2 schools, 433 pupils, 69 teachers.

Source: Ministério da Educação Nacional, Bissau.

Directory

The Constitution

A new constitution for the Republic of Guinea-Bissau was approved by the National People's Assembly on 16 May 1984. Its main provisions are summarized below:

The Constitution defines Guinea-Bissau as an anti-colonialist and anti-imperialist Republic and a State of revolutionary national democracy, based on the people's participation in carrying out, controlling and directing public activities. The Constitution states that the party that fought against Portuguese colonialism, the Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC), shall be the leading political force in society and in the State. The PAIGC shall define the general bases for policy in all fields.

The economy of Guinea-Bissau shall be organized on the principles of state direction and planning. The State shall control the country's foreign trade.

The representative bodies in the country are the National

People's Assembly and the regional councils. Other state bodies draw their powers from these. The members of the regional councils shall be directly elected. Members of the councils must be more than 18 years of age. The National Assembly shall have 150 members, who are to be elected by the regional councils from among their own members. All members of the National Assembly must be more than 21 years of age.

The National Assembly shall elect a 15-member Council of State, to which its powers are delegated between sessions of the Assembly. The Assembly also elects the President of the Council of State, who is also automatically Head of the Government and Commander-in-Chief of the Armed Forces. The Council of State will later elect two Vice-Presidents and a Secretary. The President and Vice-Presidents of the Council of State form part of the Government, as do Ministers, Secretaries of State and the Governor of the National Bank.

The Constitution can be revised at any time by the National People's Assembly on the initiative of the deputies themselves, or of the Council of State or the Government.

Statistical Survey

AREA AND POPULATION

Area: 36,125 sq km (13,948 sq miles).

Population: 487,448 (census of 15 December 1970, which covered only those areas under Portuguese control); 767,739 (males 370,225; females 397,514) at census of 16-30 April 1979; 810,000 (official estimate for mid-1981). *By Region* (1979 census, provisional): Bafatá 116,032, Biombo 56,463, Bissau 109,214, Bolama/Bijagos 25,743, Cacheu 130,227, Gabú 104,315, Oio 135,114, Quinara 35,532, Tombali 55,099.

Density (mid-1981): 22.4 per sq. km.

Principal Towns: Bissau (capital) 109,214, Bafatá 13,429, Gabú 7,803, Mansôa 5,390, Catió 5,170, Cantchungo 4,965, Farim 4,468 (census of April 1979).

Births and Deaths (UN estimates, 1975-80): Average annual birth rate 40.9 per 1,000; Death rate 21.9 per 1,000.

Economically Active Population (ILO estimates, '000 persons at mid-1980): Agriculture, etc. 332 (males 174, females 158); Industry 14 (males 12, females 3); Services 57 (males 46, females 11); Total 403 (males 231, females 172). Source: ILO, *Economically Active Population Estimates and Projections, 1950-2025*.

AGRICULTURE, ETC.

Principal Crops (FAO estimates, '000 metric tons, 1985): Rice (paddy) 110, Maize 15, Millet 25, Sorghum 15, Roots and tubers 40, Groundnuts (in shell) 30, Coconuts 25, Copra 5, Palm kernels 11, Palm oil 2.8, Vegetables and melons 20, Plantains 25, Other fruits 15, Sugar cane 5.

Livestock (FAO estimates, '000 head, year ending September 1985): Cattle 225, Pigs 133, Sheep 65, Goats 150.

Livestock Products (FAO estimates, '000 metric tons, 1985): Beef and veal 3; Pig meat 4; Cow's milk 7; Goat's milk 2.

Forestry (FAO estimates, '000 cubic metres, 1984): Roundwood removals 558 (sawlogs, etc. 40, other industrial wood 96, fuel wood 422); Sawwood production 16.

Fishing (metric tons, live weight, 1984): Fishes 2,466; Crustaceans and molluscs 230; Total catch 2,696.

INDUSTRY

Electric energy (1984): 14 million kWh.

FINANCE

Currency and Exchange Rates: 100 centavos = 1 Guinea peso. Coins: 5, 10, 20 and 50 centavos; 1, 2½, 5, 10 and 20 pesos. Notes: 50, 100 and 500 pesos. *Sterling and Dollar Equivalents* (31 December 1986): £1 sterling = 354.29 pesos; US \$1 = 238.98 pesos; 1,000 Guinea pesos = £2.823 = \$4.184. *Average Exchange Rate* (Guinea pesos per US dollar): 39.87 in 1982; 42.10 in 1983; 105.29 in 1984.

Note: Between May 1978 and December 1983 the currency was tied to the IMF's special drawing right at a mid-point exchange rate of SDR1 = 44 Guinea pesos.

Budget (US \$ million, 1982): *Revenue:* Direct taxes 5.2, Indirect taxes 13.7, Other recurrent revenue 4.5, Capital receipts 0.1, Total 23.5; *Expenditure:* Total 59.9.

Gross Domestic Product (estimates, million Guinea pesos at current prices): 5,204 in 1980; 5,888 in 1981; 6,490 in 1982. Source: UN Economic Commission for Africa, *African Statistical Yearbook*.

EXTERNAL TRADE

Principal Commodities (US \$ million 1983): *Imports:* Food, beverages and tobacco 11.9, Fuels and lubricants 7.5, Machinery and equipment 2.6, Transport equipment 7.1, Total (incl. others) 54.9. *Exports:* Palm kernels 1.3, Groundnuts (shelled) 3.4, Cashew nuts 1.2, Fish 2.1, Timber 0.4, Total (incl. others) 8.6.

Principal Trading Partners (million pesos): *Imports* (1984): France 232.7, Germany, Fed. Repub. 213.7, Italy 110.4, Netherlands 215.6, Portugal 924.0, Senegal 362.0, Sweden 70.2, USSR 462.7, USA 192.4, Total (incl. others) 3,230.7. Source: Ministry of Planning, Bissau.

Exports (1980): Cape Verde 23.0, China, People's Repub. 14.6, Guinea 10.3, Netherlands 20.9, Portugal 101.3, Senegal 5.5, Spain 95.2, Switzerland 87.5, Total (incl. others) 382.3. Source: Direcção-Geral de Estatística, Bissau.

TRANSPORT

Road Traffic (vehicles in use, 1972): Cars 3,268, Lorries and buses 1,098, Motor cycles 758, Total 5,124.

International Sea-borne Shipping (estimated freight traffic, '000 metric tons, 1983): Goods loaded 35; Goods unloaded 100. Source: UN, *Monthly Bulletin of Statistics*.

Civil Aviation (1979): Passengers embarked 11,916, Passengers disembarked 9,879, Freight loaded 102,406 kg, Freight unloaded 364,276 kg.

EDUCATION

Pre-School (1984/85): 6 schools, 736 pupils, 38 teachers.

Basic 1st cycle (1984/85): 640 schools, 67,818 pupils, 2,435 teachers.

Basic 2nd cycle (1984/85): 28 schools, 13,626 pupils, 718 teachers.

Secondary (1984/85, *liceus*): 12 schools, 11,710 pupils, 650 teachers.

Teacher Training (1984/85): 2 schools, 594 pupils, 38 teachers.

Technical (1984/85): 2 schools, 433 pupils, 69 teachers.

Source: Ministério da Educação Nacional, Bissau.

Directory

The Constitution

A new constitution for the Republic of Guinea-Bissau was approved by the National People's Assembly on 16 May 1984. Its main provisions are summarized below:

The Constitution defines Guinea-Bissau as an anti-colonialist and anti-imperialist Republic and a State of revolutionary national democracy, based on the people's participation in carrying out, controlling and directing public activities. The Constitution states that the party that fought against Portuguese colonialism, the Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC), shall be the leading political force in society and in the State. The PAIGC shall define the general bases for policy in all fields.

The economy of Guinea-Bissau shall be organized on the principles of state direction and planning. The State shall control the country's foreign trade.

The representative bodies in the country are the National

People's Assembly and the regional councils. Other state bodies draw their powers from these. The members of the regional councils shall be directly elected. Members of the councils must be more than 18 years of age. The National Assembly shall have 150 members, who are to be elected by the regional councils from among their own members. All members of the National Assembly must be more than 21 years of age.

The National Assembly shall elect a 15-member Council of State, to which its powers are delegated between sessions of the Assembly. The Assembly also elects the President of the Council of State, who is also automatically Head of the Government and Commander-in-Chief of the Armed Forces. The Council of State will later elect two Vice-Presidents and a Secretary. The President and Vice-Presidents of the Council of State form part of the Government, as do Ministers, Secretaries of State and the Governor of the National Bank.

The Constitution can be revised at any time by the National People's Assembly on the initiative of the deputies themselves, or of the Council of State or the Government.

BALANCE OF PAYMENTS (US \$ million)

	1983	1984	1985
Merchandise exports f.o.b.	10,309	11,827	12,804
Merchandise imports f.o.b.	-11,393	-8,844	-8,452
Trade balance	-1,084	2,984	4,353
Exports of services	509	489	403
Imports of services	-3,368	-3,028	-3,231
Balance on goods and services	-3,943	445	1,525
Private unrequited transfers (net)	-373	-299	-260
Government unrequited transfers (net)	-20	-26	-1
Current balance	-4,337	119	1,265
Direct capital investment (net)	345	200	353
Other long-term capital (net)	1,482	-246	-414
Short-term capital (net)	-151	-912	-775
Net errors and omissions	90	266	-399
Total (net monetary movements)	-2,570	-573	29
Valuation changes (net)	-185	-9	-561
Exceptional financing (net)	2,132	1,054	587
Changes in reserves	-623	472	56

Source: IMF, *International Financial Statistics*.

External Trade

PRINCIPAL COMMODITIES (N million)

Imports c.i.f.	1983	1984	1985
Food and live animals	1,296.7	843.2	940.6
Beverages and tobacco	13.1	10.4	7.4
Crude materials (inedible) except fuels	204.4	187.5	274.8
Mineral fuels, lubricants, etc.	53.0	52.1	47.9
Animal and vegetable oils and fats	105.6	101.8	85.7
Chemicals	714.0	656.4	868.9
Basic manufactures	1,477.1	846.0	1,263.7
Machinery and transport equipment	2,366.0	1,604.4	1,892.8
Miscellaneous manufactured articles	316.6	171.2	176.0
Other commodities and transactions	9.2	11.5	9.2
Total	6,555.7	4,484.5	5,536.9

Source: Central Bank of Nigeria.

PRINCIPAL TRADING PARTNERS (N million)

Imports*	1982†	1983†	1985
Belgium and Luxembourg	271.3	364.9	108.1
China, People's Republic	197.3	38.3	37.3
Czechoslovakia	24.7	19.2	2.7
Denmark	111.0	68.0	41.4
France	888.0	1,197.9	458.0
Germany, Fed. Republic	1,973.3	1,274.5	650.6
Hong Kong	222.0	296.8	36.8
India	24.7	19.1	24.8
Italy	838.6	422.3	211.5
Japan	1,356.6	890.5	408.3
Netherlands	518.0	451.0	202.6
Norway	49.3	87.2	18.6
Poland	86.3	19.2	18.8
Switzerland	98.7	210.8	115.0
USSR	37.0	38.8	68.1
United Kingdom	2,750.2	2,010.8	1,098.7
USA	1,381.3	1,359.7	741.6
Total (incl. others)	12,332.9	9,575.1	5,536.9

* Figures for 1984 are not available.

† Estimates.

Source (all external trade statistics): Central Bank of Nigeria.

Exports f.o.b.	1983	1984	1985
Food and live animals	273.9	234.7	243.8
Mineral fuels, lubricants, etc.	7,304.0	8,685.4	11,335.8
Total (incl. others)	7,751.2	9,138.8	11,720.8

Source: Central Bank of Nigeria.

Exports	1983*	1984†	1985
Belgium and Luxembourg	49.4	—	6.1
Denmark	86.1	51.3	9.3
France	1,507.2	1,924.2	1,902.7
Germany, Fed. Republic	888.4	915.1	863.5
Ghana	43.6	140.2	171.4
Italy	826.4	1,457.1	1,921.0
Netherlands	637.2	1,135.6	1,434.2
United Kingdom	197.4	298.8	538.6
USA	1,645.9	1,210.9	2,116.3
Total (incl. others)	7,201.2	8,840.6	11,720.8

Note: 1983-84 figures are based on oil exports alone.

* Provisional. † Estimates.

External Trade

Source: Banque Centrale des Etats de l'Afrique de l'Ouest.

PRINCIPAL COMMODITIES (million francs CFA)

Imports c.i.f.	1982	1983	1984
Food products	65,494	58,998	82,699
Dairy products	8,178	8,000	10,210
Cereals	32,034	21,057	50,213
Sugar and confectionery	4,152	3,167	584
Beverages and tobacco	4,907	6,105	6,548
Fuels	75,675	116,153	122,187
Crude petroleum	65,735	87,133	104,352
Other raw materials	4,050	4,458	11,137
Fats and oils	11,637	11,616	29,021
Machinery and transport equipment	67,025	86,540	73,215
Other industrial products	97,147	112,209	102,293
Chemicals	28,399	33,571	36,575
Miscellaneous manufactured articles	68,748	78,638	65,718
Cotton yarn and fabrics	8,991	8,174	6,142
Total (incl. others)	325,935	396,079	437,100

PRINCIPAL TRADING PARTNERS (million francs CFA)

Imports c.i.f.	1982	1983	1984
Algeria	8,365	54,720	35,902
Belgium and Luxembourg	6,944	7,575	7,596
China, People's Republic	9,172	8,644	12,789
Côte d'Ivoire	9,481	12,343	14,399
France	109,506	135,090	114,729
Germany, Fed. Republic	11,409	17,008	15,372
Italy	7,992	10,627	11,635
Japan	5,440	7,170	7,224
Netherlands	7,098	9,769	10,316
Nigeria	33,489	28,829	48,849
Spain	6,699	10,440	20,165
Thailand	24,609	12,129	27,076
United Kingdom	7,368	7,068	6,299
USA	12,175	12,787	22,360
Total (incl. others)	325,935	396,079	437,100

Exports f.o.b.	1982	1983	1984
Food products	46,672	59,167	64,707
Fresh fish	11,018	12,488	16,826
Canned fish	11,694	16,284	21,215
Crustaceans	7,457	8,637	11,433
Vegetables	1,098	928	2,279
Groundnut oil cakes	10,100	13,605	6,712
Fuels	45,825	40,761	43,188
Other raw materials	29,380	37,182	46,312
Groundnuts	653	4,103	4,233
Sea salt	2,925	3,122	4,179
Calcium phosphates	18,112	18,415	25,450
Cotton (ginned)	4,770	8,146	6,911
Groundnut oil	31,391	37,425	35,907
Machinery and transport equipment	7,693	7,924	6,010
Other industrial products	17,872	22,600	36,582
Chemicals	5,098	7,518	21,012
Fertilizers	2,263	4,102	6,673
Miscellaneous manufactured articles	12,774	15,082	15,570
Cotton yarn and fabrics	6,571	5,558	7,284
Total (incl. others)	180,037	206,976	233,974

Exports f.o.b.	1982	1983	1984
Côte d'Ivoire	10,349	9,748	12,083
France	52,860	65,645	71,540
Germany, Fed. Republic	3,319	3,924	2,496
India	2,562	2,971	5,374
Italy	5,650	7,345	9,657
Japan	2,589	2,088	3,728
Mali	4,679	4,632	6,576
Mauritania	7,625	7,081	6,402
Netherlands	6,041	8,563	4,860
Spain	3,666	6,712	6,320
Taiwan	2,466	3,909	2,300
Togo	1,880	988	1,302
Tunisia	1,943	390	26
United Kingdom	7,430	11,025	13,348
Total (incl. others)	180,036	206,976	233,974

Transport

RAILWAYS (traffic)

	1979	1980
Passenger-km (million)	465	426
Freight ton-km (million)	189	158

Source: UN, *Statistical Yearbook*.

ROAD TRAFFIC (motor vehicles in use at 31 December)

	1979	1980	1981
Passenger cars	78,043	79,258	82,308
Buses and coaches	6,309	6,994	n.a.
Goods vehicles	21,671	22,696	n.a.
Tractors*	1,866	1,911	1,961
Motor cycles and scooters	4,025	4,296	n.a.

* Excluding agricultural tractors.

Source: IRF, *World Road Statistics*.INTERNATIONAL SEA-BORNE SHIPPING
(freight traffic, '000 metric tons)*

	1982	1983	1984
Goods loaded	1,755	1,844	2,448
Goods unloaded	1,695	1,840	2,880

* Provisional figures.

Source: UN, *Monthly Bulletin of Statistics*.

CIVIL AVIATION (traffic on scheduled services)*

	1982	1983	1984
Km flown (million)	3.0	3.2	3.2
Passengers carried ('000)	121	125	126
Passenger-km (million)	229	229	230
Freight ton-km (million)	21.2	18.7	17.4

* Including an apportionment of the traffic of Air Afrique.

Source: UN, *Statistical Yearbook*.

BALANCE OF PAYMENTS (US \$ million)

	1982	1983	1984
Merchandise exports f.o.b.	1,454	1,522	1,993
Merchandise imports f.o.b.	-1,128	-1,113	-1,053
Trade balance	326	409	940
Exports of services	87	127	161
Imports of services	-997	-1,023	-806
Balance on goods and services	-584	-487	295
Private unrequited transfers (net)	-9	3	-91
Government unrequited transfers (net)	160	173	173
Current balance	-433	-310	377
Direct capital investment (net)	177	138	7
Other long-term capital (net)	-163	-232	-464
Short-term capital (net)	-12	-26	-245
Net errors and omissions	-320	-53	114
Total (net monetary movements)	-751	-483	-211
Valuation changes (net)	13	18	29
Exceptional financing (net)	549	440	149
Changes in reserves	-190	-25	-34

Source: IMF, *International Financial Statistics*.

External Trade

SELECTED COMMODITIES ('000 zaires)

Imports c.i.f.	1980	1981	1982
Consumer goods	352,320	365,175	303,543
Food, drink, tobacco	126,627	140,600	154,266
Textiles, clothing	37,698	59,904	26,338
Energy	572,309	834,766	359,759
Primary manufactures and semi-finished products	454,493	585,071	607,879
Capital goods	294,022	419,190	419,580
Others (incl. errors and omissions)	654,645	746,392	1,069,014
Total	2,327,789	2,950,594	2,759,775

Exports f.o.b.	1980	1981	1982
Mineral products	4,829,730	5,934,830	7,442,182
Copper	2,495,023	2,861,995	4,212,975
Cobalt	1,157,364	723,909	965,223
Zinc	56,808	227,626	228,578
Diamonds	242,274	250,715	434,780
Cassiterite	66,575	77,980	94,217
Crude petroleum	—	1,154,806	1,456,811
Agricultural products	676,076	711,259	943,484
Coffee	458,473	420,118	617,799
Palm oil and kernels	42,052	49,338	37,554
Industrial products	195,165	1,281,430	1,539,051
Total	5,700,971	7,927,519	9,924,719

SELECTED TRADING PARTNERS (million zaires)

Imports c.i.f.	1980	1981	1982
Belgium/Luxembourg	721.3	863.6	1,109.7
France	349.4	464.7	667.0
Germany, Federal Republic	435.1	399.8	402.5
Italy	199.9	208.7	149.5
Japan	127.7	309.9	247.2
Netherlands	76.3	113.3	143.7
United Kingdom	180.0	81.9	189.7
USA and Canada	434.5	618.1	540.5

Exports f.o.b.	1978	1979	1980
Belgium/Luxembourg	643.6	1,546.0	3,415.8
France	124.5	286.4	488.0
Germany, Federal Republic	105.3	184.1	321.4
Italy	112.0	206.2	428.7
Japan	70.2	199.6	375.7
Netherlands	22.6	32.7	64.6
South Africa	22.1	n.a.	n.a.
Switzerland	74.4	n.a.	n.a.
United Kingdom	160.5	242.5	341.6
USA and Canada	195.6	494.5	1,009.7
Zambia	0.3	n.a.	n.a.

Copial

BIBLIOGRAFIA

1. AFRICA South of the Sahara - 1988. 17th ed. London, Europa Publications, 1988.
2. ANGOLA busca a paz para vencer atraso e contradições. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 22 maio 1988. Caderno Internacional. p. 22.
3. AQUINO, Ruth de. Militares angolanos testam Urutu, Cascavel e Tucano. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 22 maio 1988. p. 23.
4. ARAUJO, José A. Azevedo. A conjuntura internacional do sul da África. Rio de Janeiro, EGN, 1987. Monografia apresentada no C-PEM em 1987.
5. ASIWAJU, Ganiyu O. A. & PALIWUDA, Stanley J. Nigeria its countertrade basics. Countertrade & Barter Quarterly, Singapore, 3(10):51-6, Spring 1986.
6. AZAMBUJA, Marcos C. As prioridades do Brasil na África. Rio de Janeiro, ESG, 1983. Conferência proferida na ESG em 1983.
7. BRANCO, Francisco Castelo. História de Angola, Luanda, AGC, 1932.
8. BORTOLI, Nelson Luiz. O Brasil e os novos países do Oeste africano. Rio de Janeiro, EGN, 1987. Monografia apresentada no C-PEM em 1987.
9. CARDOSO, Cesar M. Bastos. A Empresa Gerencial de Projetos Navais. Rio de Janeiro, EGN, 1988. Palestra proferida no C-PEM em 19 maio 1988.
10. CASTRO, Therezinha de. África: Geohistória, geopolítica e relações internacionais. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1981.
11. COLLOR, Lindolfo L. O Brasil em face do continente africano: aspectos políticos, econômicos, psicossociais e militares; perspectivas de evolução; proposta de atuação brasileira à vista dos interesses nacionais. Rio de Janeiro, ESG, 1986. Trabalho especial apresentado no CAEPE em 1986.
12. COMITINI, Carlos. África, o povo. Rio de Janeiro, Achiamé, 1982.
13. D'ADESKY, Jacques. As relações econômicas Brasil-África no contexto das relações internacionais. Política e Estratégia, São Paulo, 3(4):611-18, out/dez 1985.
14. DIAS, G. Souza. Os portugueses em Angola. Lisboa, Agência-Geral das Colônias, 1959.
15. DAVIDSON, Basil. The Africans. An entry to cultural history. London, Longmans Green, 1969.
16. DIDIONE, André Rubens. Países da África, particularmente Angola e Moçambique: análise atual e relacionamento. Rio de Janeiro, ESG, 1985. Trabalho especial apresentado no CAEPE em 1985.

17. FERKISS, Victor C. África - um continente à procura de seu destino. Rio de Janeiro, G.R.D., 1967.
18. FLORES, Mario Cesar. A importância do Atlântico Sul nas relações internacionais. Política e Estratégia, São Paulo, 2(1):95-106, jan./maio 1984.
19. _____. A importância estratégica da África Atlântica Subsaariana. Política e Estratégia, São Paulo, 2(3):425-68, jul./set. 1984.
20. FONSECA, Luiz H. Pereira. A posição do Brasil face à África Central e Ocidental. Rio de Janeiro, EGN, 1988. Conferência proferida no C-PEM em 5 abr. 1988.
21. GIANNETTI, Roberto F. Countertrade é política econômica. In formação semanal CACEX, Rio de Janeiro, 22(1036):4-5, jul. 1987.
22. GODOY, Carlos Augusto. As relações com a África em face das compatibilidades linguísticas, da influência de Portugal e da fidelidade na defesa dos valores do Ocidente. Rio de Janeiro, ESG, 1980. Trabalho especial apresentado no C-SG em 1980.
23. IMOBIGHE, T. A. An African High command: The Search for a feasible strategy of continental defence. African Affairs. London, Oxford University Press, 79(315):241-254, Apr. 1980.
24. KI-ZERBO, Joseph. História da África negra. Rio de Janeiro, Europa América, 1972.
25. LEGUN, Colin et alii. Africa in the 1980's. A continent in crisis. New York, McGraw-Hill, 1979.
26. MARTIN, Phyllis M. The Cabinda connection: an historical perspective. African Affairs. London, Oxford University Press, 76(302):47-59, jan. 1977.
27. MILITARY Balance, 1987-1988. London, IISS, 1987.
28. NEGROS. Veja. São Paulo, 20(19):20-43, 11 maio 1988.
29. OGUNBADEJO, O. Nigeria and the great powers: The impact of the civil war on Nigerian foreign relations. African Affairs. London, Oxford University Press, 75(298):14-32, Jan. 1976.
30. OGWV, U. Joy. Política e perpetuação do subdesenvolvimento africano: dimensões internas e externas. Estudos Afro-Asiáticos. Rio de Janeiro, 15(10):117-131, Jun. 1988.
31. OURO-PRETO, Affonso Celso. A posição do Brasil face à África Austral. Rio de Janeiro, EGN, 1980. Conferência proferida no C-SGN em 9 abr. 1980.
32. _____. O Brasil face aos países africanos de expressão portuguesa - Perspectivas. Rio de Janeiro, ESG, 1986. Trabalho especial apresentado no C-AEPE em 1986.
33. PAULA, Samuel. O porquê das guerras africanas. Rio de Janeiro, Paralelo, 1974.

34. PEREIRA, José Maria N. Brasil-África no governo Figueiredo: um balanço. Contexto Internacional. Rio de Janeiro, 4(2): 81-103, set. 1985.
35. _____. O apartheid e as relações Brasil-África do Sul. Estudos Afro-Asiáticos. Rio de Janeiro, 10(14):32-53, set. 1987.
36. PETRIC, Antonio. Africa, una vulnerabilidad. Armas e Geoes-tratêgia, Buenos Aires, 1(4):27-40, dic. 1982.
37. PUIL, John van der et alii. Countertrade fad or economic e volution? Countertrade & Barter Quarterly, Singapore, 3(10): 33-7, Spring 1986
38. RODRIGUES, José Honorio. Brasil e África, outro horizonte. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1964. V. 1.
39. _____. Interesse nacional e política externa. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966.
40. ROUX, Jean Pierre et alii. Après le repli portuguais, cette fois l'Afrique Novie. Paris, L. J., 1976.
41. SACADURA-FALCÃO, F. de. Quo vadis Africa. Lisboa, Império, 1963.
42. SALEK, Namir. O comércio exterior brasileiro: evolução e sis tema atual. Rio de Janeiro, EGN, 1988. Conferência proferi da na EGN em 21 jun. 1988.
43. SENGHOR, Henri P. A. O Atlântico Sul e a África. Rio de Ja neiro, ESG 1970. Conferência proferida na ESG em 27 jul 1970.
44. SHAW, Timothy M. & VALUKO Olajide. Africa projected from re cession to renaissance by the year 2.000? Hong Kong, Mae millan, 1985.
45. SOARES, A. Aldighieri. O continente africano ou as muitas Á fricas. Revista Marítima Brasileira, Rio de Janeiro, 98(719): 31-51, jul./set. 1978.
46. STEENHAGEN, Pedro F. A importância estratégica da África pa- ra a segurança nacional. Rio de Janeiro, ESG, 1978. Traba lho especial apresentado no C-SG em 1978.
47. STOFFEL, Hugo. Interesses brasileiros e internacionais no Atlântico Sul. Rio de Janeiro, EGN, 1988. Aula inaugural do ano letivo na EGN em 4 mar. 1988.
48. SUNAMAM: anuário 1986. Rio de Janeiro, Ministério dos Trans portes, 1987.
49. VANHAEVERBEKE A. Problèmes économiques des pays en voie de dévelloppement. Bruxels, AGCD, 1982.

ESTE LIVRO DEVE SER DEVOLVIDO NA ÚLTIMA
DATA CARIMBADA

2 OUT 90	06 NOV 1993		
7 MAR 91	31 MAI 1994		
14 MAR 91	06 ABR 1995		
22 MAR 91	11 MAI 1995		
27 ABR 91	25 ABR 1996		
25 MAI 91	22 JUN 1997		
21 JUN 91	01 AGO 1998		
91.3.92	26 FEV 2004		
08 MAI 92			
20 MAI 92			
12 JUN 92			
24 JUN 92			
13 JUL 92			
01 MAI 1993			

MINISTÉRIO DA MARINHA
ESCOLA DE GUERRA NAVAL
Biblioteca

Cabral, Ricardo Antonio da Vei
ga

O Brasil e os novos países do
oeste africano

4-C-55,

(1658/88)

Labral, Ricardo Antonio da
Weira

AUTOR

O Brasil e os novos países do

TITULO

este africano. H-E-55

DEVOLVER EM

NOME DO LEITOR

02 OUT 90

~~João Batista - CC~~

07 MAR 91

~~ENG MARTINS~~

14 MAR 91

~~ENG PIMENTEL~~

22 MAR 91

~~ENG PIMENTEL~~

27 ABR 91

~~Lawrence~~

25 MAI 91

~~Lawrence~~

21 JUN 91

~~Lawrence Gouveia~~

01.3.92

~~ENG BRAGA~~

08 MAI 92

CC QUARESMA

20 MAI 92

Renovado

12 JUN 92

Renovado

24 JUN 92

~~CC CARAUJO~~

R-1658 (88)

DEVOLVER EM

NOME DO LEITOR

13 JUL 92

CMG Sampaio
CA CARLOS (ESS)

01 MAI 1993

06 NOV 1993

WILSON CF

31 MAI 1994

CC Terry

06 ABR 1995

CMG MARINHO
MARINHO

01 MAI 1995

CC Caetano

25 ABR 1996

CC Gil

22 JUN 1997

CMG Sampaio

01 AGO 1998

CC (M) Patrícia

26 FEV 2001

Jacqueline CCF



00037090001658

O Brasil e os novos países do oeste africano

4-C-55